



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

PEDRO PALUDETTO SILVEIRA

**A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL DAS PRAÇAS EM
CENTROS HISTÓRICOS: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA PRAÇA
ROOSEVELT EM SÃO PAULO-SP**

BAURU/SP

2018

PEDRO PALUDETTO SILVEIRA

**A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL DAS PRAÇAS EM
CENTROS HISTÓRICOS: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA PRAÇA
ROOSEVELT EM SÃO PAULO-SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosio Fernández Baca Salcedo.

BAURU/SP

2018

Silveira, Pedro Paludetto.

A percepção da paisagem cultural das praças em centros históricos: uma análise dialógica da Praça Roosevelt em São Paulo-SP / Pedro Paludetto Silveira, 2018

157 f.

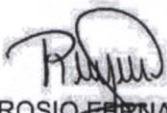
Orientadora: Rosio Fernández Baca Salcedo

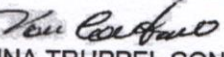
Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018

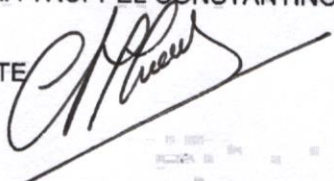
1. Praças. 2. Percepção Topofilica e Topofobica. 3. Paisagem cultural. 4. Método Urbanismo dialógico. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE PEDRO PALUDETTO SILVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 24 dias do mês de setembro do ano de 2018, às 14:00 horas, no(a) Auditório da Seção Técnica de Pós-graduação da FAAC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO - Orientador(a) do(a) Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo / Unesp Campus de Bauru, Profa. Dra. NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO do(a) Departamento de Arq Urb e Paisagismo / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Prof. Dr. MARCELO ZARATE do(a) Proyectos de La Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo / Universidad Nacional del Litoral de Santa Fé, Argentina, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de PEDRO PALUDETTO SILVEIRA, intitulada **A percepção da paisagem cultural das praças em centros históricos: uma análise dialógica**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO


Profa. Dra. NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO


Prof. Dr. MARCELO ZARATE

"O arquiteto que realmente projeta para seres humanos precisa conhecer muito mais do que apenas os cinco cânones de Vitrúvio."

Richard Neutra.

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus, pois sem Ele, esta caminhada não teria se concluído.

Agradeço imensamente a Prof^a Rosio Salcedo, pela oportunidade, pelas orientações, pelas aulas, pelas palestras, por todo conhecimento transmitido, pela paciência, pelos conselhos, correções e por toda a dedicação a esta pesquisa.

Ao Profs^o. Prof. Dr. Marcelo Zárate Marsili, agradeço pela participação, contribuições, conhecimentos para o melhoramento desta pesquisa e entendimento (amadurecimento) do método Urbanismo Dialógico. Agradeço a Prof^a Norma Regina Truppel Constantino, pela participação, contribuições, melhoramentos desta pesquisa no que diz respeito aos espaços públicos (Praças).

A todos os Professores Doutores, pelas aulas, contribuições, orientações e conhecimento transmitido nestes anos de pós-graduação, foram intensos e ricos.

A todos os Funcionários Servidores da Unesp de Bauru, pela atenção, orientações, lembretes, todo o auxílio foi fundamental.

Não poderia esquecer dos colegas e amigos, foram muitos, todos contribuindo de uma forma especial, muitas risadas, caronas, almoços e jantas. Agradecimento especial para o Regis G. Filho, mais conhecido como (Sadam), pelas informações documentadas da Praça Roosevelt, ao Guilherme G. Rodrigues pelas estadias em sua residência e a Débora Boni pelas parcerias de orientações e risadas nos momentos tensos.

Por fim, um agradecimento especial a toda minha família, a minha amada esposa, Eliane S. A. Silveira pelo apoio e paciência, a minha mãe Maria Rosilene P. Silveira pelas companhias nas viagens, ao meu irmão Lucas P. Silveira pelas revisões ortográficas e a sua esposa Tais Correa pelas traduções, a minha irmã Tassia P. Silveira pelo incentivo. Um muito obrigado a todos, que de uma maneira ou outra contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

A qualidade da Praça interfere na percepção das pessoas, nos usos e permanência. A Praça Franklin Roosevelt, localizado do distrito da República no centro histórico de São Paulo sofreu várias intervenções desde sua gênese até a atual Praça implementada em 1970. Neste contexto, a pesquisa tem por objetivos identificar os elementos dos ambientes físico, social e simbólico e suas relações da paisagem cultural da Praça em centros históricos que interferem na percepção topofílica e topofóbica dos usuários, realizado através de estudo de caso na Praça Franklin Roosevelt, utilizando o método dialógico. Método Urbanismo Dialógico com fundamentação teórica e filosófica de Bakhtin, Muntanola e Zarate, na relação de texto ou objeto de estudo com seu contexto, segundo as dimensões: física, social e simbólica, e suas relações. Resultados: para saber quais são os lugares e quais os graus de topofilia e topofobia na Praça Roosevelt, as respostas foram geradas através de questionários aplicados in loco, assim foram delimitados os lugares e seus graus de topofilia e topofobia. Os usuários relataram que os lugares mais topofílicos são: os quiosques, o centro da praça, a escadaria dos teatros, o centro cachorródromo, a pista de skate e a escadaria do skate. Já os lugares mais topofóbicos são: o parque infantil, a escadaria da guarda civil, o centro da Guarda civil, a escadaria dos teatros e a igreja.

Palavras-chave: Praças, Percepção Topofílica e Topofóbica, Paisagem cultural, Gestão Pública, Método Urbanismo dialógico.

ABSTRACT

The quality of the Square interferes in the perception of the people, in the uses and permanence. Franklin Roosevelt Square, located in the district of República in the historic center of São Paulo, has undergone several interventions from its genesis to the current Plaza implemented in 1970. In this context, the research aims to identify the elements of the physical, social and symbolic environments and their relations of the cultural landscape of the Square in historical centers that interfere in the topofílica and topofóbica perception of the users, realized through a case study in the Place Franklin Roosevelt, using the dialogical method. Dialogical Urbanism Method with the theoretical and philosophical foundation of Bakhtin, Muntañola and Zarate, in the relation of text or object of study with its context, according to the physical, social and symbolic dimensions, and their relations. Results: In order to know the places and what degrees of topofilia and topobobia in Roosevelt Square, the answers were generated through questionnaires applied in loco, thus were delimited the places and their degrees of topofilia and topophobia. Users have reported that the topophilic places are: the kiosks, the center of the square, the staircase of the theaters, the center of the dog, the skating rink and the skate staircase. The most topical places are: the children's playground, the civil guard staircase, the center of the Civil Guard, the staircase of the theaters and the church.

Key words: Squares, Topophilic and Topophobic Perception, Cultural Landscape, Public Management, Dialogical Urbanism Method.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA.....	17
1. DIÁLOGOS DA PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA.....	22
1.1 Urbanismo dialógico.....	23
1.2 Centro Histórico.....	25
1.3 Gestão pública	29
1.4 Paisagem cultural.....	31
1.4.1 Praças	32
1.4.1.1 Tipos de Praças.....	36
1.4.2. Categoria de análise da paisagem cultural da Praça.....	39
1.4.2.1 Ambiente físico	39
1.4.2.2 Ambiente social	40
1.4.2.3 Ambiente simbólico	41
1.4.2.4 Matrizes	43
1.4.2.5 Mapas heurísticos.....	43
1.4.2.6 Sinergias.....	44
1.5 Percepção tofófila e tofóbica	44
2. MÉTODO	47
2.1 Relação da Praça com seu contexto	47
2.2 Identificação dos Lugares.....	48
2.2.1 Ambiente físico	48
2.2.2 Ambiente social	49
2.2.3. Ambiente simbólico.....	49
2.2.3.1 Questões Positivas (Topofilia)	50
2.2.3.2 Questões Negativas (Topofobia)	50
2.3 Matrizes.....	50
2.4 Mapas heurísticos	51
2.5 Tabelas de sinergias	52
2.6 Questionários na Praça Roosevelt	53
2.6.1 Aplicação dos questionários:	53
2.7 Materiais e procedimentos da pesquisa de campo:.....	54
2.8 Área da pesquisa de campo:	54
3. CONTEXTO: CENTRO HISTÓRICO E PREFEITURA DE SÃO PAULO.....	56

3.1	Centro histórico de São Paulo	56
3.1.1	Aspectos gerais	56
3.1.2	Transporte público	65
3.1.3	Relações urbanas u ambientais	67
3.1.4	Social.....	69
3.1.5	Espaços Culturais	71
3.2	Prefeitura de São Paulo/Subprefeitura do Distrito da República	75
4.	A PRAÇA FRANKLIN ROOSEVELT	78
4.1	A gênese da Praça	79
4.2	Praça Roosevelt (1967).....	82
4.3	Degradação da Praça Roosevelt.....	85
4.4	Requalificação da Praça Roosevelt (2012 - atual).....	87
4.4.1	Ambiente projetual da Praça Roosevelt	87
4.4.2	Ambiente físico da Praça Roosevelt.....	90
4.5.3	Elementos físicos nos lugares da Praça Roosevelt.....	91
5.	ANÁLISE DA PRAÇA ROOSEVELT	99
5.1	Análise da Praça Roosevelt com seu contexto	99
5.1.1	Viabilidade urbana	99
5.1.2	Viabilidade cultural	100
5.1.3	Viabilidade ambiental	101
5.1.4	Viabilidade social.....	102
5.2	Análise da Praça Roosevelt.....	104
5.2.2	Lugares topofílicos e topofóbicos	104
5.3	Análise das matrizes físico-simbólica, socio-física e socio-simbólica da Praça Roosevelt	111
5.3.1	Matriz físico-simbólica	111
5.3.2	Matriz socio-física	112
5.3.3	Matriz socio-simbólica	113
5.4	Mapa heurístico.....	114
5.4.1	Mapa heurístico para topofolia.....	114
5.4.2	Mapa heurístico da topofobia	116
5.5	Sinergia	118
5.5.1	Sinergia topofílica	118
5.5.2	Sinergia topofóbica	121

5.6 Elementos dos ambientes físico, social e simbólicos dos lugares da Praça Roosevelt que influenciam na percepção.....	123
5.6.1 Elementos dos ambientes físico, social e simbólicos dos lugares da Praça Roosevelt que influenciam na percepção topofílica.....	123
5.6.1.1 Escadaria do Teatro.....	124
5.6.1.2 Quiosques.....	125
5.6.1.3 Centro da Praça.....	126
5.6.1.4 Pista de Skate.....	127
5.6.1.5 Escadaria Skate.....	128
5.6.1.6 Centro da Guarda Civil.....	129
5.6.2 Elementos dos ambientes físico, social e simbólicos dos lugares da Praça Roosevelt que influenciam na percepção topofóbica.....	130
5.6.2.1 Parque Infantil.....	131
5.6.2.2 Centro da Guarda Civil.....	132
5.6.2.3 Centro da Praça.....	133
5.6.2.4 Escadaria da Guarda Civil.....	134
5.6.2.5 Escadaria dos Teatros.....	135
5.6.2.6 Igreja da Consolação.....	136
5.7 Relação dos ambientes físico, social e simbólico dos quatro cronotopos, da gênese, 1967, degradação e atual Praça Roosevelt	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação das dimensões para encontrar o Código Genético	25
Figura 2 - Largo (Praça ou Adro) colonial configurado pela igreja e pelas edificações em seu entorno – Adro da igreja de São Francisco de Assis, João Pessoa.	35
Figura 3 - Diferença de uma Praça moderna e uma Praça contemporânea.	39
Figura 4 - O Método através da representação gráfica	47
Figura 5 - Conceito de Matrizes	51
Figura 6 - Conceito de um mapa heurístico com as problemáticas	52
Figura 7 - Conceito de tabela de sinergias	53
Figura 8 - Situação da Praça Franklin Roosevelt	55
Figura 9 - Pintura de Antônio Parreras e Vista do Pátio do colégio.....	57
Figura 10 - Mapa do século IX o triangulo histórico	58
Figura 11 - Jardim Público, 1877, na versão original do registro.....	58
Figura 12 - Praça do Correio	60
Figura 13 - Praça Júlio Prestes	60
Figura 14 - Rede estrutural hídrica ambiental - Cidade de são Paulo	61
Figura 15 - Uso e ocupação do solo - Cidade de são Paulo	62
Figura 16 - Equipamentos de Saúde, Educação e Segurança no centro histórico de São Paulo.....	65
Figura 17 - Transporte público, centro histórico de São Paulo.....	66
Figura 18 - Tabela do Aproveitamento, Dimensionamento e Ocupação dos lotes - Subprefeitura Sé	67
Figura 19 - Mapa de Praças e parques urbanos e Rede estrutural hídrica ambiental - Cidade de são Paulo	69
Figura 20 - Densidade Demográfica (hab/ha)	70
Figura 21 - Índice de Vulnerabilidade Social	71
Figura 22 - Pontos turísticos no centro de São Paulo	72
Figura 23 - Cultura no Distrito República	73
Figura 24 - Praça Roosevelt no centro de São Paulo	76
Figura 25 - Mapa da Cidade de São Paulo, Subprefeitura da Sé, Distrito República e Praça Roosevelt.	77
Figura 26 - A Praça Roosevelt no Distrito República.	78
Figura 27 - Mapa da Região do Centro de São Paulo em 1842.....	80

Figura 28 - A esquerda o estacionamento de veículos em 1957 e a direita a igreja em 1920	81
Figura 29 - Perspectiva do conjunto original e Programa não executado.	82
Figura 30 - Planta do Projeto Executado.....	83
Figura 31 - Construção da Praça Roosevelt e do Túnel “Minhocão”	84
Figura 32 - Inauguração da Praça Roosevelt.....	85
Figura 33 - Praça Roosevelt antes das demolições em 2010.	86
Figura 34 - Praça Roosevelt antes das demolições em 2010.	88
Figura 35 - Projeto da Praça Roosevelt em 2010.....	89
Figura 36 - Projeto da Praça Roosevelt em 2010.....	90
Figura 37 - Gráfico com a relação da quantidade de usuários em horários distintos	91
Figura 38 - Exemplo do parque infantil - depois da requalificação e o estado atual..	98
Figura 39 - Bares na rua da Praça Roosevelt	100
Figura 40 - Teatro Satyros 1.....	100
Figura 41 - Relação Praça Roosevelt com parque Augusta.....	101
Figura 42 - Raios de influência entre áreas de lazer do Distrito república.	102
Figura 43 - Usuários no período da manhã e no período noturno	103
Figura 44 - Convivência no meio da diversidade.....	104
Figura 45 - Espaços da Praça Roosevelt.	105
Figura 46 - Espaços Topofóbicas, Praça Roosevelt.....	106
Figura 47 - Parque Infantil, Praça Roosevelt.....	108
Figura 48 - Espaços Topofílicos, Praça Roosevelt.....	109
Figura 49 - Parque Infantil, Praça Roosevelt.....	111
Figura 50 - Mapa heurístico topofilico.	116
Figura 51 - Mapa heurístico topofóbico.	118
Figura 52 - Lugar Escadaria dos Teatros - Topofilia	124
Figura 53 - Lugar dos Quiosques - Topofilia	125
Figura 54 - Lugar Centro da Praça - Topofilia	126
Figura 55 - Lugar Pista de Skate - Topofilia	127
Figura 56 - Escadaria Skate - Topofilia	128
Figura 57 - Centro da Guarda Civil - Topofilia	129
Figura 58 - Lugar Parque infantil - Topofobia.....	131
Figura 59 - Lugar Centro da Guarda-Civil - Topofobia	132
Figura 60 - Lugar Centro da Praça - Topofobia.....	133

Figura 61 - Lugar Escadaria da Guarda-Civil - Topofobia	134
Figura 62 - Lugar Escadaria dos Teatros - Topofobia	135
Figura 63 - Igreja da Consolação - Topofobia	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População, Taxas de Crescimento Populacional e Densidade Demográfica dos distritos da Sé e República do centro histórico de São Paulo, 2000, 2010	63
Tabela 2 - Linha do tempo em ordem cronológica com os Quatro Cronotópos da Praça Franklin Roosevelt	79
Tabela 3 - Elementos físicos nos lugares da Praça Roosevelt.....	92
Tabela 4 - Físico-simbólico.....	112
Tabela 5 - Sócio-físico.....	113
Tabela 6 - Sócio-simbólico	114
Tabela 7 - Sinergias Topofílicas	120
Tabela 8 - Sinergias Topofóbicas.....	122
Tabela 9 - Relação dos ambientes Físicos, Sociais e Simbólicos com os Quatro Cronotópos da Praça Franklin Roosevelt.....	137

SIGLAS E ABREVIACÕES

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo;

COMPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

PMB – Prefeitura Municipal de Bauru;

EMURB - Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo;

PROCENTRO - Programa de Reabilitação da Área Central do Município de São Paulo;

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas;

NBR - Norma Brasileira;

COPAN - Companhia Pan-Americana de Hotéis e Turismo;

FAU-USP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo;

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA

Diante das intervenções arquitetônicas e urbanísticas nos espaços públicos da paisagem cultural realizadas pelos setores públicos e privados nas grandes metrópoles: reformas, ampliações, adaptações, reabilitações e revitalizações das edificações e espaços urbanos, tem-se visto transformações da paisagem cultural, por vezes preservando-se os espaços públicos ou reabilitando-se e integrando-se harmoniosamente no contexto, outras descaracterizando-se os existentes e implantando-se projetos que não correspondem às necessidades dos usuários e não se integram com o contexto existente; Tal panorama conduz a um conflito entre as edificações existentes, o que gera importantes contrastes nesses espaços de acordo com o ponto de vista dos usuários que transitam nestes locais (CULLEN 2006), além de influenciar na percepção topofílica (sensação agradável) ou topofóbica (sensação desagradável) dos usuários. Estes contrastes são vistos como problemas pela escolha pontual de pontos de intervenção e não de todo um complexo planejado (ARANTES; MARICATO; VAINER, 2011).

As intervenções arquitetônicas e urbanas, em centros históricos interferem na qualidade desses espaços, podendo ocasionar bem-estar ou mal-estar nos usuários. É importante, portanto, conhecer o impacto dessas intervenções através das percepções topofílicas e topofóbicas dos usuários, uma vez que topofilia leva ao bem-estar social, à sensação de prazer e a topofobia ocasiona o constrangimento do usuário, familiaridade engendra desprezo (TUAN, 1980).

Dentre as intervenções urbanas em São Paulo está a Praça Franklin Roosevelt, objeto de estudo desta pesquisa. Essa Praça está localizada no Distrito da República do centro histórico de São Paulo. O centro histórico é a origem da formação urbana de São Paulo, abriga diversas edificações com relevantes valores históricos, arquitetônicos e culturais, tombadas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) e pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (COMPRESA) e edificações que estão na ambiência das edificações tombadas. O centro histórico concentra também atividades do comércio, serviços e finanças em detrimento da função residencial, abriga a residência de diversos grupos sociais, desde apartamentos de alto padrão a

cortiços (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2001), além de apresentar uma estrutura consolidada e necessária para o habitat.

Até a década de 1970, o centro histórico de São Paulo, com a sua infraestrutura já consolidada e com a presença de grandes corporações e arranha-céus, concentrava grande parte das sedes de empresas nacionais e internacionais. As ruas, tendo como característica a largura estreita da via, passavam por dificuldades devido à disputa das mobilidades entre o automóvel e o pedestre devido ao crescimento desordenado do perfil comercial do centro, com diversas lojas ocupando pequenos espaços e repletos de publicidades sem restrições, com forte apelo ao consumo. Nesse sentido:

O acentuado crescimento populacional decorrente do ciclo do café e o princípio da industrialização, proporcionaram mudanças de toda ordem no meio urbano – onde a quantidade mudou a qualidade do fenômeno urbano. O poder público passou a intervir urbanisticamente no ordenamento do uso do solo da área central paulistana – nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX – consolidando uma estrutura urbana da cidade que se existe até hoje. (FERREIRA, p.15, 2009)

O processo de organização do sistema de transportes e do sistema viário, mais à frente na história de São Paulo, viriam a ser as principais diretrizes para a execução do projeto da Praça Roosevelt, em 1969. (SILVA, 2006)

No final da década de 1960, a gestão do então prefeito Faria Lima foi caracterizada por amplas intervenções na cidade, optando-se por grandes vias de ligação na organização viária de São Paulo. Entre as obras realizadas, uma de grande importância foi a construção da via de ligação Leste-Oeste, ou elevado Costa e Silva. Projetada para passar sob a Praça da Consolação (atual Praça Franklin Roosevelt), resultou na implementação do projeto da Praça Franklin Roosevelt. A concretização de ambos os projetos – estruturação viária e da própria Praça – trazia um intenso discurso de modernização e avanço para a cidade. A Praça Roosevelt representaria a materialização desses processos, uma Praça como símbolo de progresso, algo monumental e que alcançaria a organização viária da cidade (FERREIRA, 2009).

Em 1968 foi aprovado o plano e o programa final que orientou a implementação da obra, que demandou três anos de construção. As etapas de construção foram amplamente divulgadas pela imprensa gerando no público grande expectativa. Os artigos dos jornalistas traziam explicações sobre os materiais, as máquinas e as técnicas utilizados na construção. A tudo era dado qualidade de grandeza: um grande investimento que traria a

cidade a grande Praça símbolo da modernidade e do progresso.
(FERREIRA(b), 2009, p.19)

Na década de oitenta, a centralidade econômica da cidade migrava na direção sudoeste do Município com, primeiramente, o surgimento do polo de negócios da Avenida Paulista e, posteriormente, o da Avenida Brigadeiro Faria Lima. Mais recentemente, com a criação de um grande polo de negócios que se estende pela região da Vila Olímpia e das Avenidas Engenheiro Luis Carlos Berrini e Chucri Zaidan, nas imediações da Avenida Nações Unidas (Marginal Pinheiros), levando ao esvaziamento dos domicílios e a deterioração dos espaços públicos e edificados (FRUGOLI, 2000).

Ainda na década de oitenta, já começavam a serem percebidos os sinais e sintomas de um declínio urbano de forma muito rigorosa, por exemplo, a transferência da sede de muitas empresas para outros pontos da cidade, a forte degradação do espaço público, crescimento do índice de criminalidade, o processo de especulação imobiliária em imóveis degradados, o aumento do índice de pessoas vivendo nas ruas e o aparecimento de muitos cortiços, tendo como resultado uma péssima qualidade de vida e desincentivo à boa parte da população já estabelecida na região que ali permaneciam (FRUGOLI, 2000). Isso acarretou um esvaziamento da população residente da região, de forma crescente e continua até o início dos anos 1990, quando, diante de um quadro grave de degradação, inicia-se, ainda que timidamente, um processo de requalificação urbana da área central da cidade, através do programa Viva Centro de São Paulo (VIVA CENTRO DE SÃO PAULO, 2009).

Entre as medidas iniciais da política de requalificação urbana na área central da cidade naquela época, estiveram a transferência da sede da Prefeitura da cidade, até então instalada dentro do Parque do Ibirapuera, para o Palácio das Indústrias Parque Dom Pedro II, já naquela época e ainda hoje uma das áreas mais intensamente degradadas do Centro da cidade, sendo dez anos mais tarde novamente transferida para a esquina da rua Líbero Badaró com o Viaduto do Chá, onde encontra-se atualmente. Foi também promovida a reforma e remodelação do Largo São Bento, a reforma do Teatro Municipal, além do aterramento das pistas de tráfego do Vale do Anhangabaú, onde foi instalada uma área exclusiva para uso de pedestres nos moldes de uma Praça (FRUGOLI, 2000).

Dentre as várias intervenções realizadas em diversos espaços públicos em centros urbanos de pequenas e médias e metrópoles, foi verificado que os projetos de intervenção urbana realizados pela gestão pública de São Paulo são resultado de outros projetos urbanos bem sucedidos, o que se demonstra pelo uso e frequência das pessoas. Dentre esses projetos está a Praça Roosevelt, portanto, o foco de pesquisa deste estudo.

A escolha da Praça Roosevelt, localizada no centro histórico de São Paulo, deve-se ao fato de ser objeto de diversas intervenções em seu espaço público, desde pequenas reformas até a última realizada pela Prefeitura de São Paulo, na gestão de 2013 a 2016, que a revitaliza de modo significativo e revela uma grande dinâmica nos seus espaços públicos, o que interfere na percepção topofílica e/ou topofóbica dos usuários. No contexto desta Praça estão o centro histórico e sua ambiência, que abriga uma diversidade de edifícios desde os tombados pelo CODEPHAAT, edifícios modernos e contemporâneos, espaços transformados, que mudam suas identidades em um curto período. São Paulo é uma cidade que busca em seu planejamento o conceito de cidade sustentável, e reconhece que precisa atender aos objetivos sociais, ambientais, políticos e culturais, bem como aos objetivos econômicos e físicos. “É um organismo dinâmico tão complexo quanto à própria sociedade e suficientemente ágil para reagir rapidamente às suas mudanças” (ROGERS; GUMUCHDJAN, 2001, Pág. 167).

A Praça Franklin Roosevelt passou por diversas intervenções, desde a pintura de elementos arquitetônicos na cor verde para suprir a falta de vegetação no espaço, executada pela EMURB (Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo) juntamente com a Academia de Belas Artes em 1980 (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 1980) como a recuperação de lajes impermeabilizadas, instalação de quadras esportivas e um novo playground, executadas em 1984, durante a gestão de Mario Covas (1983-1985) (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 1983), as ações de configurações de multiusos junto com as atividades existentes (como a escola), a parceria com o supermercado Pão de Açúcar durante as gestões da Prefeitura de São Paulo de: Luiza Erundina (1989-1992), Maluf (1993-1996) e Celso Pitta (1997-2000) (YAMASHITA, 2013). Somente a partir dos anos 2000, um projeto de requalificação de maior alcance e com diversas diretrizes foi gerado através da proposta elaborada pela EMURB, isso devido à inclusão da Praça Franklin

Roosevelt no programa Procentro durante a gestão da Prefeita Marta Suplicy (2001-2004) e a adoção do projeto na gestão do Prefeito José Serra (2005-2006) (YAMASHITA, 2013), sendo a execução iniciada em 2010 e parcialmente finalizada em 2012, na gestão do Prefeito Gilberto Kassab (2006-2012), tendo a finalização definitiva ocorrido em 2014, com a entrega do estacionamento subterrâneo na gestão do Prefeito Haddad.

Vários estudos foram realizados no centro histórico de São Paulo, que abordam o espaço público, mais especificamente a Praça Roosevelt, tais como: Praça Roosevelt, Centro de São Paulo: Intervenções urbanas e práticas culturais contemporâneas (YAMASHITA, 2013), Mídiação da Praça Roosevelt: Espaço urbano, skate, conflito e novas tecnologias da comunicação (SILVA, 2015), Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso do espaço público (FERREIRA, 2009), entre outros.

Nada obstante, ainda não foram estudadas as percepções topofílica ou topofóbica dos usuários em relação à paisagem cultural da Praça Franklin Roosevelt; numa análise dialógica.

Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar quais elementos dos ambientes físico, social e simbólico e suas relações na Paisagem cultural das Praças em centros históricos interferem na percepção topofílica ou topofóbica dos usuários. Pesquisa realizada através do estudo de caso Praça Roosevelt no distrito da República no centro histórico de São Paulo.

A metodologia da pesquisa compreende cinco capítulos. Primeiro, Diálogos da Paisagem cultural da praça: Urbanismo dialógico, Centro histórico, Gestão pública, Paisagem cultural e Percepção topofílica e topofóbica. Segundo, Método Urbanismo Dialógico com fundamentação teórica e filosófica de Bakhtin, Muntañola e Zarate, na relação de texto ou objeto de estudo com seu contexto, segundo as dimensões: física, social e simbólica, e suas relações. Terceiro, o Contexto: Distrito da República do Centro Histórico de São Paulo abrange os aspectos históricos, urbanos, políticos, sociais, econômicos e ambientais, de 1960 até os dias atuais. Quarto, Texto: Percepção topofílica e topofóbica da Praça Franklin Roosevelt, nas Dimensões: física, social e simbólica.

1. DIÁLOGOS DA PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA

Para atingir o objetivo delineado na pesquisa, partimos do entendimento de que a percepção da Praça em centro histórico não se limita ao ambiente físico, mais também aos ambientes sociais e simbólicos, assim como a sua área envoltória imediata, ou seja, a paisagem cultural da Praça e a sua relação com o contexto (centro histórico e gestão pública). A Praça, outrossim, deve ser compreendida como resultado das intenções políticas e projetuais da gestão pública.

Neste passo, para analisar e identificar quais elementos da configuração da paisagem cultural da Praça em centro histórico influenciam na percepção dos usuários recorreremos ao urbanismo dialógico.

A presente pesquisa compreende 5 eixos temáticos: urbanismo dialógico, paisagem cultural da Praça, centro histórico, gestão pública e percepção.

O **Urbanismo dialógico** aborda a dialogia do texto com o contexto. Neste estudo, o texto é a paisagem cultural da Praça, ao passo que o contexto compreende o centro histórico e a gestão pública. Em relação ao **Centro histórico**, faz-se necessário conhecer o lugar e suas categorias históricas, urbanas, arquitetônicas, sociais, culturais e ambientais, para compreender e analisar as relações socio físicas do contexto com a paisagem cultural da Praça. A **gestão pública**, por sua vez, deve ser entendida como instituição que define e implementa as políticas e projetos em espaços públicos, podendo dialogar ou não o projeto com seu contexto.

Além disso, importa conhecer e entender o lugar em uma escala mais definida e reduzida, facilitando a compreensão do texto ou da **paisagem cultural da Praça** e suas relações dialógicas com o contexto e com ela mesma nos seus ambientes: físico, social e simbólico; **a qualidade da paisagem cultural da Praça**, e a **percepção topofílica e topofóbica**, termos que definem como o ser humano se sente ao perceber o espaço habitado e utilizado.

1.1 Urbanismo dialógico

Muntañola (2000) explica a dialogia entre texto e contexto, em que o contexto (sócio físico) está para o texto (espaço físico). Os contextos, nesta pesquisa, são o centro histórico e a gestão pública. O centro histórico está caracterizado pelas categorias do lugar, quais sejam: históricas, urbanas, sociais, políticas e econômicas, enquanto a gestão pública corresponde às políticas e projetos públicos. Já o texto, a paisagem do espaço público da Praça, refere-se aos ambientes físico, social e simbólico, caracterizados para cada espaço-tempo ou dimensão cronotópica.

Bakhtin (2003) explica a relação cronotopica – ou sociofísica – do contexto com o texto, uma vez que o cronótopo possibilita a análise da estrutura do espaço, para ver como a mesma se modifica através do tempo.

Segundo Bakhtin:

El cronotopo, tiempo y espacio, para Bakhtin es usado en una manera muy específica: el cronotopo mide la calidad de la narrativa de una obra literaria verificando en cada texto escrito de qué manera una representación particular del espacio-tiempo astronómico (de calendario) se junta la representación de sus personajes (BAKHTIN, 2003, p. 35).¹

Ainda Bakhtin (2003) descreve o cronótopo como a forma de medir a qualidade da distância entre a virtualidade e a realidade, ou seja, analisando a relação sociofísica do lugar (contexto) podemos verificar se a paisagem cultural da Praça (texto) daquele local está de acordo com a sua realidade (contexto).

Zarate (2010) explica o conceito de urbanismo ambiental, para complementar a ideia de um urbanismo alternativo e inovador. Assim:

A partir de principios de 1990 asistimos a una segunda fase de desarrollo del urbanismo ambiental, comandado principalmente por una vertiente de diseño ambiental italiano, en la que la preocupación es acentuada por la incorporación de perspectivas y conceptos propios de los estudios culturales urbanos. El foco es reorientado hacia el ambiente del hombre y, así, intentar obtener una visión más sensible con aspectos específicos de las ciencias sociales considerados en el campo del desarrollo urbano (ZARATE, 2010, p.30).²

¹ Tradução: O cronotopo, tempo e Espaço, para Bakhtin é usado em uma Maneira muito específico: o cronotopo mede a qualidade da narrativa de uma obra literária verificando em cada texto escrito de que maneira uma representação particular do espaço-tempo astronômico (de calendário) se junta a representação de suas personagens. (BAKHTIN, 2003, p. 35)

² Tradução: A partir de princípios de 1990 assistimos a uma segunda fase de desenvolvimento do urbanismo ambiental, comandado principalmente por uma vertente de desenho ambiental italiano, em que a preocupação

Também, podemos nomear o urbanismo ambiental de urbanismo dialógico, em que a inovação está em estabelecer as relações entre os ambientes físicos, sociais e simbólicos, na busca do seu código genético (ZARATE, 2010). Considerando-se, ainda, que as intervenções nos espaços públicos realizados pela gestão pública são resultados de projetos urbanos, recorreremos às dimensões hermenêuticas de Ricoeur (2003), interpretadas por Muntañola (2000, 2002, 2006) para as pesquisas em arquitetura e urbanismo como são: projeto, configuração e refiguração ou uso social. Destas, a dimensão da configuração corresponde a ambiente físico e o dimensão da refiguração corresponde à ambiente social e simbólico, propostas por Zárate (2010, 2015). Portanto, na pesquisa serão estudados os ambientes: físico, social e simbólico, os quais, combinados, formam os ambientes Físico-simbólico, Sócio-físico e Sócio-simbólico. Estes ambientes serão abordados no tópico da paisagem cultural da Praça.

Importa estudar o código genético da paisagem cultural da Praça a partir do lugar. Zárate (2015) explana a importância do código genético para o estudo do urbanismo.

El código genético del lugar, es decir, las relaciones entre ambiente físico, social y simbólico, es el objeto de estudio teórico del tipo de urbanismo que aquí se propone. Se trata de un estudio complejo, que surge articulaciones sociofísicas, o congruencias entre ambiente físico y ambiente social; articulaciones socioimbólicas, o correspondencia entre ambiente social y ambiente simbólico; y, articulaciones simbólico-físicas, o correspondencia entre ambiente simbólico y ambiente físico. De esta manera, el estudio de cualquier problema urbano siempre estará contenido dentro de este sistema de lugares que es la ciudad, y en consecuencia, la naturaleza particular del problema, será estudiada en referencia a su contexto ambiental o lugar de pertenencia y sentido (ZÁRATE, 2015, p. 164).³

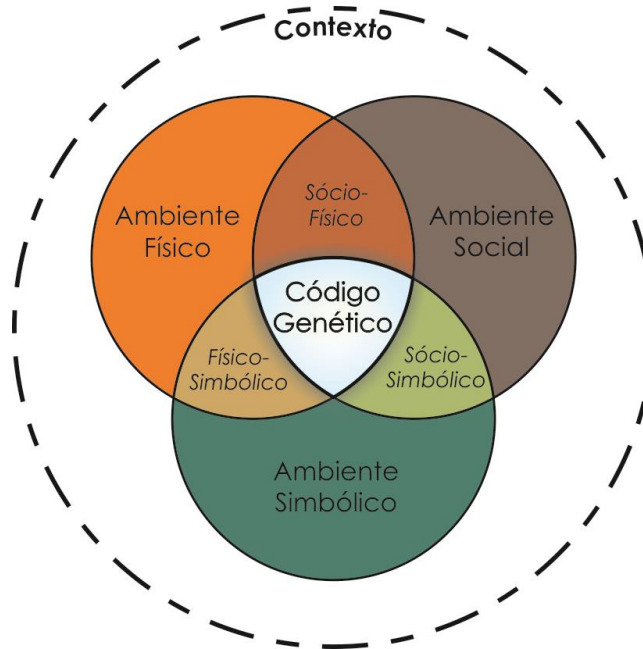
É possível relacionar o código genético com um diamante lapidado, difícil de encontrar, trabalhoso para lapidar e prazeroso de se contemplar. Sendo também a

é acentuada pela incorporação de perspectivas e conceitos próprios dos estudos culturais urbanos. O foco é reorientado para com o ambiente do homem e, assim, tentar obter uma visão mais sensível com aspectos específicos das ciências sociais considerados no campo do desenvolvimento urbano (ZARATE, 2010, p.30)

³ Tradução: O código genético do lugar, ou seja, as relações entre ambiente físico, social e simbólico, é o objeto de estudo teórico do tipo de urbanismo que aqui se propõe. Trata-se de um estudo complexo, que surge articulações sociofísicas, ou congruências entre ambiente físico e ambiente social; articulações socio simbólicas, ou correspondências entre ambiente social e ambiente simbólico; e, articulações simbólico-físicas, ou correspondências entre ambiente simbólico e ambiente físico. Dessa maneira, o estudo de qualquer problema urbano sempre estará contido dentro deste sistema de lugares que é a cidade, e em consequência, a natureza particular do problema, será estudada em referência a seu contexto ambiental ou lugar de pertencimento e sentido (ZÁRATE, 2015, p. 164)

peça chave para a composição final de uma joia, assim como o elemento vital para o entendimento do lugar (Figura 1).

Figura 1 - Relação das dimensões para encontrar o Código Genético



Fonte: Autor, 2018

1.2 Centro Histórico

Sendo o objeto de estudo a Praça Franklin Roosevelt, localizada no centro histórico de São Paulo, interessa saber o que é um centro histórico, para Salcedo (2007) é:

Principalmente o traçado inicial da cidade, são estruturas urbanas e arquitetônicas que expressam as manifestações políticas, econômicas, sociais, culturais e tecnológicas, das formações sociais, dos diferentes períodos históricos por meio dos quais evoluíram; estruturas unitárias ou fragmentárias, ainda que se tenham transformado ao longo do tempo e se apresentem como testemunhos de civilizações do passado. Remetem-se às categorias: administrativa, histórica, social, econômica, urbana, arquitetônica e ambiental (SALCEDO, 2007, p. 109).

Segundo o Governo da Itália (1972), os centros históricos são:

Todos os assentamentos humanos cujas estruturas unitárias ou fragmentárias, ainda que se tenham transformado ao longo do tempo, se hajam constituído no passado ou, entre muitos, os que eventualmente tenham adquirido um valor especial como testemunho histórico ou características urbanísticas ou arquitetônicas particulares (GOVERNO DA ITÁLIA, 1972 p. 16).

Já a ambiência dos centros históricos pode ser entendida como “o quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais” (RECOMENDAÇÕES DE NAIRÓBI, apud IPHAN, 1999, p. 3).

O centro histórico de São Paulo compreende os distritos da Sé e República, configurado pelos edifícios tombados pelo IPHAN, CONDEPHAAT e CONPRESP e a ambiência desses edifícios. A Praça Roosevelt está na área de ambiência dos edifícios tombados no Distrito República do centro histórico de São Paulo.

Por outro lado, o contexto do centro histórico compreende as categorias históricas, urbanas, arquitetônicas, sociais, econômicas, ambientais, culturais e políticas. Salcedo (2007) ressalta que as categorias estão conectadas umas com as outras dentro de seus conceitos. Pode-se verificar isso na citação da Carta de Restauro (1972) , em que a categoria cultural é relacionada com a categoria histórica dentro da definição de centros históricos, assim, a (...) “natureza histórica refere-se ao interesse de tais assentamentos apresentarem como testemunhos de civilizações do passado e como documentos de cultura urbana” (CARTA DE RESTAURO DE 1972 apud IPHAN, 1995 p.212).

Salcedo (2007), outrossim, explica a categoria histórica como “[...] tudo aquilo que expressa relevância na vida social e cultural de uma comunidade, e não somente os fragmentos mais antigos”.

Vemos as categorias sociais, políticas e culturais quando abordamos a salvaguarda dos centros históricos: “A salvação dos centros históricos é um compromisso social além de cultural e deve fazer parte da política de residência, para que nela se levem em conta os recursos potenciais que tais centros podem oferecer” (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1995 apud SALCEDO, 2007, p. 24).

Salcedo (2007) relata a importância da categoria arquitetônica para os centros históricos tanto quanto sua estrutura urbana:

Pela categoria arquitetônica, o centro histórico apresenta as edificações dos diversos estilos e períodos históricos por meio dos quais evoluiu a cidade. Além disso, a categoria do centro histórico não está apenas representada em sua arquitetura, mas também na estrutura urbana. Podemos dizer que os centros históricos apresentam o traçado inicial da cidade e uma grande

concentração de edificações de valor histórico, arquitetônico e afetivo, e constituem um conjunto urbano ainda preservado (SALCEDO, 2007, p. 24)

Vale ressaltar que, apesar do objeto de estudo deste trabalho ser uma Praça, a análise das edificações de seu entorno se mostra necessária, uma vez que a Praça e seu entorno, ou seja, as edificações, faz parte de sua paisagem cultural.

Além das categorias já citadas: históricas, culturais, sociais... vemos a categoria econômica dentro do contexto de centros históricos. Neste sentido:

Parte do pressuposto de que monumentos de interesse arqueológico, histórico, e artístico constituem também recursos econômicos da mesma forma que riquezas naturais do país. Consequentemente, as medidas que levam a sua preservação e adequada utilização não só guardam relação com os planos de desenvolvimento, mas fazem ou devem fazer parte delas (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS..., 1995, p. 131 apud SALCEDO, 2007, p. 25).

Independente se os projetos urbanos são realizados através de concursos públicos ou pela própria administração da gestão pública, ambos os projetos deveriam ser resposta ao contexto do centro histórico e de sua ambiência.

Necessário apropriar-se de conceitos como o patrimônio histórico, os do IPHAN, por exemplo, e elaborar os projetos conforme leis e decretos aprovados em vigor como se vê a seguir:

Art. 1º Constituem o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937).

[...] espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas (exemplo: trabalho, comércio, lazer, religião, política, etc.), tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculos quanto oficiais. Essa densidade diferenciada quanto a atividades e sentidos abrigados por esses lugares constitui a sua centralidade ou excepcionalidade para a cultura local, atributos que são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas. Do ponto de vista físico, arquitetônico e urbanístico, esses lugares podem ser identificados e delimitados pelos marcos e trajetos desenvolvidos pela população nas atividades que lhes são próprias. Eles podem ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade (IPHAN/INRC, 2000, p.32).

Por outro lado, o centro histórico pode ser entendido como um sistema de lugares. Segundo Muntañola (2000, p.17) o lugar faz parte da tríade lugar, história e a pessoa; sem o lugar, não haveria como relatar uma história ou a existência de uma pessoa, "se rompe la razón entre la historia y el sujeto; el lugar permite al sujeto navegar por la historia y permite a la historia «situar» al sujeto. Juntos (el sujeto, la

historia y el lugar) son capaces de multiplicarse y desarrollarse" (MUNTAÑOLA, 2000, p. 17).⁴

Interessante como essa tríade de Muntañola relaciona-se com as dimensões do urbanismo dialógico, sendo o lugar o ambiente **físico**, a histórica o **ambiente simbólico** e a pessoas o **ambiente social**, elaborando-se relações entre as dimensões e multiplicando-se as possibilidades e de fato gerar os diversos significados ou, noutras palavras, a identidade do lugar, seu código genético.

“O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático” (TUAN, 1983, p.198). Estático, pois, se o lugar vivesse em constante mudança, não haveria como desenvolver algum sentido de lugar.

Muntañola (2007, p.17), ressalta que “o lugar é sempre lugar de algo ou lugar de alguém” e foca nas interpelações entre este algo ou alguém que habita o lugar, posteriormente, o lugar em si. É também o lugar construído pelos homens segundo suas necessidades e sua cultura.

A cultura é um conceito, uma marca que indica o que muitas pessoas pensam, creem, assim como suas atividades, sendo que, no urbanismo dialógico, seria o **ambiente social**. Abrange a fé, o saber, as artes, as leis, a ética, os costumes e qualquer habilidade adquirida pelo homem como membro da sociedade. E ainda, referente às pessoas, o seu modo de vida, sendo seus princípios, ideais, regras, comportamentos habituais, etc. (RAPOPORT, 2009).

Podemos entender que a Memória, a Cultura e a Identidade estão totalmente ligadas dentro do processo histórico da espécie humana.

Cada cultura representa um conjunto de valores único e insubstituível, já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo e a identidade é uma riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana, ao possibilitar sua nutrição com seu passado e a acolher as contribuições externas compatíveis com sua especificidade, e continuar com o processo de sua própria criação (IPHAN, 2004, p. 272).

Para Ricoeur, a **memória** pode ser definida como “fazer presente o ausente”. (RICOEUR, 2003, p. 8-9), ou seja, fazer presente no imaginário o que já foi visto, sentido e vivido. Seria o **ambiente simbólico** no urbanismo dialógico.

⁴ Tradução: A razão entre a história e o assunto está quebrada; O lugar permite que o sujeito navegue através do histórico e permite que o histórico "situar" o assunto. Juntos (o assunto, a história e o lugar) são capazes de se multiplicar e desenvolver.” (MUNTAÑOLA, 2000, p. 17).

Segundo Meneses, a memória como construção social é:

formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. [...] é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz (MENESES, 1992, p. 22).

Meneses (1992) define, ainda, as **memórias** como a nacional, sendo o caldo de cultura, o que revela a identidade nacional. A **memória** coletiva se restringe a um grupo distinto, como um bairro ou uma religião e a memória individual seria a memória do indivíduo, uma lembrança pessoal como, por exemplo, a gangorra de uma Praça na qual brincava quando criança.

A importância da memória para a percepção da paisagem cultural de um espaço se dá entendendo que os entornos podem desenvolver ou inibir alguns tipos de comportamento, processos cognitivos, estados de ânimo, etc. (RAPOPOPORT, 2009).

O ser humano tem uma excelente capacidade de lembrar e imaginar lugares, de modo que a percepção e a memória interagem constantemente. “A esfera do presente se funde com imagens de memória e fantasia” (PALLASMMA, 2011, p. 64).

Por fim, justifica-se o uso dos três termos: o Lugar, a Cultura e a Memória, porquanto são conceitos interdependentes um do outro. Não podemos encontrar um sentido, ou falar de identidade, código genético, sem relacionar referidos termos. Exemplificando: o lugar não faz sentido sem as pessoas e suas atividades, o que representa a cultura, da mesma forma que a cultura não pode existir sem um lugar para vive-las, ao passo que, só existe memória de algo ou alguém porque existiu um lugar para este algo, ou existiu uma cultura para com este alguém.

1.3 Gestão pública

A Praça Franklin Roosevelt passou por diversas macros e micros intervenções, desde a sua origem, em 1970, até a mais atual requalificação, parcialmente finalizada em 2012. Estes 42 anos de intervenções só se tornaram realidade devido às ações planejadas pelas diferentes gestões públicas regentes neste intervalo.

Seixas (2013, p. 14), diz que “a cidade contemporânea, local de desenvolvimento, de expressão democrática e socialmente coesa tem sido o objetivo último da governança urbana”. Essa citação revela a péssima gestão pública dos governantes referente a políticas urbanas, justificando-se os resultados como atrasos, má execução dos projetos, entre outros.

Quem define os trajetos ou as etapas a serem seguidas para o desenvolvimento dos municípios é a gestão pública. A ideia de gestão pública teve como referência os moldes das empresas privadas, no caso, a gestão pública tem como diferença os interesses e necessidades da população, sendo então as decisões tomadas de acordo com estas condicionantes (COUTINHO, 2000).

Para Lima (2007), gestão pública significa atos administrativos classificados por métodos como: planejamento, programação, orçamento, execução, controle e avaliação das políticas que venha a efetivar as ações de políticas públicas, executadas pelas organizações públicas ou privadas.

Um exemplo de métodos de gestão (no caso desenvolvida por entidade privada) com eficiência pode ser verificado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em seu Programa Nacional de Desenvolvimento do Varejo 2016 - 2018, que definiu temas prioritários de políticas públicas e dentro destes temas vemos a Mobilidade Urbana e Infraestrutura para Revitalização dos Centros Comerciais.

A mobilidade urbana e a infraestrutura compreendem tema relevante para o desenvolvimento do país e, em específico, para o setor de varejo. Outros aspectos, como o ordenamento do trânsito e a revitalização dos centros comerciais nos municípios e cidades, também são alvo desse importante desafio para o comércio e serviços (SEBRAE, 2018, p. 24).

O programa também comenta a importância da mobilização dos diversos setores como: “frentes parlamentares nacionais, estaduais e municipais; Prefeituras Municipais, por meio das suas Secretarias de Serviços Urbanos, Obras Públicas, Trânsito, Transportes ou equivalentes; Câmaras de Vereadores” (SEBRAE, 2018), entre outros, para as soluções dos desafios comentados no programa, no caso a gestão de políticas públicas.

Das 79 propostas de políticas públicas, no caso específico do Varejo, podemos encontrar bons exemplos para espaços públicos, tal como:

Promover a reformulação e aprimoramentos das leis que regem a acessibilidade no Brasil, de forma a adequá-las à realidade do país (Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que visa à promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Criar legislações municipais visando ao melhor ordenamento do trânsito local, sintonizadas com o Código de Trânsito Brasileiro (Lei nº 13.281, de 4 de maio de 2016) e discutidas com as lideranças da comunidade, inclusive os líderes do varejo local (SEBRAE 2018, p. 26).

É importante entender que saber que as responsabilidades da gestão pública não se limitam ao setor público, mas contam com o auxílio da sociedade, sendo esta responsável por fiscalizar as ações realizadas pelo setor público, como ressalta Ribeiro et al (2003):

A tarefa de planejar a cidade passa a ser função pública que deve ser compartilhada pelo Estado e pela sociedade – co-responsáveis pela observância dos direitos humanos e pela sustentabilidade dos processos urbanos. A gestão democrática é o método proposto pela própria lei para conduzir a política urbana (RIBEIRO et al, 2003, p. 96)

1.4 Paisagem cultural

Rapoport (2003) ressalta que o conceito de paisagem cultural vem da geografia cultural e refere-se:

a los resultados de interacción entre acciones humanas y paisaje primario que se desarrolla en el tiempo (...) cuanto más modificado está el paisaje por los hombres, tanto más cultural es. Los paisajes más modificados - pueblos son culturales por excelencia. Incluso los cazadores y recolectores ya modificaban considerablemente el paisaje en el proceso de caza o recoleta, al encender el fuego, etc. (RAPOPORT, 2003, p. 53).⁵

As paisagens culturais se expressam fisicamente em diferentes escalas desde a regional, passando pela paisagem urbana até a paisagem da habitação (RAPOPORT, 2003). Dentre as paisagens culturais temos então, em pequena escala, a paisagem cultural das Praças. Entenda-se a paisagem cultural da Praça como a Praça e sua área envoltória construída e/ou natural.

Muntañola (S/D) interliga o conceito de paisagem cultural com as relações cronotópicas do lugar:

⁵ Tradução: aos resultados de interação entre ações humanas e paisagem primária que se desenvolve no tempo (...) quanto mais modificado está a paisagem pelos homens, tanto mais cultural é. As paisagens mais modificadas – povoados são culturais por excelência. Incluso os caçadores e recoletores já modificavam consideravelmente a paisagem no processo de caça ou recoleta, ao acender o fogo, etc. (RAPOPORT, 2003, p. 53).

Como interfase entre el individuo y su colectividad el paisaje cultural sufre consecuencias de un orden cronotopico en equilibrio inestable, incesantemente sometido a las fuerzas más profundas de la supervivencia de nuestra especie (MUNTAÑOLA, S/D)⁶

Portanto, a paisagem cultural não permanece estática, ela muda com a ação do tempo e das intervenções realizadas pelas pessoas, na maioria das vezes, pela gestão pública.

Entenda-se que a paisagem cultural da Praça está configurada pela Praça em si e sua área envoltória imediata (edificações e vias).

1.4.1 Praças

Robba e Macedo (2002) partem do conceito de que “Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos”. Para Lamas (2004), a Praça é:

O lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas (LAMAS, 2004, p. 102)

Refere-se à Praça como um lugar que proporciona a realização de diversas atividades. Segundo Robba e Macedo (2002, p. 16), o conceito de Praça é algo muito discutido e muito confundido pelos usuários e até mesmo por criadores das Praças no Brasil. Uns colocam a Praça como jardins (que são “espaços livres fundamentais para a melhoria da qualidade ambiental, pois permitem circulação do ar, insolação, drenagem, além de servirem como referenciais cênicos da cidade”) ao passo que outros criam uma imagem de Praça como canteiros (que são exemplos de jardins urbanos: “áreas gramadas e arborizadas que não possuem programa nem equipamentos de lazer” (ROBBA E MACEDO, 2002, p. 16)

Robba e Macedo (2002, apud DE ANGELIS et al, 2005, p.2) concluem que: “mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceituá-la como um espaço público e urbano, celebrada como um espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos.”

⁶ Tradução: Como interfase entre o indivíduo e sua coletividade a paisagem cultural sofre consequências de uma ordem cronotopica em equilíbrio instável, incessantemente submetido às forças mais profundas da supervivência de nossa espécie. (MUNTAÑOLA, S/D)

Os principais pesquisadores consideram que as Praças tiveram suas gêneses nas cidades da antiga Grécia e de Roma e foram planejadas propositadamente em suas formas, como a ágora, para os gregos, e o fórum, para os romanos, diz De Angelis et al (2005). A ágora, como espaço anunciador das Praças, seria “centro dinâmico da cidade grega, a ágora é a antecessora remota de nossas Praças” (DE ANGELIS et al, 2005, p. 04). Segundo De Angelis et al (2005), a história relata que a Praça ocidental tem sua origem na ágora ateniense, sendo local de aglomeração e discussão de muitas das cidades gregas.

Também usada em um sentido político, a ágora era um espaço público de muita visibilidade e um dos espaços mais bem avaliados da cidade grega, que não tinha uma forma pré-estabelecida ou regular (DE ANGELIS et al, 2005). Caracterizava-se como um espaço edificado, permanente e fixo em sentido político, onde discorriam-se assuntos de grande importância para a sociedade grega. Robba e Macedo (2002) afirmam que a Praça era um espaço aberto, normalmente demarcado por um mercado.

Alex (2008), traz duas definições de Praças bem completas, no qual cita os aspectos sociais, culturais, políticos como principais sentidos das Praças. A primeira é a de Kevin Lynch (1981), a segunda de Fernando Guillén Martinez (2000).

“Lynch apresenta com clareza a definição de que Praça é um lugar de convívio social inserindo na cidade e relacionando com a ruas, arquitetura e pessoas” (ALEX, 2008, p.23).

Segundo Lynch:

The square ou plaza. Este é um modelo diferente de espaço aberto urbano, tomado fundamentalmente das cidades históricas europeias. A plaza pretende ser um foco de atividades no coração de alguma área “intensamente” urbana. Tipicamente, ela será pavimentada e definida por edificações de alta densidade e circundada por ruas ou em contato com elas. Ela contém elementos que atraem grupos de pessoas e facilitam encontros: fontes, bancos, abrigos e coisas parecidas. A vegetação pode ou não ser proeminente. A piazza italiana é o tipo mais comum. Em algumas cidades americanas em que a densidade das pessoas nas ruas é alta o suficiente, essa forma tem – se sucedido elegantemente. Em outros lugares, essas plazas emprestadas podem ser melancólicas e vazias. (LYNCH, 1981 apud ALEX, 2011, p.23)

Assim, Lynch (1981) considera que a característica que define se a Praça será bem sucedida ou não é o lugar de sua implantação, dependendo do seu contexto de sua inserção.

Alex (2008, p. 23) faz uma referência ao Livro *On the Plaza*, Setha Low (2000) para “exprimir a profunda vinculação da Praça ao desenho e a vida social, política e cultural das cidades da América hispânica”.

Em relação à origem da Praça no Brasil, Marx (1980) ressalta que deve sua existência,

sobretudo aos adros de nossas igrejas. Se tradicionalmente essa dívida é válida, mais recentemente a Praça tem sido confundida com jardim. A Praça como tal, para reunião de gente e para exercício de sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. Realçava os edifícios: acolhia os seus frequentadores (MARX, 1980, p. 50).

Robba e Macedo (2002) também corroboram citando a igreja como a gênese da Praça no Brasil colonial. Nesse período colonial não havia a propriedade absoluta das terras, e sim o sistema de concessões para exploração. No caso das igrejas, partes destas áreas eram doadas para a construção de capelas em louvor a um determinado santo e a outra parte era transferida para o concessionário de uma sesmaria (sesmeiro), que pagava ao capitão e à coroa portuguesa pelo usufruto da terra administrada.

A área reservada à igreja era administrada pelo padre ou sacerdote, que podiam reparti-la para quem solicitasse (mediante um pagamento de foro à paróquia), iniciando-se a formação de um assentamento urbano. A igreja, então, era construída no centro e ao redor eram edificadas os casarios, prédios públicos e os melhores comércios. O que fazia o intermédio da igreja (sacra) com as edificações ao seu redor (mundano) era o adro, um espaço livre destinado ao uso público na frente da igreja. Nascia, então, a Praça como o adro da igreja no período colonial. Figura 2.

A Praça Roosevelt tem dentro de suas origens a igreja como símbolo marcante e como destaque na paisagem cultural, começou com uma simples capela (1840) para posterior construção da igreja da Consolação (1959), data está não muito distante da inauguração da Praça como conhecemos hoje, Praça Franklin Roosevelt (1970 apud PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2018)

De fato, as Praças representam valores simbólicos tanto em suas edificações, como uma igreja, quanto os elementos de uma Praça, como uma grande árvore. Simbólicos por se tornarem referências cênicas na paisagem da cidade, davam

identidade ao local (ROBBA E MACEDO, 2002). Percebe-se, então O **ambiente simbólico** relacionado ao urbanismo dialógico.

Figura 2 - Largo (Praça ou Adro) colonial configurado pela igreja e pelas edificações em seu entorno – Adro da igreja de São Francisco de Assis, João Pessoa.



Fonte: Macedo, Robba. 2002

“Uma cidade tem por espinha dorsal de sua estrutura as vias públicas, sendo que, de toda infra-estrutura urbana, é essa a primeira a se fazer presente” (ZMITROWICZ E ANGELIS NETO, 1997, p.1447). Lamas (2004) também afirma a importância da trama urbana “A Praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho” (LAMAS, 2004, p. 100).

Lamas (2004) conceitua a Praça como elemento morfológico, utilizado no desenho urbano e na concepção arquitetônica, tendo uma variação em sua forma geométrica, com quadrados a triângulos, círculos a elipses, coleção inesgotável de formas que, contudo, podem ser sistematizadas.

Angelis e Angelis Neto (2000, p. 1446) ressaltam que “a tipologia dos espaços públicos implica o conhecimento de sua identidade, estrutura, significação e a imaginabilidade.” Permeando assim, nos ambientes físicos, sociais e simbólicos do lugar. Rossi (1995, p. 29) define que tipologia “(...) é a ideia de um elemento que desempenha um papel próprio na construção da forma e que é uma constante”.

Angelis e Angelis Neto (2000) ainda explicam a ideia de tipologia como:

O atributo de identidade permite conhecer uma Praça como entidade diferenciada, distinguindo-a dos demais logradouros. A estrutura conforma a imagem através da relação espacial entre a Praça e seu entorno, integrando ambos em um conjunto único. A significação, por sua vez, é um atributo que comporta valor simbólico para o observador, transformando a Praça em um espaço reconhecível e representativo para os habitantes da cidade (ANGELIS E ANGELIS NETO, 2000, p. 1446).

A tipologia como a forma da Praça tem ligação com sua inserção na trama urbana. “Uma cidade tem por espinha dorsal de sua estrutura as vias públicas. Seus cruzamentos e interseções determinam não somente o fluxo de automóveis, mas também o surgimento de logradouros públicos” (ANGELIS E ANGELIS NETO, 2000, p.1447). A importância das vias para as Praças está na resultante de sua forma vir a ser definida pelas próprias vias, o que gera diferentes tipos de sistemas em sua configuração física.

1.4.1.1 Tipo de Praças:

De fato, os tipos de Praças, sua morfologia, interferem nas suas funcionalidades. Zucker (1970) faz a classificação das Praças como Arquétipos, em um estudo mais aprofundado considerando sua completa tridimensionalidade.

Zucker (1970) considera cinco os arquétipos para Praças sendo:

1 - Praça fechada: é a concepção comum de Praça como espaço complementamente cercado por edificações, apenas interrompido pelas ruas que lhe dão acesso. Neste tipo de Praça os elementos básicos para a percepção visual do espaço são: a forma da planta (plano horizontal do piso, em geral uma figura geométrica regular), a relação entre as dimensões horizontais da planta e verticais dos edifícios que a envolvem, a continuidade construtiva e uma relativa homogeneidade tipológica das construções, elementos estes que conferem a este arquétipo a qualidade de um espaço em equilíbrio estático. (ZUCKER, 1970 apud BARTALINI, 1990, p. 18)

Este é o arquétipo que melhor define a Praça Frankling Roosevelt, desde a sua gênese, o espaço já era rodeado de edificações comerciais e torres (arranha-céus), o resultado depois da requalificação foi positivo, gerou espaços mais planos e abertos, como relatado por uma usuária da Praça no momento da aplicação dos questionários: “é muito bonita a paisagem dos prédios vistos da Praça, esta é uma das características da cidade de São Paulo”.

2 - Praça dominada: organizada em função de um elemento (ou grupo de elementos) que determina as principais relações espaciais. Este elemento dominante pode ser um edifício (igreja, teatro, estação ...), um objeto (uma fonte, um portal „.), um eixo (caso comum às Praças associadas a pontes), ou mesmo uma paisagem (Praça com um dos lados abertos para o horizonte como a Praça dos Três Poderes em Brasília, a Piazzetta em Veneza, a Praça do Comércio em Lisboa). Em qualquer caso, a Praça

dominada apresenta uma organização espacial dinâmica devida à atração exercida pelo elemento dominante sobre a percepção e o movimento do observador (ZUCKER, 1970 apud BARTALINI, 1990, p. 18)

Características deste Arquétipo são encontrados na Praça Roosevelt, como a Igreja da consolação, que informa e demarca a frente da Praça, seguido da paisagem de São Paulo para com os lados abertos para o horizonte através das duas ruas quase que paralelas, a Rua Consolação e a Rua Augusta.

3 - Praça nuclear, a sensação espacial de Praça é obtida pela presença de um núcleo (monumento, obelisco, fonte ...) "suficientemente forte para carregar o espaço em torno com uma tensão que confere unidade ao conjunto". Mesmo que os edifícios adjacentes tenham formas, dimensões e implantações variadas a unidade espacial é garantida pelo elemento nuclear.

Naturalmente o efeito do núcleo é limitado, restringindo-se portanto a Praças relativamente pequenas, ou pelo menos, proporcionais no poder de atração do núcleo (ZUCKER, 1970 apud BARTALINI, 1990 p. 18).

A Praça Roosevelt não possui características de uma Praça nuclear, apesar de ter um monumento arquitetônico sendo a igreja da consolação, a mesma não gera uma tensão de unidade devido seu posicionamento (perímetro da Praça) relacionada com o tamanho (proporção) da Praça.

4 - Praças agrupadas: trata-se de sequências de Praças em que, não obstante cada uma ter sua própria individualidade, a noção de conjunto é garantida. Esta sequência é composta por Praças de diferentes formas e escalas, que se associam ou por intermédio de um eixo comum, ou de eixos ortogonais, ou por gravitarem em torno de um edifício dominante. Neste arquétipo, as dimensões relativas de cada Praça e o modo pelo qual se dá a conexão entre elas desempenham um papel importante na percepção do conjunto (ZUCKER, 1970 apud BARTALINI, 1990, p. 18).

Como a Praça Roosevelt é única, ou seja, sem nenhuma conexão com outras Praças, este arquétipo não se enquadra em nenhum aspecto com a Praça Roosevelt.

5 - Praças amorfas: apesar de serem consideradas Praças para efeito de cadastramento de logradouros públicos, são destituídas das qualidades espaciais que caracterizam os tipos anteriormente mencionados. A Praça amorfa tem em geral planta com forma indefinida, ausência de unidade e desproporções de escala. Pode ocorrer de a planta apresentar forma geométrica regular e mesmo assim resultar um espaço amorfo, pelo fato das relações de proporção entre a Praça e os edifícios circundantes serem inadequadas. Ainda pode acontecer o caso em que o possível efeito agregador de um elemento nuclear ser neutralizado pela excessiva disparidade entre os edifícios em torno da Praça (ZUCKER, 1970 apud BARTALINI, 1990, p. 18).

Apesar da Praça Roosevelt ter uma planta com forma indefinida (gerada pelo encontro e cruzamentos de ruas e avenidas), a mesma foi planejada e no caso

requalificada, trazendo espaços mais organizados, com boas perspectivas na maioria dos lugares e uma noção boa de proporção baseada no tamanho da Praça com as edificações ao seu redor.

Uma definição clara e bem completa de “edifício Praça” pode ser explanada a seguir:

Deste modo, podemos afirmar que o edifício-Praça é uma tipologia urbana e arquitectónica compósita e unitária, não só pela fusão de vários programas na mesma estrutura mas também porque é formada por três elementos morfológicos distintos: o[s] edifício[s], que determinam a sua configuração e limites, funcionando como membrana de separação entre a Praça [o interior] e a rua [exterior]; o plano das fachada, que atribui ao espaço público uma linguagem arquitectónica homogénea – estilo, expressão estética e época –; e o vazio da Praça, que se constitui um espaço público de excepção enquanto estrutura central e elemento que propicia as trocas e encontros [permanência]. Assim, a tipologia edificada determina a forma urbana, da mesma maneira que a forma urbana é uma das condicionantes da tipologia edificada, influenciando-se mutuamente (MARTINS, JOANA COSTA, 1990, p. 76).

Zucker (1970 apud BARTALINI, 1990, p. 18) “diferenças morfológicas de sucessivos estilos são de menor importância. Eles se refletem mais nos edifícios lindeiros do que na forma intrínseca da Praça propriamente dita”.

Robba e Macedo (2010) citam que com a mudança ideológica trazida pelo Modernismo, a Praça passa a constituir espaço de lazer e contemplação, saem de cena a função comercial e passam a serem foco do espaço a diversão, o esporte e a cultura. A Praça modernista possui em seu programa pista de caminhada, equipamentos urbanos, quadra e playgrounds.

Robba e Macedo (2010) ressaltam que a Praça contemporânea se caracteriza como um espaço multifuncional, com a possibilidade de vários usos, diversos formatos em sua morfologia, irreverência, espaços com diversas utilidades, assim como um lazer mais ativo, buscando lugares mais convidativos e vivos.

Pose-se perceber as diferenças entre a Praça Roosevelt em seu primeiro momento como Praça modernista e o segundo momento como a Praça contemporânea depois da requalificação, segundo a figura 3, a esquerda a Praça Roosevelt modernista e a direita a Praça contemporânea.

Figura 3 - Diferença de uma Praça moderna e uma Praça contemporânea.



Fonte: Fábio Ramos



Fonte: Folha do estado de São Paulo

1.4.2. Categoria de análise da paisagem cultural da Praça

Rapoport (2003) ressalta que as paisagens culturais estão compostas por:

sistemas de lugares, dentro de los que discurran sistemas de actividades. Tanto el paisaje cultural (lugares y sus contraseñas) como los sistemas de actividades están compuestos por elementos fijos y semifijos y han sido creados y habitados por elementos no fijos (principalmente personas) (RAPOPORT, 2003, p 44).⁷

Os elementos fixos e semifixos correspondem ao ambiente físico. E os elementos não fixos como os grupos, as pessoas, suas atividades e relações correspondem ao ambiente social. Em tanto que, as significações, aspirações, expectativas, identidades, entre outras, dos grupos sociais correspondem ao ambiente simbólico. Nesta pesquisa, são consideradas como categorias de análise da paisagem cultural da Praça os ambientes físico, social e simbólico, as relações entre estes ambientes ou matrizes, mapa heurístico e sinergias.

1.4.2.1. Ambiente físico

Ambiente físico ou espacial é a dimensão material (natural e construído) das manifestações do ambiente sociocultural em seu processo de apropriação e transformação do território.

⁷ Tradução: sistemas de lugares, dentro dos que discorrem sistemas de atividades. Tanto a paisagem cultural (lugares e suas senhas) como os sistemas de atividades estão compostos por elementos fixos e semifixos e tem sido criados e habitados por elementos não fixos (principalmente pessoas) (RAPOPORT, 2003, p 44)

O ambiente físico compreende os elementos fixos e semifixos. Os elementos de características fixas são aqueles estáveis ou que mudam raramente e vagarosamente. Citam-se como exemplos elementos estruturais, tais como muros e paredes ou as ruas de uma cidade. A disposição espacial, as dimensões, a localização, a sequência, entre outras características, pode expressar significado, principalmente em culturas tradicionais (RAPOPORT, 1990). Em Praças, podemos exemplificar como elementos fixos: postes, grandes árvores e estruturas físicas, como um coreto.

Já os elementos de características semifixas mudam com mais rapidez e com mais facilidade. Um exemplo condizente com esta pesquisa seria o mobiliário urbano (lixeiras, bancos, postes), a vegetação. Tais elementos tornam-se individualmente importantes em seu próprio contexto, porque existe a tendência de comunicar mais que os elementos fixos (RAPOPORT, 1990). Pode-se caracterizar os elementos fixos e semi-fixos dentro do ambiente físico no urbanismo dialógico.

1.4.2.2 Ambiente social

Ambiente social é uma organização funcional das práticas sociais, no qual as pessoas desenvolvem-se da forma com que se relacionam com o meio físico. Com relação ao ambiente social. Zarate (2014) ressalta:

“el contexto de especificación histórico, en tiempo, espacio y tradición, en el cual se manifiestan las distintas prácticas sociales y sus procesos organizativos funcionales, ideológicos y de poder, representando la complejidad social del lugar urbano. Se trata de una construcción social funcional y compleja organizada en múltiples dimensiones de ordenes implicados³ (procesos regulativos de la producción, organización social, y significaciones emergentes en planos semióticos). Este orden implicado se manifiesta en una forma (regularidades organizativo funcionales y simbólicas, definidas conceptualmente desde distintas perspectivas teóricas) y en un contenido (dado por la articulación complementaria entre la especificidad característica de una realidad cultural concreta en un particular momento de lectura, representada por la forma y el proceso diacrónico de transformación de esa misma realidad en la histórica producción y reproducción de sentido, tradiciones). Además, el Ambiente Cultural es el ámbito de lo gestionable indirectamente a través de los sistemas reguladores de las distintas praxis sociales y su sistema de significaciones, como podría ser, por ejemplo, la acción política sobre lo social, económico y cultural”⁸ (ZÁRATE, 2014, p. 14).

⁸ Tradução: o contexto de especificação histórica, no tempo, espaço e tradição, em que se manifestam as diferentes práticas sociais e seus processos funcionais, ideológicos e organizacionais de poder, representando a complexidade social do lugar urbano. É uma construção social funcional e complexa organizada em múltiplas dimensões de ordens envolvidas³ (processos regulativos de produção, organização social e significados emergentes em planos semióticos). Esta ordem implicada se manifesta em um formulário (regularidades organizacionais funcionais e simbólicas conceitualmente definidos a partir de diferentes

As condições físicas (fixos e semifixos), portanto, da Praça interferem na realização de atividades e na percepção dos usuários, consideradas como condições sociais.

Gehl (2017) complementa afirmando que o entorno físico ou ambiente físico influencia nas diversas atividades sociais realizadas em ambientes externos. Essas atividades realizadas em espaços públicos podem ser divididas em três categorias: 1- Atividades Necessárias: ações que são obrigatórias, como ir à escola ou ao trabalho; 2- Atividades Opcionais: ações como passear para tomar um ar fresco, a configuração física influencia muito no poder de decisão, são condições favoráveis quando o tempo e o lugar são convidativos; 3- Atividades Sociais: acontecem quando as condições físicas dos espaços públicos propiciam a realização de atividades entre duas ou mais pessoas, como uma conversa num banco de Praça.

1.4.2.3 Ambiente simbólico

Ambiente simbólico, consiste nas expressões verbais e escritas, seguidas do gestual e comportamento das pessoas, a expressão de valores, significados, representações sociais, imaginários sociais construídos (ZÁRATE, 2015).

Zárate, (2014) diz que o ambiente simbólico é:

el campo abierto y virtual del pensamiento, en constante transformación y actualización de sus contenidos en el que pueden reconocerse momentos de equilibración dinámicos cronotopicos, (los "esquemas" de Piaget) (1987) y de sentido simbólico (la "semiosfera"), a partir de un proceso de aprehensión de la realidad, posibilitando así las condiciones de acceso al conocimiento a partir de la problematización de la realidad orientada por la manifestación concreta y contextualizada en forma histórica y cronotópica de una problemática ("conocimiento situado") dentro de un encuentro de horizontes de sentido (Gadamer, 1994, 1997): el de quienes interpretan y el de lo que se interpreta en el lugar⁹ (ZÁRATE, 2014, p. 14).

perspectivas teóricas) e um conteúdo (dado pela ligação complementar entre a especificidade característica de uma realidade cultural particular em um determinado momento da leitura, representado por a forma e o processo diacrônico de transformação dessa mesma realidade na produção histórica e na reprodução de significados, tradições). Além disso, o Ambiente Cultural é o domínio do que pode ser gerenciado indiretamente através dos sistemas reguladores das diferentes práticas sociais e de seu sistema de significações, como, por exemplo, a ação política sobre os aspectos sociais, econômicos e culturais

⁹ Tradução: "O campo de pensamento aberto e virtual, em constante transformação e atualização de seu conteúdo, no qual os momentos de equilíbrio cronotópico dinâmico podem ser reconhecidos ("esquemas" de Piaget (1987) e de significado simbólico ("semiosfera")), a partir de um processo de apreensão¹ da realidade, possibilitando assim as condições de acesso ao conhecimento a partir da problematização da realidade pautada pela expressão concreta e contextualizada de forma histórica e cronotópica de uma problemática ("conhecimento situado") dentro um encontro de horizontes de sentido (Gadamer, 1994, 1997): o daqueles que interpretam e o do que se interpreta no lugar. "

O projeto pode ser considerado no ambiente simbólico. Para Muntañola (2000), a dimensão poética é o lugar habitado em seu conceito e representa o processo criativo no desenvolvimento do projeto, concretiza a ideia da realidade sócio física do lugar. “A criação é sempre representação de uma ação através de uma ficção” (MUNTANÕLA, 2000, p. 22). Ou seja, o ato de criar, ou projetar, vem da relação de expressar uma ideia baseada em uma narrativa, esta, tendo como referência o contexto do lugar.

O projeto parte de estudos literários com relação dialógica social e intertextual, sendo a ideia de habitar do homem em um espaço com o construir através das características sociais, culturais, histórias e ambientais dos que ali habitam, o que representa o contexto. Sendo assim, o projeto, sendo dialógico, simbólico por representar as expectativas, deve responder às necessidades do habitar e do contexto e representá-lo numa poética atual, mas com referenciais históricos do seu contexto.

Gehl (2015) propõe alguns critérios de qualidade com relação à paisagem do pedestre:

Segurança: ambiente público cheio de vida;

Espaços para caminhar: espaços públicos atraiam pessoas a fim de caminhar, ausência de obstáculos, acessibilidade, existência de fachadas interessantes de edifícios;

Espaços de permanência: Considera-se que os lugares públicos devem ser agradáveis para que as pessoas possam permanecer por grandes intervalos de tempo, contemplação, refeições curtas, entre outras;

Ter onde se sentar: vista sol, sombra, disponibilidade de bons lugares para sentar, qualidade mobiliário urbano, lugares para descanso, lazer, leitura, etc.;

Possibilidade de observar: distâncias razoáveis para observar, visuais de paisagens para que os cidadãos tenham possibilidade de contemplar as perspectivas da cidade, iluminação, linhas de visão desobstruídas;

Oportunidade para ouvir e conversar: Os espaços públicos, entendidos como locais de lazer e de encontro, devem contar com um mobiliário urbano que

convide e fomenta a interação entre as pessoas. Para que isso seja possível, devem existir baixos níveis de ruído, que permitam que as pessoas possam conversar;

Locais para se exercitar: convite para criatividade, atividade física, inclusão de aparelhos de exercícios incentivando um estilo de vida mais saudável. Garantir o acesso à equipamentos esportivos a todos os cidadãos;

Escala Humana: garanta que os cidadãos possam se relacionar com essa nova infraestrutura em uma escala humana.

Possibilidade de aproveitar o clima: atividades físicas (esportivas) ao ar livre, sombreamento;

Boa experiência sensorial: conectar as pessoas, através da presença de árvores, plantas, água. Ótimas vistas. Permanência dos usuários no lugar, mobiliário urbano.

1.4.2.4 Matrizes

Cruzamento dos ambientes para identificação de problemáticas ou soluções, através das:

- Relações socio-físicas: com alvo identificar os cruzamentos sociais (Atividades sociais) com os físicos (lugares). Identificando as congruências (soluções) ou as incongruências (problemáticas) com os ambientes.
- Relações socio-simbólicas: com alvo identificar os cruzamentos entre os grupos sociais, identificando as de existe reconhecimento (soluções) ou o não reconhecimento (problemática) entre os mesmos.
- Relações físico-simbólicas: com alvo identificar os cruzamentos sociais (grupos sociais) com os físicos (lugares). Identificando relação (soluções) ou a não relação (problemáticas) com os ambientes.

1.4.2.5 Mapas heurísticos

Construção de um mapa como um cenário de interpretação das relações entre os ambientes físico, social e simbólico com o propósito de verificar as congruências ou incongruências das relações socio-físicas; o reconhecimento ou

não das relações socio-simbólicas e as relações físico-simbólicas, para compreensão e análise das percepções topofilicas e topofóbicas.

1.4.2.6 Sinergias

Tem como meta a relação entre os ambientes físico, social e simbólico, podendo gerar apenas uma relação, relação de dupla sinergia (socio-físicas, socio-simbólicas e físico-simbólicas) e a relação da tripla sinergia entre todos os ambientes, relevando o código genético do lugar avaliado, verificando as porcentagens de possibilidade das relações entre os ambientes gerarem topofilia ou topofobia, respondendo assim ao objetivo da pesquisa.

1.5 Percepção topofílica e topofóbica

Merleau-Ponty (1999) resume o significado de fenomenologia como a ideia de essência dos sentidos. "A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: são a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

Para Lima (2010, p. 24) "pode-se definir a percepção como a função psíquica que permite ao organismo, através dos sentidos, receber e elaborar a informação proveniente de seu entorno".

Já para Tuan (1974) percepção é "tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados" (TUAN, 1974, p. 4)

Ching (2005) ressalta que as percepções dos limites espaciais são definidas pelas formas urbanas:

Através do volume do espaço nos movemos, percebemos formas, ouvimos sons, sentimos brisas, cheiramos as fragrâncias de um jardim, de uma flor. É uma substância material como a madeira ou a pedra. Sua forma visual, suas dimensões e escala, a qualidade de sua luz – todas essas qualidades dependem de nossa percepção dos limites espaciais definidos pelos elementos da forma. À medida que o espaço começa a ser capturado, encerrado, moldado e organizado pelos elementos da massa, a arquitetura começa a existir (CHING, 2005, p.92).

Tuan (2012) afirma que as pessoas percebem o ambiente em sua volta através dos sentidos, e que podem ter uma melhor visão do mundo de acordo com a cultura vivida:

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo (TUAN, 2012, p. 116).

Alguns dos sentidos da percepção têm como características a sensação de prazer, bem-estar e satisfação, ou seja, a topofilia. Tuan (1980) ressalta que topofilia é:

um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

Diferente de Topofobia, que, tendo em vista que o radical “fobia” remete à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância. “A familiaridade engendra afeição ou desprezo” (TUAN, 1980, p. 114).

Essas percepções são determinadas através dos cinco sentidos clássicos dos seres humanos sendo eles: visão, audição, olfato, paladar e o tátil. Pallasmaa (2011) afirma que todos os sentidos estão conectados com o sentido do tacto, justificando assim o nome de seu livro referenciado nesta pesquisa: Os olhos da pele.

Todos os sentidos, incluindo a visão, são extensões do tacto; os sentidos são especializações do tecido cutâneo, e todas as experiências sensoriais são variantes do tacto e, portanto, relacionadas à tactilidade (PALLASMAA, 2011, p. 04).

Pallasmaa (2011) enfatiza a importância dos diversos sentidos encontrados nos seres humanos, não evidenciando apenas a visão, mas declarando a importância dos outros sentidos, como o auditivo, para que o todo seja melhor percebido.

A visão isola, enquanto o som incorpora; a visão é direccional, o som é omnidireccional. O sentido da visão implica exterioridade, mas a audição cria uma experiência de interioridade. Eu observo um objecto, mas o som envolve-me; o olho alcança, mas o ouvido recebe. Os edifícios não reagem ao nosso olhar mas efectivamente retornam os sons de volta aos nossos ouvidos (PALLASMAA, 2011, p. 46).

A percepção também relaciona as três dimensões físicas utilizando-se de um cruzamento de informações como, por exemplo: sentir pode estar ligado com o ato de tocar algo físico (**ambiente físico**) como encostar a mão em um troco de árvore e perceber sua textura rugosa, mas também o ato de tocar em uma árvore pode gerar lembranças de um lugar especial (**ambiente simbólico**) ou ambas as sensações juntas, podendo-se chamar esse cruzamento de **ambiente físico-simbólico**.

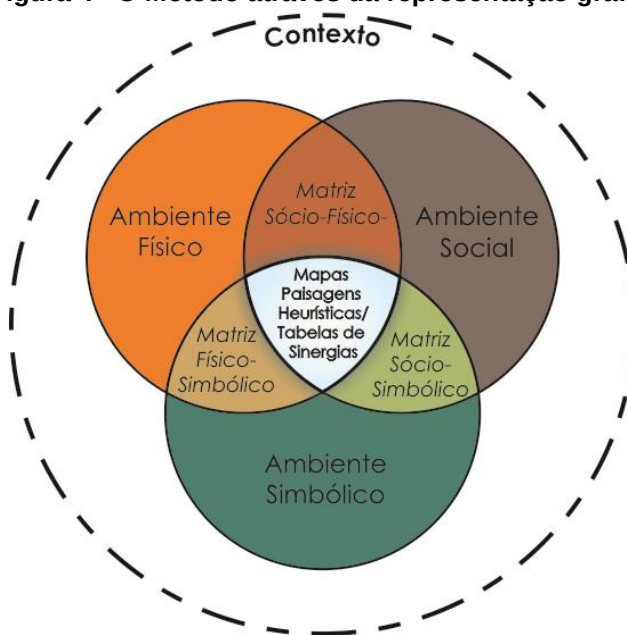
Gehl (2015) descreve como deve ser a experiência de caminhar em espaços urbanos de modo interessante e memorável. Quando caminhamos estamos perceptivos aos detalhes a vista do observador. Ficamos atentos a detalhes de fachadas, cores, texturas e materiais. Quanto mais for garantido o ritmo, o dinamismo, movimento em fachadas, ou seja, quanto mais ativa for uma fachada, mais vivo e movimentada será o trajeto de sua caminhada. Gehl (2015) ainda comenta que estudos revelam a importância dos sentidos serem estimulados com frequência, garantindo um equilíbrio entre muitos e poucos estímulos. Um exemplo é o uso de fachadas transparentes, que torna a experiência mais intensa para o usuário, sendo que a fachada expõe o interior e o exterior da edificação, podendo mostrar mais um produto como mercadoria.

2. MÉTODO

O método Urbanismo Dialógico tem como base a fundamentação teórica e filosófica de Bakhtin, Muntañola e Zárata, na relação de texto (Praça Roosevelt) com seu contexto (Distrito da República do centro histórico de São Paulo) e nas relações intertextuais da Praça Roosevelt nos ambientes: físico, social e simbólico (Figura 4).

O método proposto compreende 7 etapas. Primeira, a relação da Praça Roosevelt com seu contexto. Segunda, a identificação dos lugares topofílicos e topofóbicos (questionários e formulários). Terceira, ambientes físico, social e simbólico. Quarta, as matrizes. Quinta, os mapas heurísticos. Sexta, as tabelas e suas sinergias. Sétima, questionários e formulários.

Figura 4 - O Método através da representação gráfica



Fonte: Autor 2018

2.1 Relação da Praça com seu contexto

No contexto da Praça Roosevelt, Distrito da República do centro histórico de São Paulo, serão abordados os aspectos históricos, urbanos, políticos (gestão), sociais, culturais, econômicos e ambientais. Na relação da Praça Roosevelt com seu contexto serão analisadas as viabilidades sociais, culturais, urbanas e ambientais.

Com relação a gestão da prefeitura Municipal de São Paulo serão estudadas os programas e projetos de intervenção para a Praça Roosevelt (1960 e 2012).

Viabilidade Social: se a Praça atende as necessidades dos residentes do centro histórico de São Paulo, como espaços para prática de esportes, lazer, entre outros.

Viabilidade Cultural: se no entorno da Praça existe espaços que promovem a cultura, como teatros, cinemas, museus, entre outros.

Viabilidade Urbana: se no Distrito da República, próximos a Praça se encontram os serviços complementares como: posto de saúde, segurança, pontos de transporte coletivo (ônibus, metro), restaurantes, entre outros.

Viabilidade Ambiental: a articulação da Praça está com outros espaços públicos, como Praças, parques, entre outros.

2.2 Identificação dos Lugares

Através de perguntas do questionário sobre a percepção da Praça Roosevelt aplicadas aos usuários, é possível identificar os lugares topofílicos e topofóbicos.

A análise das relações intertextuais da Praça Roosevelt será realizada segundo os ambientes: físico, social e simbólico.

2.2.1 Ambiente físico

- Sentidos: fluxos, direções.
- Sinalização: tipos, formas, acessos,
- Vias: texturas, larguras, comprimentos.
- Calçadas: texturas, larguras, comprimentos, acessibilidade
- Traçados das calçadas: Linear, curvo, radial, seguimento,
- Trama urbana: o sistema retangular, o sistema radial e o sistema triangular.
- Edifícios: fachadas (composições), cores, gabarito de altura, materiais.
- Edifícios: permeabilidade, espaços de transição (semi-publico), transparência, tipos.
- Usos do solo dos edifícios do entorno: residencial, comercial, misto, institucional.
- Mobiliário urbano: design, material, tipo, forma.
- Infraestrutura: iluminação, água, esgoto, telefonia, internet.
- Vegetação: tamanhos, formatos, texturas, aromas.

- Acessibilidade: qualidade do conforto, do entorno e da segurança.

2.2.2 Ambiente social

Durante as visitas técnicas e aplicação de questionários na Praça Roosevelt foi possível identificar os grupos sociais e as atividades que realizam.

Os grupos sociais identificados são: Skatistas, Religiosos, Dono de Pets, Vendedor de drogas, Morador de rua, Usuário de drogas, teatro, jovens “tribos”, Vendedores Ambulantes, esportistas, Pacientes de terapia, Amigos grupos, Moradores do perímetro da Praça. Cada grupo social desenvolve as seguintes atividades:

- Skatistas: andar de skate, práticas esportivas, ouvir música.
- Religiosos: Cultos, Evangelismo
- Dono de Pets: Passeio, Caminhada.
- Vendedor de drogas: Vender drogas, usar drogas
- Morador de rua: Dormir no ambiente, uso de drogas.
- Usuário de drogas: Dormir no ambiente, uso de drogas.
- Grupo dos teatros: Paquerar, comer/beber, socializar.
- Jovens “tribos”: Paquerar, comer/beber, socializar.
- Vendedores Ambulantes: vender produtos
- Esportistas: prática de exercícios, práticas esportivas, caminhada.
- Pacientes de Terapia: terapia
- Grupo de amigos: Paquerar, comer/beber, socializar.
- Moradores do perímetro da Praça: Caminhada, passeio, práticas esportivas, prática de exercícios.

2.2.3. Ambiente simbólico

Através de perguntas do questionário sobre a percepção topofílica e topofóbica da Praça Roosevelt, aplicadas aos usuários, é possível identificar as categorias simbólicas para as mesmas.

2.2.3.1 Questões Positivas (Topofilia)

- Identidades: apropriação, transparência.
- Expectativas: sombreamento, descansar (relaxar), acessibilidade, entretenimento, diversão.
- Significados: diversidade cultural.
- Valores: afetivos: estéticos, uso, históricos, religiosos, artísticos, cultural, edificados.
- Memória, lembranças: paisagem agradáveis, aromas.
- Sensações e Percepções: alegria, felicidade, prazer, alívio, salubridade, segurança, sons agradáveis.
- Fé, crenças, princípios: paz, bem-estar.

2.2.3.2 Questões Negativas (Topofobia)

- Identidades: desapropriação, barreira visual.
- Expectativas: espaços vazios, descaso público.
- Significados: brigas de grupos sociais, conflitos.
- Valores impassíveis: estéticos, de uso, históricos, religiosos, artísticos, cultural, edificado.
- Memória, lembranças: Má vista paisagística, odores.
- Sensações e Percepções: tristeza, dor, insalubridade, insegurança, barulhos.
- Fé, crenças, princípios: isolamento social e físico.

Com todos os elementos qualificados, a próxima etapa é elaborar as matrizes e os mapas heurísticos de topofilia e topofobia.

2.3 Matrizes

As matrizes estabelecem as relações físico-simbólicas dos grupos sociais com os lugares, as congruências sócio-físicas das atividades com os lugares e o reconhecimento sócio-simbólico entre os grupos sociais. Os resultados das matrizes subsidiaram a elaboração das tabelas de sinergias (Figura 5).

As etapas 3 e 4 não são necessariamente sequenciais, pois os resultados da matriz poderão alimentar ou complementar o mapa heurístico com novos elementos (atividades realizadas pelos grupos sociais e o simbólico). As matrizes são referências do método de Zárate (2015a, 2015b).

Figura 5 - Conceito de Matrizes

Físico-simbólico		
SIMBÓLICO	FÍSICO	
	lugar	lugar
grupos	NR	R
grupos	NR	NR
R = Tem Relação NR = Não tem relação		

Sócio-físico		
SIMBÓLICO	FÍSICO	
	lugar	lugar
atividade	IC	C
atividade	IC	C
C = Congruencia IC = Incongruencia		

Sócio-simbólico		
GRUPOS		
	grupos	grupos
grupos	-	R
grupos	NR	-
R = Reconhece o Grupo NR = Não Reconhece o Grupo		

Fonte: Autor 2018

2.4 Mapas heurísticos

As propostas dos mapas heurísticos, segundo Zárate (2015a, 2015b), são: relacionar os grupos sociais com os elementos dos ambientes físico, social e simbólico.

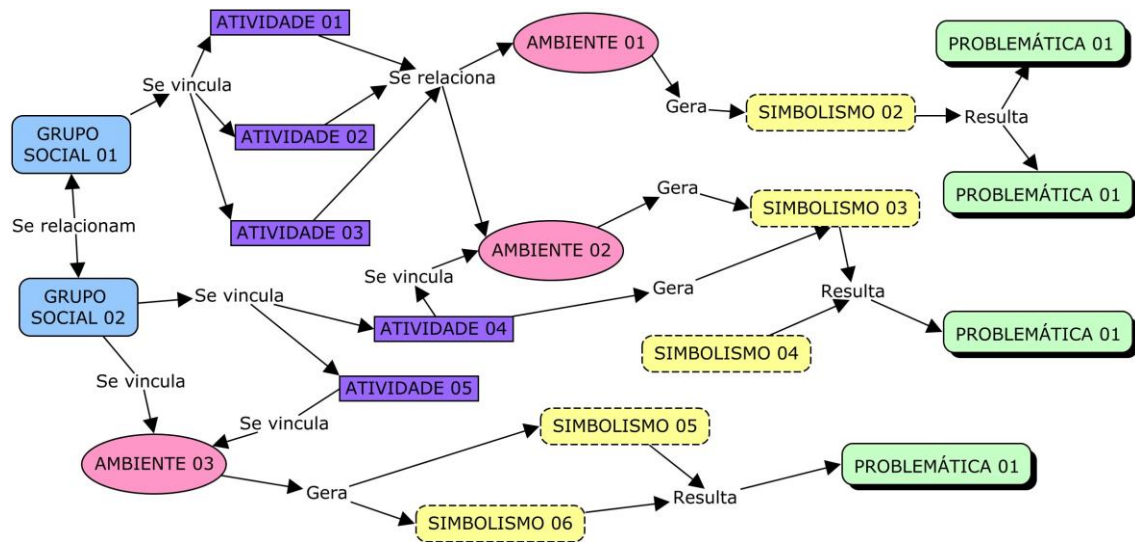
Para construir o mapa heurístico, iniciamos realizando para cada grupo social, suas atividades em ambientes físicos ou lugares.

Num segundo momento identificamos as possíveis relações entre os grupos sociais, as atividades e os lugares.

Terceiro, o elemento simbólico é gerado através dos grupos sociais, atividades realizadas e lugares.

Por último, os problemas (mapa heurístico de topofobia) ou as soluções (mapa heurístico topofilia) são consequência dos aspectos simbólicos. Portanto, o mapa heurístico estabelece relações entre os grupos sociais, as atividades, os lugares, o simbólico e as soluções ou problemas, fazendo os cruzamentos sócio-físico, sócio-simbólico e físico-simbólico através de matrizes. (Figura 6)

Figura 6 - Conceito de um mapa heurístico com as problemáticas



Fonte: Autor 2018

2.5 Tabelas de sinergias

O objetivo da sinergia é identificar quais elementos dos ambientes: físico, social e simbólico do lugar da Praça interferem na percepção topofílica ou topofóbica dos usuários através de relações sinérgicas, Zárate (2015a, 2015b).

Cada lugar da Praça foi classificado com uma respectiva cor para diferenciar os mesmos. As relações sinérgicas ocorrem por meio da afinidade entre os elementos dos ambientes físicos, sociais e simbólicos. Cada relação sinérgica tem uma porcentagem de possibilidade de interferência na percepção topofílica e topofóbica dos usuários, podendo ser: a sinergia tripla (66,6% - 100%), sinergia dupla (33,3% - 66,6%) e uma sinergia (0% - 33,3%) para o grau de topofilia e para o grau de topofobia, sendo que, as porcentagens sinérgicas são proporcionais.

A sinergia única é representada por um elemento de algum ambiente (físico ou social ou simbólico) de um lugar. Entretanto que a sinergia dupla é a relação de dois elementos de ambientes distintos (físico, social ou simbólico) de um lugar, relações representadas através da conexão de linhas tracejadas. E a sinergia tripla é apresentada por três elementos de ambientes distintos (físico, social e simbólico) de um lugar, representada através da conexão de linhas continua. As linhas têm as cores que correspondem a cada lugar da Praça Roosevelt.

Sendo assim, quanto maior for a porcentagem ou maior for a relação sinérgica entre os ambientes (físico, social e simbólico) com seus lugares, maior

será a possibilidade de interferência na percepção topofílica ou topofóbica dos usuários (figura 7).

Figura 7 - Conceito de tabela de sinergias

lugar	lugar	lugar	Sinergia Única 0% - 33,3%	Sinergia Dupla 33,3% - 66,6%	Sinergia Tripla 66,6% - 100%
			Ambiente Físico		
			Elemento		
			Elemento		
			Elemento		
			Ambiente Social		
			Elemento		
			Elemento		
			Elemento		
			Ambiente Simbólico		
			Elemento		
			Elemento		
			Elemento		

Fonte: Autor 2018

2.6 Questionários na Praça Roosevelt

Para identificar os lugares da paisagem cultural da Praça Franklin Roosevelt do Centro histórico de São Paulo que interferem na percepção topofílica e topofóbica dos usuários foram aplicados questionários aos usuários.

Com base nas pesquisas documentais sobre entrevistas qualitativas e quantitativas foram realizadas as mesmas através de questionários e formulário, afim de coletar dados para a análise estatísticas.

2.6.1 Aplicação dos questionários:

Para a coleta de dados, foram elaborados dois documentos: um formulário de levantamento dos elementos físicos da Praça (com a visão do autor) e um questionário com levantamento dos elementos dos ambientes (físicos, sociais e simbólico), como pesquisa de opinião. Estes documentos estão na área de anexos desta pesquisa.

Os questionários foram aplicados pelo pesquisador na própria Praça Roosevelt, nos períodos da manhã, tarde e noite, nos dias 14, 15 e 16, no mês de setembro de 2017, fazendo um total de 90 entrevistados.

Os espaços topofílicos na Praça são 6 áreas (Quiosque, Pista de skate, Escadaria Skate, Centro da Praça, Centro Cachorródromo e Escadaria (Teatros)). Os espaços topofóbicos na Praça são 6 (Parque Infantil, Escadaria (Teatros), Igreja, Centro Praça, Centro (Guarda Civil), Escadaria (Guarda Civil)). Os resultados apontaram como espaço mais topofílico os Quiosques, seguido dos espaços correspondentes o Centro Praça, Escadaria (Teatros), Centro Cachorródromo, Escadaria Skate e Pista de skate. E como o espaço mais topofóbico o Parque Infantil, seguido dos espaços correspondentes a Escadaria (Guarda Civil), Centro (Guarda Civil), Escadaria (Teatros), Centro Praça e a Igreja.

2.7 Materiais e procedimentos da pesquisa de campo:

A pesquisa de campo seguiu uma sequência metodológica caracterizada pela delimitação espacial da área de pesquisa, seleção dos espaços urbanos, acesso aos projetos, desenho de projetos em AutoCad ou Revit, elaboração e aplicação de questionários para conhecer os usuários, as atividades que realizam na Praça, suas expectativas e suas percepções topofílicas ou topofóbicas.

2.8 Área da pesquisa de campo:

O estudo de caso desta pesquisa é a Praça Franklin Roosevelt, localizada entre a Av. da Consolação e a Rua Augusta com as Ruas da Praça Franklin Roosevelt e João Guimarães Rosa, no Distrito República do centro histórico da cidade de São Paulo - S.P. Situação na (figura 8)

Figura 8 - Situação da Praça Franklin Roosevelt



Fonte: Autor 2018

3. CONTEXTO: CENTRO HISTÓRICO E PREFEITURA DE SÃO PAULO

Para entender as relações do objeto de estudo, a Praça Roosevelt nas suas dimensões: projeto, físico, social-simbólico, faz-se necessário analisar o contexto do Centro Histórico de São Paulo, mais especificamente do Distrito República, nas categorias: urbana, histórica, cultural, social, econômica e política; e a Prefeitura de São Paulo com relação aos projetos de intervenção na Praça.

3.1 Centro histórico de São Paulo

3.1.1 Aspectos gerais

A fundação da cidade de São Paulo teve início com os padres jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega que, na procura de um local ideal e seguro subiram a Serra do Mar, com o objetivo de se instalarem e catequizar os índios. Ao atingir o planalto de Piratininga, encontram ali o ponto ideal. Tinha “ares frios e temperados como os de Espanha” e “uma terra mui sadia, fresca e de boas águas” (PREFEITURA DA SÃO PAULO, 2018.)

Os religiosos constroem então o colégio numa pequena colina, próxima aos rios Tamandateí e Anhangabaú, onde celebraram uma missa. Era o dia 25 de janeiro de 1554, data que marca o aniversário de São Paulo. Daqueles tempos, restam apenas as fundações da construção feita pelos padres e índios no Pátio do Colégio (PREFEITURA DA SÃO PAULO, 2018.)

Piratininga demorou 157 anos para se tornar uma cidade chamada São Paulo, decisão ratificada pelo rei de Portugal. Nessa época, São Paulo ainda era o ponto de partida das bandeiras, expedições que cortavam o interior do Brasil. Tinham como objetivos a busca de minerais preciosos e o aprisionamento de índios para trabalhar como escravos nas minas e lavouras (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2012)

Desde o início, a ocupação das terras da cidade se deu de forma policêntrica, com diversos aldeamentos, principalmente jesuítas, mas também de outras ordens eclesiásticas, em torno das quais se iniciavam as aglomerações. A motivação mais natural para isso, em São Paulo, era o relevo da cidade, com muitos aclives e riachos. A organização urbana, da mesma forma que em toda a colônia, era

centrada, administrativa e eclesiasticamente, nas paróquias. Cada paróquia era centrada em uma capela (MAECILDO, 1973)

Interessante perceber, então, que a formação da cidade de São Paulo se deu por motivos religiosos (catequisar os índios), econômicos (exploração de minerais) e geográficos, como a escolha estratégica do local de sua fundação, sendo ponto de fácil acesso e circulação para outros pontos através dos relevos e os rios.

Na figura 9 temos uma pintura de Antônio Parreras representando os jesuítas e os índios no processo de catequização do lado esquerdo e do lado direito uma vista do pátio do colégio.

Figura 9 - Pintura de Antônio Parreras e Vista do Pátio do colégio.



Fonte: Fundação de São Paulo, 1913. Pintura de Antônio Parreiras.



Fonte: A vida no centro, 2014.

O triângulo histórico está delimitado pelos Conventos de São Francisco, de São Bento e do Carmo (figura 6). Situado nos distritos da Sé e República da cidade de São Paulo, o triângulo histórico representa a formação inicial da cidade, possui uma pequena extensão, apenas 0,5 km², mas representa de forma inversamente proporcional o valor histórico da cidade (SÃO PAULO, 2017)

Da conquista do planalto, passando ao bandeirismo, ao ciclo da cana-de-açúcar, ao apogeu do café, à industrialização, até a inserção de São Paulo na economia global, é no Triângulo que se tem a maior concentração de história por metro quadrado da cidade (SÃO PAULO, 2017).

Até o século XIX, nas ruas do triângulo (atuais ruas Direita, XV de novembro e São Bento) concentravam-se o comércio, a rede bancária e os principais serviços de São Paulo.

Em 1815, a cidade passou a se tornar capital da Província de São Paulo. “São Paulo se tornou um núcleo intelectual e político do país” (CIDADE DE SÃO PAULO, 2018) resultado da abertura da faculdade de direito. Vieram os Imigrantes de diversas nações para trabalhar nas áreas da agricultura, por conseguinte, na economia industrial da cidade. Graças a chegada dos estrangeiros (sendo a maioria dos habitantes) a cidade se tornou um extraordinário centro econômico com o crescimento da cafeicultura no final do século XIX (CIDADE DE SÃO PAULO, 2018)

No início dos anos 1930, a elite do Estado de São Paulo entrou em choque com o governo federal. O resultado foi a Revolução Constitucionalista de 1932, que estourou no dia 9 de julho (hoje feriado estadual). Os combates duraram três semanas e São Paulo saiu derrotado. O Estado ficou isolado no cenário político, mas não evitou o florescimento de instituições educacionais. Em 1935 foi criada a Universidade de São Paulo, que mais tarde receberia professores como o antropólogo francês Lévi-Strauss (CIDADE DE SÃO PAULO, 2018).

Na década de 1940, a indústria tomava conta da economia da cidade de São Paulo, necessitando-se da busca de mão de obra fora da localidade regional. Um dos principais locais a fornecer mão de obra foi a região nordeste, quando muitos buscavam (e buscam até hoje) São Paulo como lugar de oportunidades e novas esperanças. também ganhou importantes intervenções urbanísticas, principalmente no setor viário. (CIDADE DE SÃO PAULO, 2018)

Na década de 1970, o crescimento da cidade continuava em grande escala e o setor de serviços teve enorme crescimento na economia paulistana. “As indústrias migraram para municípios da Grande São Paulo, como o chamado ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema).” (CIDADE DE SÃO PAULO, 2018).

Hoje, a capital paulista é o centro financeiro da América Latina e por isso ainda recebe de braços abertos brasileiros e estrangeiros que trabalham e vivem na cidade de São Paulo, em um ambiente de tolerância e respeito à diversidade de credos, etnias, orientações sexuais e tribos((CIDADE DE SÃO PAULO, 2018)

A vida cultural na capital paulista faz parte do dia-a-dia dos paulistanos. Teatros, museus, cinemas, casas de espetáculos e centros culturais estão espalhados por toda a cidade e são rotineiramente visitados pelos paulistas. E essa

maneira leve e cotidiana com que a vida cultural é tratada acaba despertando nos turistas a vontade de fazer parte deste universo tão espetacular.

Na região do Centro e da Luz, existem diversos ambientes que agregam espaços culturais. Um de grande importância é o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), onde exposições itinerantes atraem milhares de visitantes para o centro de São Paulo; o prédio do Teatro Municipal, que mesmo vivendo dias inglórios, rodeado de abandono, ainda consegue se mostrar majestoso na paisagem; Museu da Língua Portuguesa, o único acervo do mundo dedicado a uma língua; belas obras e o incrível prédio da Pinacoteca do Estado de São Paulo; Museu de Arte Sacra com obras de Aleijadinho e um dos maiores presépios do mundo.

Praças que entram dentro dos pontos turísticos do centro de São Paulo são: Praça do Correio (Figura 12) e a Praça Júlio Prestes, junto a estação Júlio Prestes. (Figura 13).

Figura 12 - Praça do Correio



Fonte: https://www.flickr.com/photos/sergio_soares/23286216785 - Acessado em 02/01/2018

Figura 13 - Praça Júlio Prestes

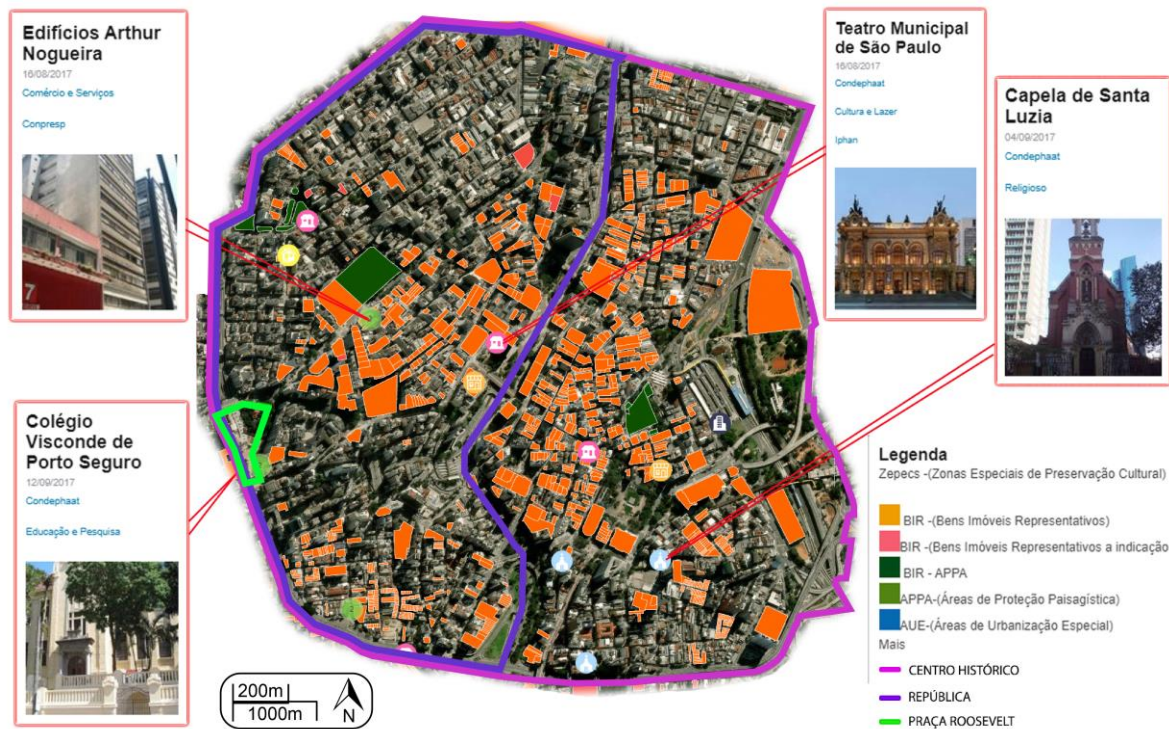


Fonte: <https://teoriacritica13ufu.files.wordpress.com/2010/12/julio Prestes4.jpg> - Acessado em 02/01/2018

Perto da Praça Roosevelt encontram-se os seguintes pontos turísticos: Prédio COPAN, projetado pelo Arquiteto Oscar Niemeyer, sendo uma das suas obras mais famosas, contendo Pivô Galeria de Arte. A Matilha Cultural, sendo um centro cultural independente e sem fins lucrativos, o espaço é preparado para apoiar e divulgar produções culturais e iniciativas sócio-ambientais do Brasil e do mundo. Museu Judaico de São Paulo, mantendo as características originais do prédio. Na Praça Roosevelt temos a Paróquia N. Senhora da Consolação, igreja fundada em 1798, no

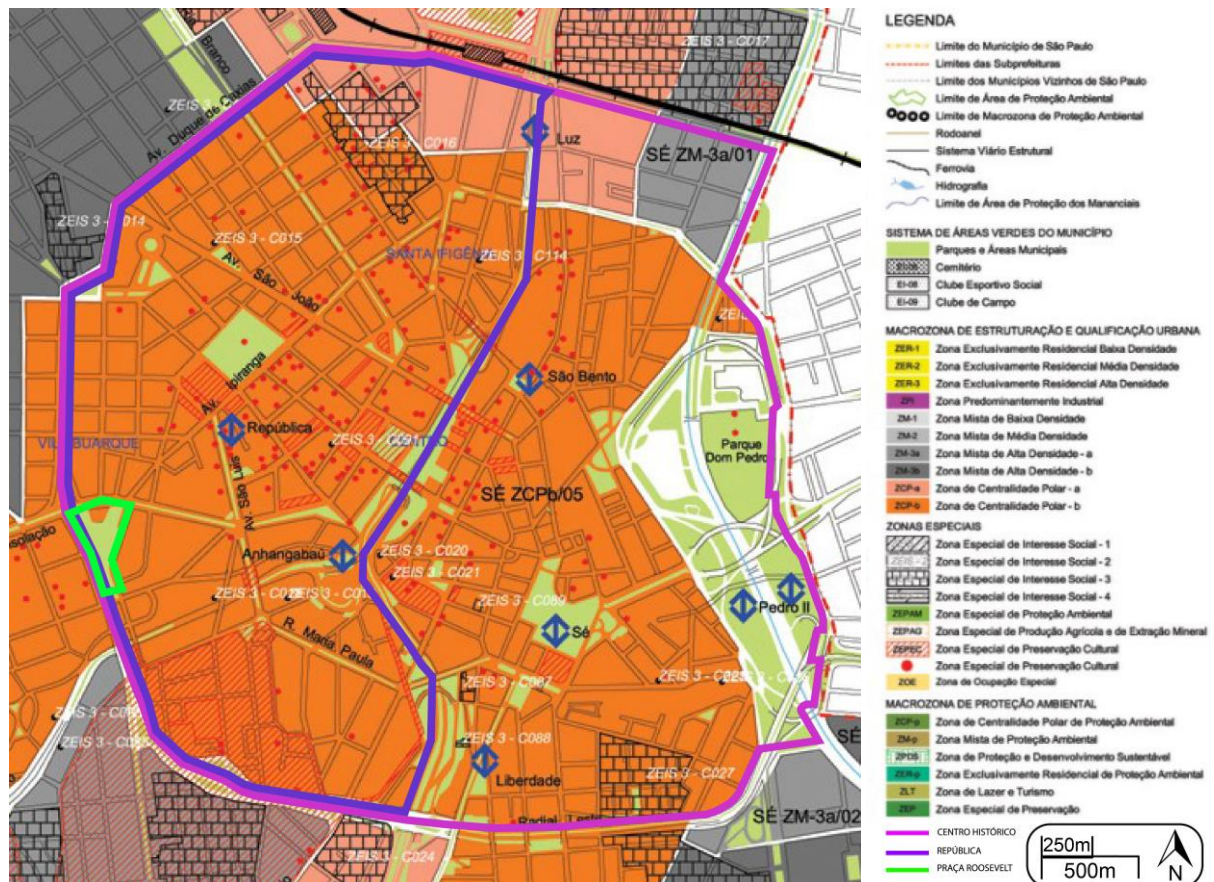
início do século XX decidiu-se pela sua reedificação, no contexto da modernização das igrejas coloniais vigente na São Paulo da época. O site www.vcsp.com.br disponibiliza um mapa interativo com diversos pontos para pesquisa de roteiros turísticos. (Figura 14)

Figura 14 - Rede estrutural hídrica ambiental - Cidade de São Paulo



Fonte: <http://www.sppatrimonio.com.br/#!/loc=-23.547897386798226,-46.64743423461913,15&full=true>

Figura 15 - Uso e ocupação do solo - Cidade de São Paulo



Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/planejamento/zoneamento/0001/parte_II/se/m_04.jpg

Na Figura 15, o Distrito República encontra-se predominantemente na ZCP - b Zona de Centralidade Polar - b, e como características distintas observam-se as zonas específicas especiais, sendo a de maior relevância a zona especial de preservação cultural. Essas características confirmam o Distrito República como importante setor de preservação de todo o seu patrimônio material e imaterial, atributos de um centro histórico de uma cidade. Nas proximidades da Praça Roosevelt temos pontos e áreas mais abrangentes de Zona Especial de Preservação Cultural, zonas estas preservadas de acordo com as seguintes Leis:

III. a identidade do bairro a partir de unidades urbanísticas socialmente apreendidas, seja pelo seu valor na história do bairro, seja pelo seu valor estético formal ou por seu valor de uso social relacionado com a afetividade por ele criada.

Art. 33 – Enquadram-se como Zonas Especiais de Preservação Cultural – ZEPEC as Unidades Urbanísticas Protegidas legalmente pelo Conselho de Defesa do Patrimônio, Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de

São Paulo - CONPRESP, e aquelas enquadradas como Z8-200 por lei municipal (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2017).

Pode se perceber que as leis municipais que defendem o patrimônio são genéricas e empurram a responsabilidade para os Órgãos Federais e Estaduais.

Um dos pontos de Zona Especial de Preservação Cultural que mais se destaca é a Escola Estadual Caetano de Campos, tombada como Colégio Visconde de Porto Seguro devido ao bem ter sido tombado pelo CONDEPHAAT atreves do processo nº 20063/76. Além de estar muito próxima a Praça Roosevelt, a sua importância reside no fato de ter sediado, durante anos, o Colégio Visconde de Porto Seguro, antigo “Deustsche Schule”, fato que liga a história do ensino aos imigrantes alemães, instalados na cidade de São Paulo desde o último quartel do século XIX. MAPA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SÃO PAULO 2017.

No Município de São Paulo, pela Lei Municipal nº 10.932 de 15-01-1991, foram criados vários distritos, dentre eles os Distritos da República e Sé (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2014).

Conforme Tabela 1, a população do distrito da República do centro histórico de São Paulo nas últimas décadas de 2000 e 2010 apresentou a queda da população conforme os censos realizados pelo IBGE, de 47.718 habitantes para 42.802.

Tabela 1 - População, Taxas de Crescimento Populacional e Densidade Demográfica dos distritos da Sé e República do centro histórico de São Paulo, 2000, 2010

Unidades Territoriais	População		Taxas de Crescimento		Área (ha)	Densidade (pop/ha)	
	2000	2010	1991/2000	2000/2010		2000	2010
Sé	373.914	346.512	-2,24	-0,76	2.620	142,72	132,26
República	47.718	42.802	-2,11	-1,08	230	207,47	186,10
<i>Fontes: Fundação Seade - Projeção Populacional 2009- Alterado pelo Autor 2018</i>							
<i>IBGE - Censos demográficos 1980/1991/2000</i>							
<i>Elaboração: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano/SMDU - Departamento de Estatística e Produção de Informação/Dipro</i>							

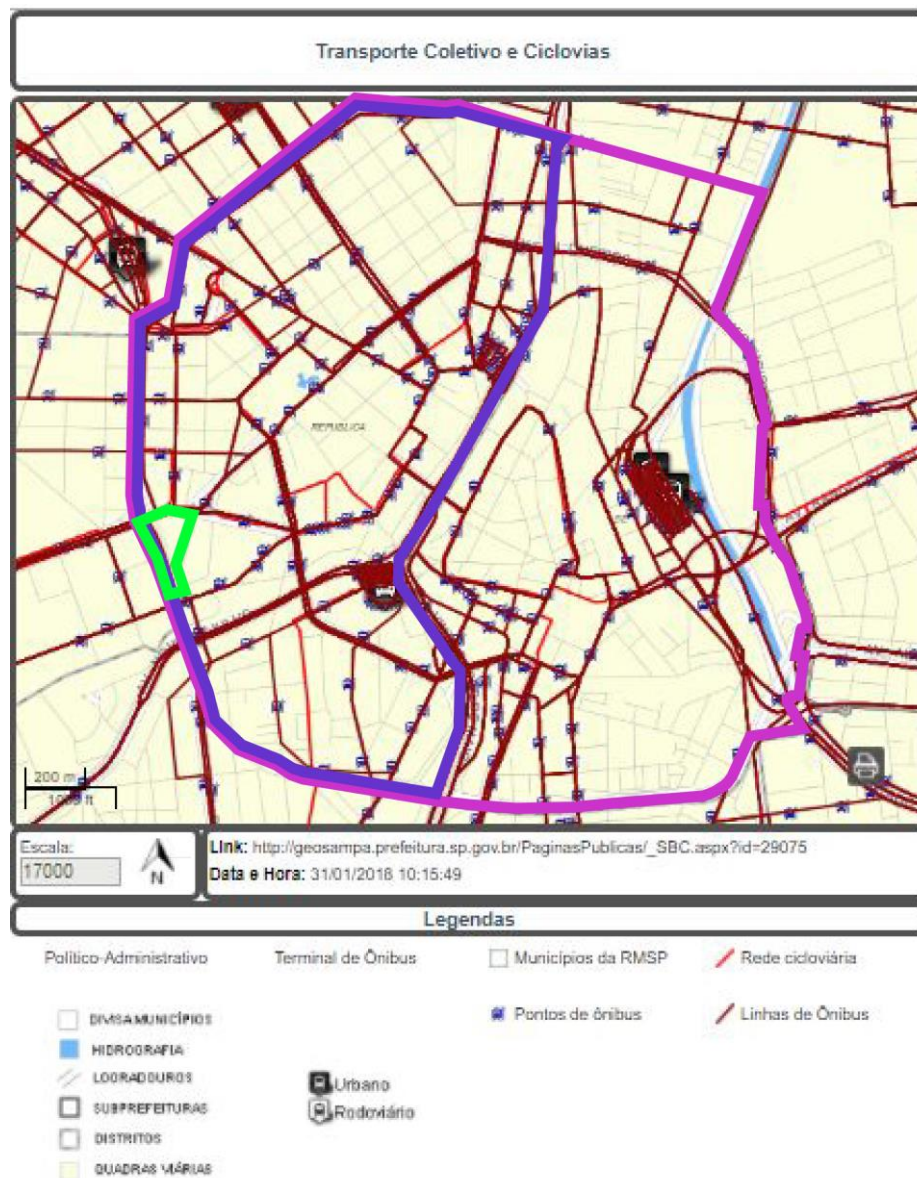
O centro histórico de São Paulo é uma área bem dotada de equipamentos urbanos como: educação, saúde, segurança, cultura, entre outros. O distrito República contém diversos pontos de caráter esportivo, de saúde e de segurança. A Praça pode ser caracterizada como um ponto para práticas esportivas, mas não está enquadrada nesta categoria. O bairro, apesar de ter médio índice de criminalidade

em diversas áreas, possui bastantes pontos com guardas municipais e polícia civil. A Praça Roosevelt possui pontos com monitoramento do guarda civil e uma base instalada da polícia civil, porém, os relatos são de ondas de assaltos e brigas em determinados horários.

Bem no perímetro da Praça Roosevelt possui pontos educacionais como a já comentada Escola Estadual Caetano de Campos, assim como a Escola Municipal de Ensino Infantil Patrícia Galvão, Creche Lar Nossa Senhora Da Consolação, uma sede da SP Escola de Teatro, Instituto Presbiteriano Mackenzie e uma sede do Ensino Social Profissionalizante. O bairro conta com crescente conectividade digital com acesso wifi gratuito em alguns espaços públicos e diversos pontos de assistência social, figura 20.

Com relação ao transporte público de ônibus, o distrito república concentra pontos de ônibus, linhas, faixas exclusivas e corredores viários, tendo dois terminais Urbanos de Ônibus (Terminal Bandeira e Terminal Amaral Gurgel) ambos a aproximadamente 850,00 metros da Praça, também o importante Terminal Rodoviário da Barra Funda está a aproximadamente 4,00 quilômetros da Praça. Uma das faixas exclusivas de ônibus passa na frente da Praça, pela rua consolação e um ponto de ônibus fica aos fundos da Praça na rua Augusta, figura 17.

Figura 17 - Transporte público, centro histórico de São Paulo.



Fonte: GEOSAMPA, MAPA DIGITAL DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2017

Importante ressaltar que existe estrutura ferroviária ao norte do distrito da república, mais precisamente no distrito do Bom Retiro, ficando aproximadamente 1,800 quilômetros a distância da Praça até a estação de trem (Luz).

3.1.3 Relações urbanas u ambientais

A seguir temos a figura 18, com o Zoneamento da Subprefeitura da Sé e seus respectivos artigos nas notas.

Figura 18 - Tabela do Aproveitamento, Dimensionamento e Ocupação dos lotes - Subprefeitura Sé

Plano Regional Estratégico da Subprefeitura SÉ - PRE-SÉ

QUADRO 04 do Livro IX - Anexo à Lei nº 13.885, de 25 de agosto de 2004

CARACTERÍSTICAS DE APROVEITAMENTO, DIMENSIONAMENTO E OCUPAÇÃO DOS LOTE

CARACTERÍSTICAS DAS ZONAS DE USO	ZONA DE USO		COEFICIENTE DE			CARACTERÍSTICAS DE DIMENSIONAMENTO E OCUPAÇÃO DOS					RECUSOS MÍNIMOS (m)		
			MÍNIMO	BÁSICO	MÁXIMO	TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA	TAXA DE PERMEABILIDADE DE MÍNIMA	LOTE MÍNIMO (m²)	FRENTE MÍNIMA (m)	GABARITO DE ALTURA MÁXIMO (m)	FRENTE	FUNDOS E LATERAIS	
												ALTURA DA EDIFICAÇÃO MENOR OU IGUAL A 6,00 m	ALTURA DA EDIFICAÇÃO SUPERIOR A 6,00 m
MACROZONA DE ESTRUTURAÇÃO E QUALIFICAÇÃO URBANA	ZER - BAIXA DENSIDADE	ZER1-01 (h)	0,05	1,00	1,00	0,50	0,30 (g)	250 m²	10,00 m	9,00 m	5,00 m	NÃO EXIGIDO (e)	(e) (c)
	ZONA CENTRALIDADE LINEAR INTERNA OU LINDEIRA A ZER	ZCLz-I e ZCLz-II (f)	0,05	1,00	1,00	0,50	0,30	250 m²	10,00 m	9,00 m	5,00 m	NÃO EXIGIDO (e)	(e) (c)
	ZM - BAIXA DENSIDADE	ZM1-01 e ZM1-02	0,20	1,00	1,00	0,5 (a)	0,15	125 m²	5,00 m	9,00 m	5,00 m (b)	NÃO EXIGIDO (d)	(c) (d)
	ZM - MÉDIA DENSIDADE	ZM2-01 e ZM2-02	0,20	1,00	2,00	0,5 (a)	0,15	125 m²	5,00 m	25,00 m	5,00 m (b)	NÃO EXIGIDO (d)	(c) (d)
	ZM - ALTA DENSIDADE	ZM3a-01 a ZM3a-06	0,20	1,00	2,50	0,5 (a)	0,15	125 m²	5,00 m	SEM LIMITE (i)	5,00 m (b)	NÃO EXIGIDO (d)	(c) (d)
		ZM3b-01 a ZM3b-05		2,00									
	ZONA CENTRALIDADE POLAR	ZCPa-01 a ZCPa-03	0,20	1,00	2,50	0,70	0,15	125 m²	5,00 m	SEM LIMITE	5,00 m (b)	NÃO EXIGIDO (d)	(c) (d)
		ZCPb-01 a ZCPb-06		2,00									
	ZONA CENTRALIDADE LINEAR	ZCLb	0,20	2,00	4,00	0,70	0,15	125 m²	5,00 m	SEM LIMITE	5,00 m (b)	NÃO EXIGIDO (d)	(c) (d)
	ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO CULTURAL	ZEPEC	Parâmetros da zona de uso em que se situa o bem imóvel representativo (BIR) ou a área de urbanização especial (AUE) ou a área de proteção paisagística (APP), quadrado como ZEPEC, observadas as disposições específicas da Resolução de tombamento quando houver.										

NOTAS:

a) ver artigo 192 da parte III desta lei, quanto à taxa de ocupação na ZM para edificações com até 12 metros de altura

b) ver artigo 185 da parte III desta lei, quanto ao recuo mínimo de frente em ZM, ZCP, ZCL, ZPI e ZEIS

c) ver artigo 186 da Parte III desta lei quanto aos recuos mínimos laterais e de fundos para edificações com altura superior a 6,00 metros

d) ver § 1º e § 2º do artigo 186 da parte III desta lei, quanto aos recuos para atividades industriais, serviços de armazenamento e guarda de bens móveis e oficinas

e) Observar as restrições contratuais de loteamento quando estas forem mais exigentes que as definidas neste quadro.

f) as atividades permitidas na ZCLz - I são as constantes do § 1º do art. 21 deste livro e na ZCLz-II são as constantes do quadro 05 da parte III desta Lei.

g) A taxa de permeabilidade mínima de 0,30 aplica-se aos lotes integrantes da ZER 1-01 e aos lotes contidos no perímetro do Bairro Tombado do Pacaembú

h) o número máximo de habitações por m² é igual a 0,0042 na ZER1-01 e nas ZCLz-I e ZCLz-II

i) ver § 1º do art. 20 deste livro para a restrição de gabarito na ZM3a-06

Fonte: SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DE SÃO PAULO

Art. 192. Nas zonas mistas - ZM, a taxa de ocupação poderá chegar a 0,70 quando o gabarito de altura da edificação não exceder 12,00 m (doze metros).

Art. 185. Não será exigido recuo mínimo de frente nas zonas ZM-2 e ZM-3, ZMp, ZCP, ZCL, ZCPp, ZCLp, ZPI e ZEIS quando no mínimo 50% (cinquenta por cento) da face de quadra em que se situa o imóvel esteja ocupada por edificações no alinhamento do logradouro, no levantamento aerofotográfico do Município de São Paulo, de 2000.

Art. 186. As edificações, instalações ou equipamentos, a partir de 6 m (seis metros) de altura em relação ao perfil natural do terreno devem observar recuos laterais e de fundos, que podem ser escalonados e dimensionados de acordo com a fórmula a seguir, respeitado o mínimo de 3 m (três metros):

$R = (H - 6) \div 10$, onde:

R=recuos laterais e de fundos;

H = altura da edificação em metros contados a partir do perfil natural do terreno.

§ 1º - As edificações destinadas aos grupos de atividades industriais, serviços de armazenamento e guarda de bens móveis e oficinas, localizadas nas zonas e vias onde esses grupos são permitidos fora das zonas predominantemente industriais - ZPI, deverão observar os recuos obrigatórios definidos no "caput" desse artigo a partir do pavimento térreo, excetuadas:

III. as edificações com área construída computável de no máximo 250 m² (duzentos e cinquenta metros quadrados);

IV. as edificações com área construída computável de no máximo 500 m² (quinhentos metros quadrados), quando localizadas nas demais zonas e vias onde as atividades referidas no caput são permitidas.

§ 2º - As edificações destinadas aos grupos de atividades locais de reunião e eventos e associações comunitárias, culturais e esportivas, localizadas nas zonas e vias onde essas atividades são permitidas fora das zonas predominantemente industriais - ZPI e das zonas centralidades ZCP e ZCL, deverão observar os recuos obrigatórios definidos no "caput" desse artigo a partir do pavimento térreo, excetuadas as edificações com área construída computável de no máximo 500 m² (quinhentos metros quadrados).

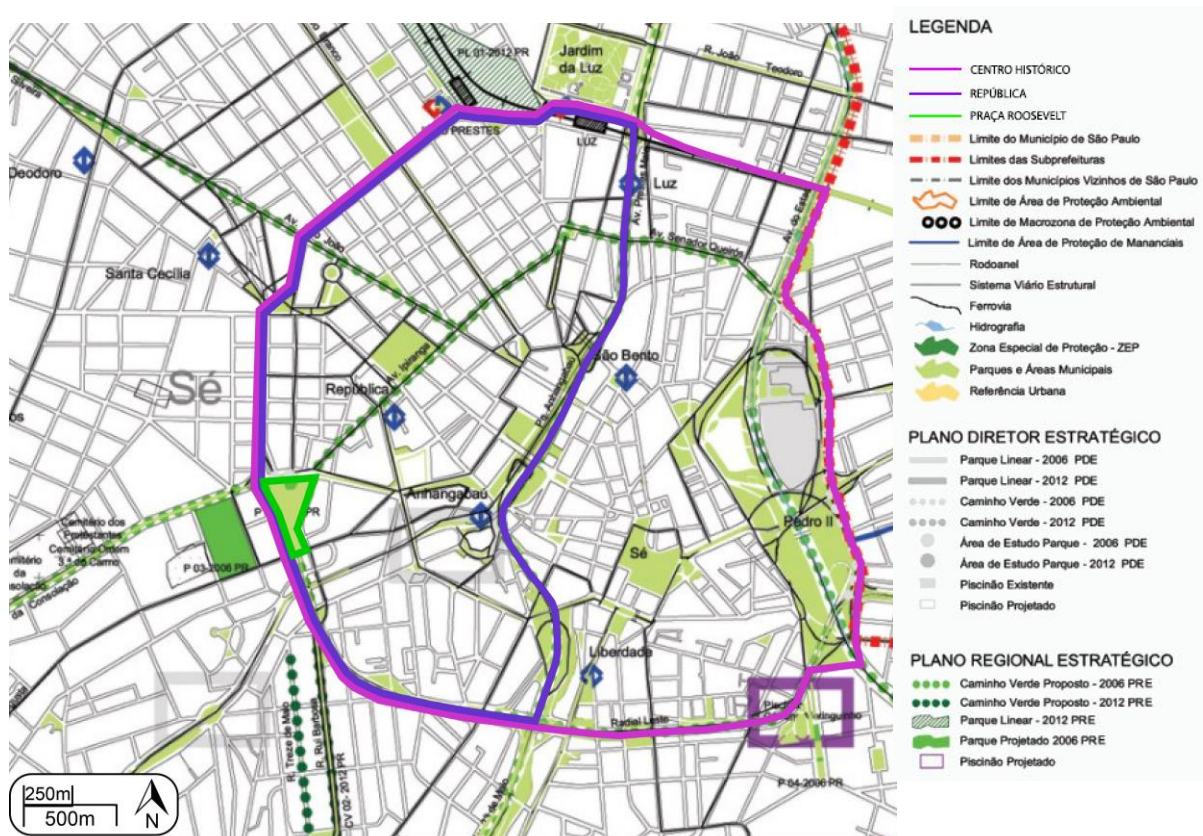
§ 3º - A partir do ponto em que o subsolo aflorar 6 m (seis metros) acima do perfil natural do terreno, deverão ser observados os recuos obrigatórios definidos no "caput" desse artigo. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2017)

A legislação municipal carece de cuidados quanto a alguns aspectos: **gabarito de alturas:** apontado na tabela como "Sem limites", mesmo muito próximo de zonas especiais de preservação cultural, evidenciando a falta de preocupação com alturas exageradas de torres gerando falta de harmonia com edificações tombadas e com forte tendência a serem tombadas. **Taxa de ocupação, Coeficiente de aproveitamento e taxa de permeabilidade:** a taxa de ocupação apontado como máximo de 4,00, o coeficiente de aproveitamento de 0,70 e taxa de permeabilidade de 0,15, cria margem para construções de edificações maciças, com poucas áreas verdes, sendo muito provável a poluição visual das edificações frente ao patrimônio histórico tombado no centro.

O bairro da República, juntamente com a Sé, possui fortes aspectos relativos ao patrimônio histórico da cidade de São Paulo, como já comentado. É na Região central que se encontra o Triângulo Histórico da cidade, no qual se destacam os imóveis representativos a indicação de tombamento, revelando uma grande mancha de imóveis de grande importância para o patrimônio histórico da cidade.

O distrito República possui caminhos verdes dentro do plano regional estratégico, havendo uma quantidade significativa de parques e áreas municipais, um dos caminhos verdes passam pela Praça Roosevelt como mostra o mapa na figura 19.

Figura 19 - Mapa de Praças e parques urbanos e Rede estrutural hídrica ambiental - Cidade de São Paulo



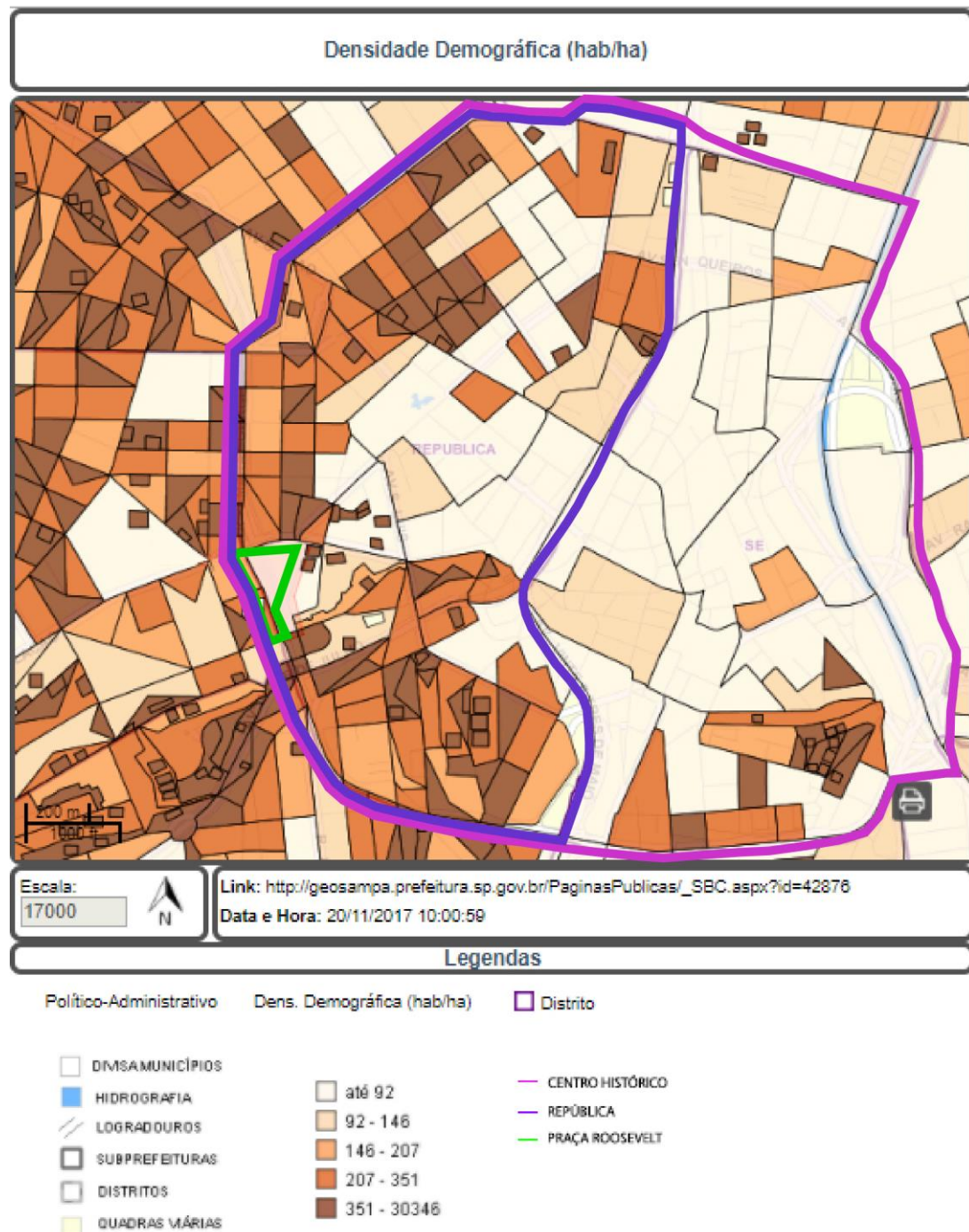
Fonte: SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DE SÃO PAULO

3.1.4 Social

Em relação ao contexto social, verificaram-se informações sobre a população do centro histórico de São Paulo, densidade demográfica e taxa de crescimento nos anos de 1980 a 2010. As tabelas estão realçadas na cor vermelho representando a taxa de crescimento e a população que estão inferiores ou decrescentes em relação aos outros anos, indicando que a partir do ano de 1991 a população começou a sair do centro com mais intensidade.

A figura 20, mostra a grande mancha branca bem no centro dos distritos da Sé e República, o que representa a baixa densidade demográfica, e vai crescendo o número de habitantes por hectare do centro para as periferias dos distritos, principalmente o para o lado oeste, sentido distrito consolação.

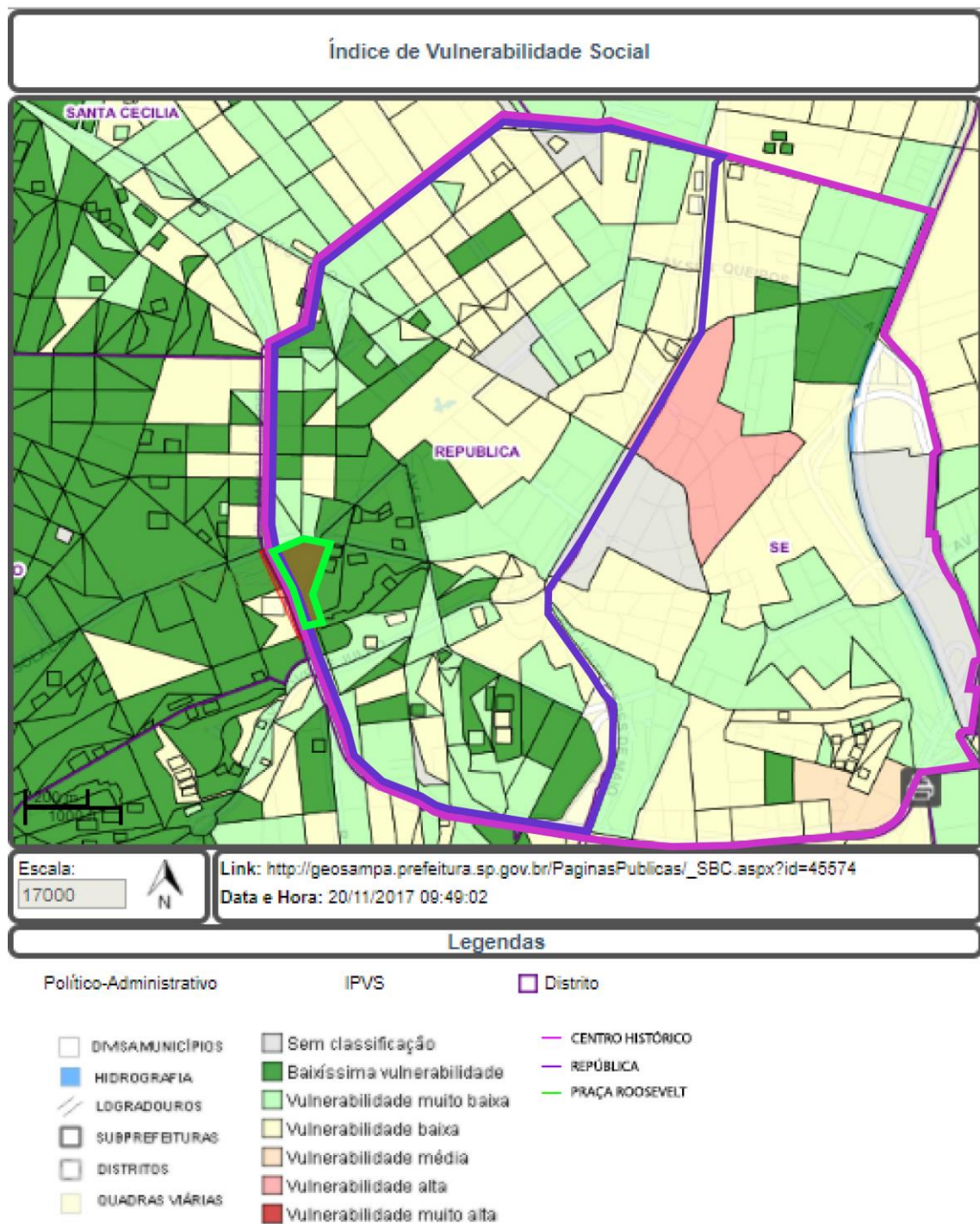
Figura 20 - Densidade Demográfica (hab/ha)



Fonte: GEOSAMPA, MAPA DIGITAL DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2017

Na figura 21 temos um mapa com o Índice de Vulnerabilidade Social que segundo Monteiro (2011, p. 35) “é um conceito multidimensional que diz respeito a uma condição de fragilidade material ou moral de indivíduos ou grupos diante de riscos produzidos pelo contexto econômico-social.” A Praça Roosevelt encontrasse numa área de baixíssima vulnerabilidade, seguindo a proporção da taxa de habitantes por hectare.

Figura 21 - Índice de Vulnerabilidade Social



Fonte: GEOSAMPA, MAPA DIGITAL DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2017

3.1.5 Espaços Culturais

No centro histórico de São Paulo, mais especificamente o Distrito da República abriga vários equipamentos para a cultura, como teatros, igrejas,

restaurantes, entre outros. A concentração de muitos marcos históricos, arquitetônicos e culturais faz do centro histórico de São Paulo se destacar pelo interesse por parte de turistas e visitantes. Serão citados alguns dos pontos de interesse turístico divulgados e conhecidos dando um exemplo de cada categoria turística, pois são muitos os pontos no centro de São Paulo, os exemplos são: Catedral Metropolitana de São Paulo, Teatro Municipal de São Paulo, Galeria do Rock, Edifício Altino Arantes, Vale do Anhangabaú, Centro Cultural Banco do Brasil, com as imagens na figura 22.

Figura 22 - Pontos turísticos no centro de São Paulo



Catedral
Metropolitana



Teatro Municipal



Galeria do Rock



Edifício Altino Arantes



Vale do Anhangabaú



Centro Cultural Banco do Brasil

Fonte: The Photographer

Mais próximos da Praça Roosevelt se encontram os Famosos Teatros, na própria rua da Praça Roosevelt. Na rua Consolação existe a igreja da consolação, podendo ser considerada um ponto turístico por estar próximo relativamente próximo do triangulo histórico de São Paulo, figura 23.

ambos na confluência das ruas Augusta e Caio Prado. carta aos Candidatos, Viva Centro (2016)

O que é o Programa viva centro? Associação Viva o Centro Histórico A Associação Viva o Centro nasce em 1991 como resultado da tomada de consciência das mais significativas entidades e empresas sediadas ou vinculadas ao Centro de São Paulo do seu papel de sujeitos e agentes do desenvolvimento urbano. Organizada como associação de caráter cívico e representativo, sem fins lucrativos e rigorosamente apartidária, é mantida por contribuições regulares de seus associados e mantenedores, e ainda por doações e contribuições outras. Dirigida por um Conselho Diretor e por um Comitê Executivo, dispõe de um corpo técnico e de um quadro permanente de consultores. Serviços técnicos e especializados adicionais são contratados sempre que necessário. A Associação Viva o Centro foi declarada de Utilidade Pública Municipal (1998), Estadual (1999) e Federal por Decreto de 9 de março de 2000 (DOU 10/03/2000). É ainda titulada como Entidade Ambientalista, Entidade de Defesa de Direitos Humanos e Instituição Cultural, pelo Governo do Estado de São Paulo.

A Associação tem como objetivo o desenvolvimento da Área Central de São Paulo, em seus aspectos urbanísticos, culturais, funcionais, sociais e econômicos, de forma a transformá-la num grande, forte e eficiente centro metropolitano, que contribua eficazmente para o equilíbrio econômico e social da metrópole para o pleno acesso à cidadania e ao bem-estar por toda a população.

A Associação Viva o Centro defende como princípios que: a) A diversidade funcional e humana é fator decisivo de desenvolvimento e vitalidade da metrópole e de seu centro; b) Só a metrópole socialmente justa e politicamente democrática pode ser funcional e competitiva; c) A qualidade do espaço público é um requisito básico para o pleno exercício da cidadania; d) A identidade da metrópole resulta do processo pelo qual os valores do seu patrimônio histórico, arquitetônico, cultural e econômico são percebidos e apropriados por seus cidadãos; e) O centro metropolitano é o local por excelência onde investimentos públicos e privados devem complementar-se em benefício de um harmônico desenvolvimento urbano, social, cultural e econômico da metrópole. Viva Centro (2016)

3.2 Prefeitura de São Paulo/Subprefeitura do Distrito da República

A Subprefeitura Sé é uma organização pública, constituída a partir da Lei 13.399 de 2002. É responsável pela administração pública dos seguintes distritos: Bom Retiro, Santa Cecília, Consolação, Bela Vista, República, Liberdade, Cambuci e Sé, localizados na região central da cidade de São Paulo, em um território de 26,2 km² com uma população residente de aproximadamente 374.000 habitantes. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO).

A Praça Roosevelt foi configurada pela Prefeitura de São Paulo em 1970 na sua origem e em 2012 de um projeto de requalificação. Segundo o documento Viva Centro 2016, existem mais programas como propostas para os políticos, como: a requalificação da Praça Roosevelt, pensando agora no entorno da Praça, como a recuperação dos teatros no perímetro da Praça, assim como dar um uso mais efetivo ao subsolo (estacionamento).

Em relação à gestão da prefeitura de São Paulo para a realização do primeiro projeto, ocorreu na Administração de Faria Lima (1965-1969), mais precisamente em 1967, até a sua inauguração, no dia 25 de janeiro de 1970, na administração do prefeito Paulo Maluf (1969-1971).

Nos últimos anos a cidade de São Paulo tem tido diversas ações relacionadas à requalificação da área central, a partir das intervenções dos equipamentos urbanos, dos espaços para pedestres e da habitação social. (Programa de Metas 2013-2016).

A valorização e requalificação da área central partem do reconhecimento do seu profundo significado social, simbólico, econômico e funcional para São Paulo. O enfoque multissetorial na articulação das ações de governo considera dentre as diversas dimensões dessa área: (i) o fato de ser referência de memória e identidade de São Paulo; (ii) o fato de ser patrimônio histórico e cultural, construído por inúmeras gerações, ao longo da formação da cidade; (iii) o fato de ser ponto de encontro, de diversidade e ter localização privilegiada; (iv) sua importância econômica e sua diversificação, expressa tanto pela forte economia popular, como pela multiplicidade e quantidade dos serviços que oferece. (PROGRAMA DE METAS 2013-2016, p. 22-23)

A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano lançou uma cartilha na gestão de 2013-2016 denominada “Espaços públicos e a cidade que queremos” focando na forma de agir quando se trata de requalificação de espaços públicos.

Em São Paulo, a qualificação dos espaços públicos e de suas formas de ocupação constitui um tema exaustivamente debatido nos últimos trinta anos, período em que a cidade buscou se reinventar mediante uma série de projetos e obras a fim de se requalificar. Todavia, essas ações não atingiram plenamente seus objetivos, pois não priorizaram o que de mais relevante os espaços públicos suscitam: a maneira como as pessoas os utilizam (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016, p. 05)

No texto de apresentação da cartilha é explicada a importância dos usos dos espaços públicos, não simplesmente uma construção nova, mas sim uma transformação dos espaços existentes, trazendo significados para os lugares de intervenção (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016).

Para entender como foram os processos de reabilitação da Praça Roosevelt precisa-se analisar o conjunto de ações que foram propostas na requalificação do centro de São Paulo, pois a Praça fazia uma conexão com outras intervenções na área central como observado na figura 24.

Figura 24 - Praça Roosevelt no centro de São Paulo



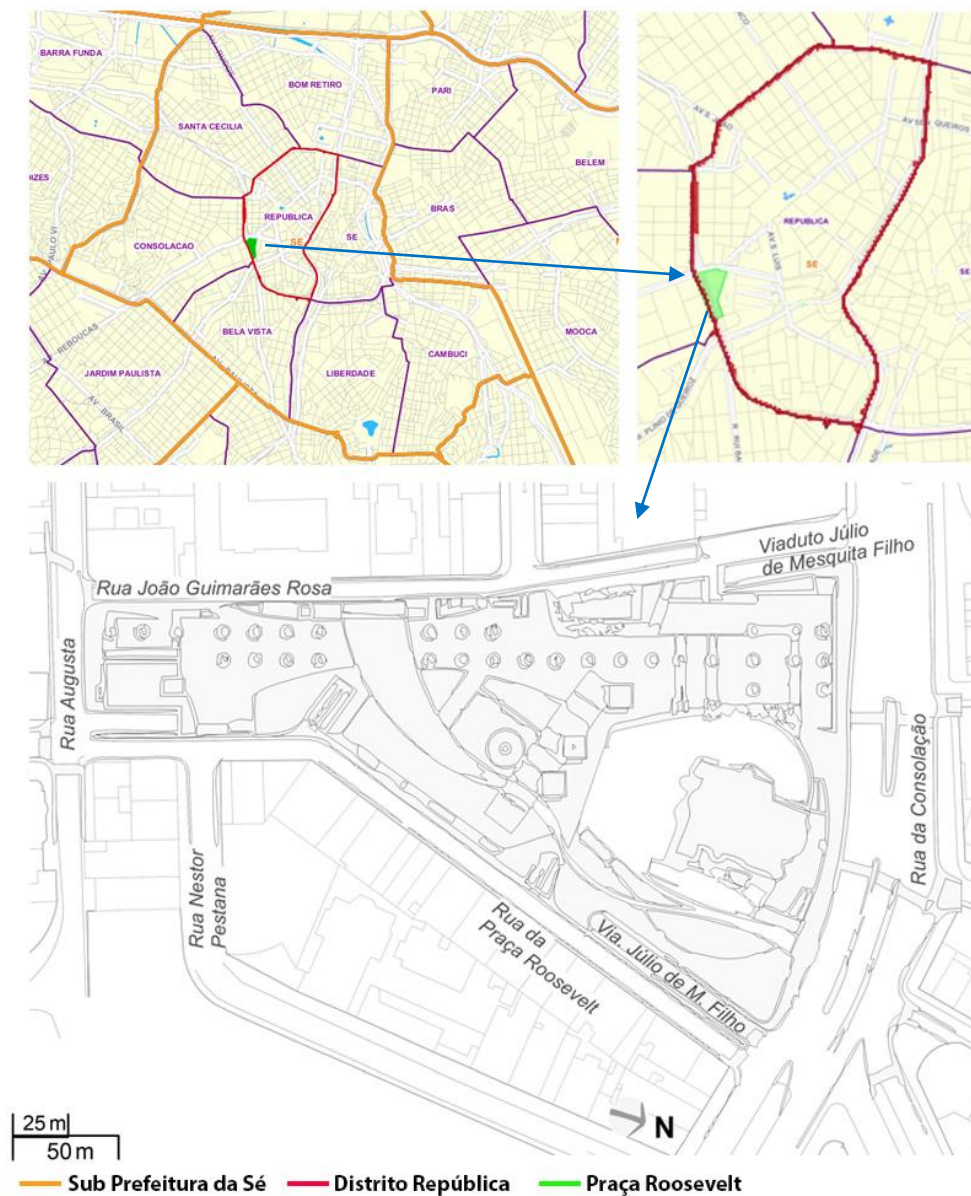
Fonte: Yamashita, 2013, p.146.

A seguir, na figura 25, os mapas situam a Subprefeitura da Sé, no Centro Histórico de São Paulo (que compreende os Distritos da Sé e República), mais precisamente no Distrito República, até chegar no objeto de estudo, a Praça

4. A PRAÇA FRANKLIN ROOSEVELT

A Praça Franking Roosevelt está localizada na Subprefeitura da Sé, no Centro Histórico de São Paulo (que compreende os Distritos da Sé e República), mais precisamente no Distrito República, entre as Ruas Consolação e Augusta, no Distrito da República do centro histórico de São Paulo, Subprefeitura da Sé, Distrito República. Na Praça existem acessos subterrâneos para o Elevado Costa e Silva (minhocão) e a Ligação Leste-Oeste, importantes vias expressas da cidade (Figura 26).

Figura 26 - A Praça Roosevelt no Distrito República.



Fonte: Próprio Autor (2017)

A Praça Roosevelt será abordada segundo quatro cronótopos: Gêneses da Praça Roosevelt, Projeto de Construção da Praça Roosevelt, a Degradação da Praça Roosevelt e o Projeto de Requalificação da Praça Roosevelt, nos ambientes projetual, físico, social-simbólico, seguindo a linha do tempo representada na Tabela 2.

Pergunta-se: O que era a Praça Roosevelt antes de ser um espaço público? Como

Tabela 2 - Linha do tempo em ordem cronológica com os Quatro Cronótopos da Praça Franklin Roosevelt				
Linha do Tempo	>> 1950 >>	>> 1970 >>	>> 1980 >>	>> 2012 >>
Cronotopo	Gêneses da Praça Roosevelt	Construção da Praça Roosevelt.	Degradação da Praça Roosevelt	Requalificação da Praça Roosevelt
Imagem				
Fontes	Revista Acrópole, n. 379, 1970.	revista Acrópole, n.380, 1970	Raphael Falavigna, site terra.com.br	Prefeitura de São Paulo

Fonte: Próprio Autor (2018)

surgiu a Praça Roosevelt? É de suma importância compreender como era o espaço da Praça em seu início, como foi seu primeiro projeto, a construção, a degradação, o projeto de requalificação, analisando-se tanto seu espaço físico quanto ambiente social (atividades realizadas) e simbólico (valores agregados) na tabela 2. Zárate, 2014.

4.1 A gênese da Praça

Na década de 50 e 60, o espaço atrás da igreja da Consolação, no centro histórico de São Paulo, conhecida hoje como Praça Franklin Roosevelt, era um local desocupado. Foi uma sobra de chácara, “resultado da demolição do Seminário das Educandas em 1950 (antiga casa de Dona Veridiana Prado) e doação de parte da extensa propriedade da família Prado para a municipalidade” (YAMASHITA, 2013, p. 43) e que, posteriormente, ficou oficialmente desocupada, sendo usada como

estacionamento e, aos finais de semana, como feira-livre, isso no momento em que foram colocadas em prática algumas das políticas urbanas de higienização e organização do sistema viário.

Mas é no fim do século XVII, quando fundada a Capela da Consolação, que o espaço se torna um lugar de referência que pertence na cidade de São Paulo (SILVA, 2015).

Segundo Ferreira (2009), a capela servia como ponto de passagem e parada dos tropeiros que utilizavam a rota denominada Caminho do Piques, trajeto que partia do Largo da Memória, às margens do rio Anhangabaú, e se dirigia à oeste, alcançando a freguesia de Pinheiros até Sorocaba. Os tropeiros também utilizavam o espaço da Capela da Consolação para se confraternizarem com familiares antes das viagens. Temos um mapa da cidade de São Paulo na (figura 27) que representa como eram os traçados e onde se localizava a Capela da Consolação.

Figura 27 - Mapa da Região do Centro de São Paulo em 1842.



Fonte: EMURB. Alterado pelo Autor (2018)

Na figura 28 vemos, à esquerda, a grande quantidade de veículos estacionados no espaço que contempla a Igreja da Consolação em 1957 que, segundo Yamashita (2013), chegava a contar com mais 700 unidades. Ferreira (2009) comenta que a quantidade de veículos foi influenciada primeiro pela instalação das multinacionais Ford (1919) e da General Motors (1925), fazendo com que o automóvel passasse a fazer parte do cotidiano da cidade, o que, conseqüentemente, exigiu intervenções urbanas para atender a nova demanda e, em segundo lugar, pela implementação do Plano de Avenidas na gestão do prefeito Prestes Maia (1938-1945). À direita, tem-se um registro da Igreja Nossa Senhora da Consolação em 1920, ainda com ruas em paralelepípedos e a igreja sem a torre executada.

Figura 28 - A esquerda o estacionamento de veículos em 1957 e a direita a igreja em 1920.



Fonte: Silva, 2015, p. 50 - editada pelo usuário



Fonte: <https://i.pinimg.com/236x/d4/b7/be/d4b7beda555394e13f6518a0b9d7386a--sao-paulo-vintage-photos.jpg>
- acessado em 10/01/2018.

A Praça Roosevelt foi proposta como ocupação da área remanescente do sistema viário em construção, composto pela abertura de vias expressas que ligariam as regiões leste e oeste do município. Percebe-se o crescimento e as transformações que a região sofreu em pouco espaço de tempo, as novas ruas,

reformas da igreja, construções de edifícios verticalizados, em aproximadamente meio século de história, o que acompanhou a expansão do centro da cidade.

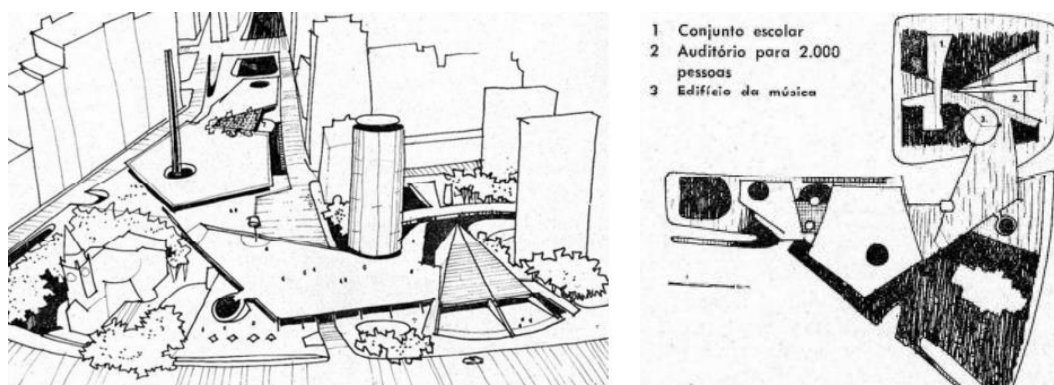
4.2 Praça Roosevelt (1967)

A autoria do projeto da Praça Roosevelt é do Escritório J.C. de Figueiredo Ferraz, integrado, à época, pelos arquitetos Roberto Coelho Cardozo (na época Professor de Paisagismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), Antônio Augusto Antunes, Marcos de Souza Dias e Luciano Flaschl. A contratação ocorreu na Administração de Faria Lima (1965-1969), mais precisamente em 1967 (YAMASHITA, 2013).

Segundo Ferreira (2009), o Programa de necessidade para a construção da Praça contava com: recuperação das áreas em torno da igreja da consolação, estacionamento subterrâneo, mercado distrital no subsolo, centro esportivo e galeria para exposições. Não houve consulta popular para a elaboração do programa de necessidade da Praça.

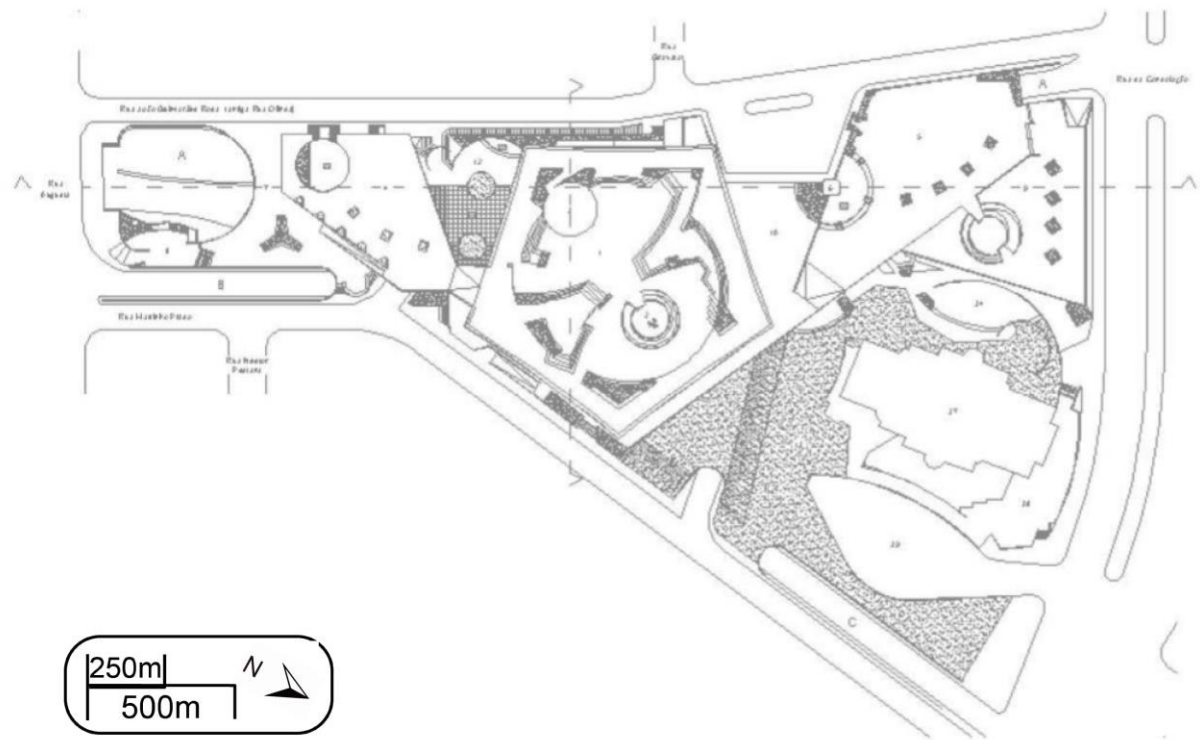
Mais um programa havia sido estabelecido à época, sendo eles: conjunto escolar, auditório para 2.000 pessoas e Edifício da música. Esses equipamentos fariam parte de um prolongamento da Praça visto na figura 29, mas acabaram não sendo construídos, segundo Yamashita (2013). O resultado do projeto executado é visto na figura 30, concluindo-se que, apesar das mudanças, a concepção foi conservada.

Figura 29 - Perspectiva do conjunto original e Programa não executado.



Fonte: Revista Acropole, 380, 1970, pag. 12

Figura 30 - Planta do Projeto Executado.



Fonte: SP Urbanismo

Na figura 31 verifica-se a imagem da edificação da Praça Roosevelt, juntamente com a radial de ligação Leste-Oeste, observando-se a construção do túnel sobre a Praça, que sairia no elevado Costa e Silva, popularmente conhecido como “Minhocão”.

Figura 31 - Construção da Praça Roosevelt e do Túnel “Minhocão”.

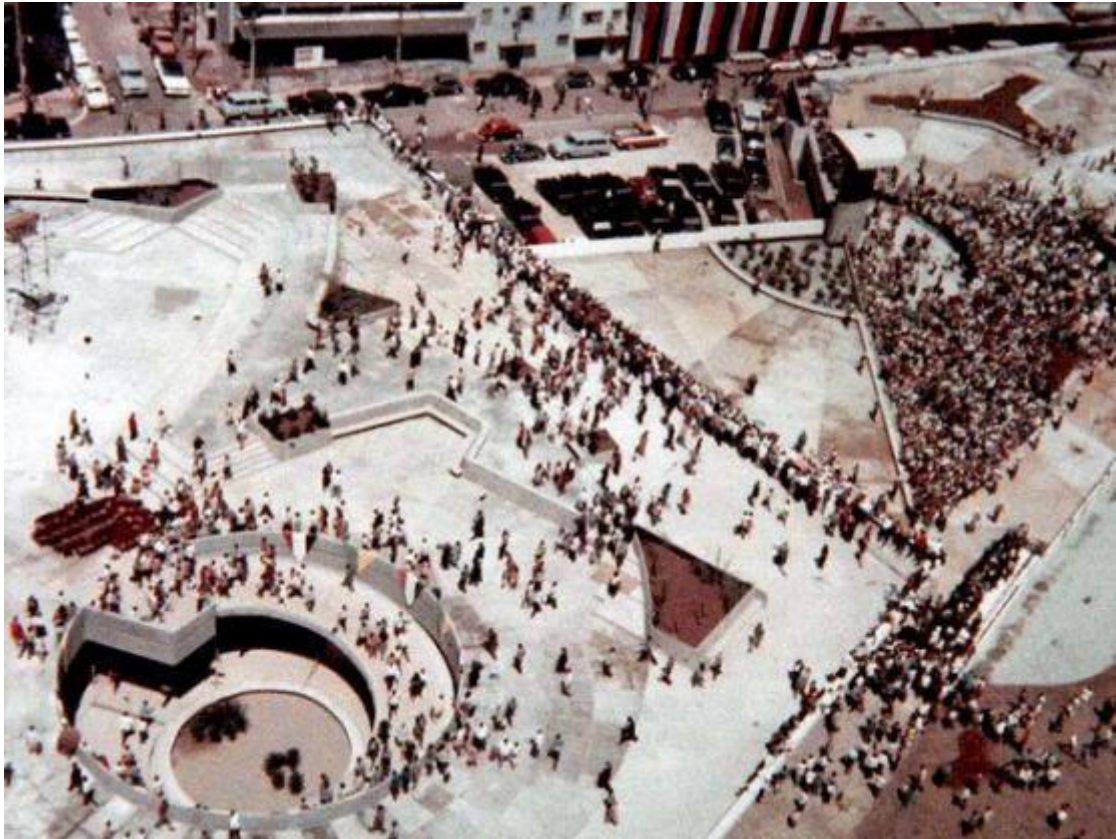


Fonte: SILVA, 2015.

Já na figura 32 tem-se uma imagem em perspectiva aérea que capta a inauguração da Praça Roosevelt, a qual deixa em evidência um aspecto desértico, devido à falta de vegetação e grande quantidade de espaços vazios. A Praça ficou, então, dividida e fragmentada em níveis diferentes, devido à sua topografia, ao subsolo onde fica o estacionamento e aos viadutos. Segundo Yamashita, a obra em si foi denominada de “Praça-edifício”, pois os usos mesclavam o público com o privado e o comércio com o lazer.

A Praça foi inaugurada no dia 25 de janeiro de 1970, na administração do prefeito Paulo Maluf (1969-1971), (SILVA, 2015). Infelizmente, a inauguração da Praça ocorreu com a obra inacabada e com modificações nos seus usos, no seu programa de necessidades e nos seus equipamentos, sendo estes alguns dos motivos da sua degradação, segundo Silva, (2015). Temos como exemplos dessas mudanças: execução de uma área de patinação, abolição do paisagismo e equipamentos de lazer, implantação de um supermercado e de quadras esportivas.

Figura 32 - Inauguração da Praça Roosevelt.



Fonte: SILVA, 2015.

4.3 Degradação da Praça Roosevelt

A escolha de executar e projetar um edifício-Praça, explica também Silva (2013), como sendo “um centro comunitário multiuso com capacidade para integrar a vida da região e suprir todas as suas necessidades”, foi se demonstrando insustentável com o passar dos anos. Neste sentido ilustra o autor:

Ao invés de impor um ritmo visual de ruptura entre espaços vazios e espaços construídos, a Praça surgiu como mais um espaço pesadamente concretado que, mesmo trazendo uma ruptura visual, não contribuía para o alívio estético, para a demarcação de si mesma ou dos edifícios de seu entorno, nem para a circulação de pessoas (SILVA, 2013, p. 53).

Silva (2013) ainda complementa que a Praça acabou gerando outros aspectos negativos, que serão abordados a seguir, sendo um deles o apelido pejorativo de “monstro de concreto”.

Será visto que o que definiu a degradação da Praça não foi apenas um aspecto, como a forma do projeto em si, mas sim um conjunto de ações, tais como a manutenção pública e as ocupações da Praça.

Era uma Praça pouco convidativa, com muitos espaços construídos que bloqueavam a visão de quem passava ao lado, pelas ruas tangentes. O concreto dela, entrecortado parcamente por espaços arborizados, imprimia a localidade pouca sensação de que se tratava de um espaço próprio para o lazer e para a contemplação, como previsto em alguns dos modelos de Praça moderna (SILVA, 2013, p. 53).

Um dos programas de necessidades que também deixou de ser implantado foi o mercado municipal, que seria um resgate da memória da feira que era realizada no calçadão da antiga “Praça da Consolação”, como era chamada antes de se tornar a Praça Franklin Roosevelt. Em seu lugar, alguns supermercados como o Pão de Açúcar, ao longo da história da Praça, receberam o seu alvará de funcionamento justificado pela tentativa de atrair o público para a Praça.

A escola programada para funcionar na Praça teve duração limitada devido a falta de manutenção do edifício-Praça e aos problemas estruturais que não tardaram a aparecer. O auditório, o espaço musical e demais galerias foram subutilizadas pela falta de eventos realizados (SILVA, 2015, p. 53).

Na figura 33, a seguir, constata-se a degradação física da estrutura de concreto, que adquiriu trincas, fissuras, rachaduras e problemas de umidade (mofo). Interessa também interpretar a degradação social pela falta de usuários (transitando, contemplando, usufruindo) na Praça assim como a degradação simbólica, regada a pichações desordenadas que desconfiguram os elementos e equipamentos da Praça.

Figura 33 - Praça Roosevelt antes das demolições em 2010.



Fonte: YAMASHITA, K.Y. 2013, pag. 170 apud Marcos de Oliveira Costa. Borelli & Merigo.

Yamashita (2013) faz um resumo geral dos diversos problemas da Praça que geraram as pequenas intervenções, a degradação e o projeto de requalificação da Praça Roosevelt.

O que se sabe é que segundo o discurso oficial de dificuldades de gestão e manutenção do espaço, a Roosevelt teria conhecido um processo de degradação das condições físicas e de suas estruturas o que teria resultado em uma ocupação de outra natureza, sobretudo, pela prostituição e pelo tráfico. No contexto em que a presença dos “indesejáveis”, a desvalorização imobiliária e a ausência do poder público se consolidava, reforçavam-se igualmente as tentativas de requalificação procurando de alguma forma das conta desta problemática (YAMASHITA, 2013, p. 77).

4.4 Requalificação da Praça Roosevelt (2012 - atual)

A Praça Roosevelt teve diversas alterações em seus programas e usos desde sua gênese até o primeiro projeto, e da mesma forma ocorreu o processo de reabilitação da Praça, que começa em 2000, na gestão da prefeita Marta Suplicy, o qual somente tem seu projeto executivo, de autoria do escritório Figueiredo Ferraz e Autor do Projeto o Arq. Rubens Reis, finalizado no ano de 2010 e inaugurado em 2012, durante a gestão do Prefeito Haddad.

A Praça Roosevelt, já no cronótopo de sua reabilitação, será analisada em duas etapas. Primeiramente, analisar-se-á a relação da Praça com seu contexto ou distrito da República (viabilidades urbana, cultural, ambiental e social) e, em pós, será feita a análise da Praça Roosevelt nos ambientes do projeto, físico e social simbólico.

4.4.1 Ambiente projetual da Praça Roosevelt

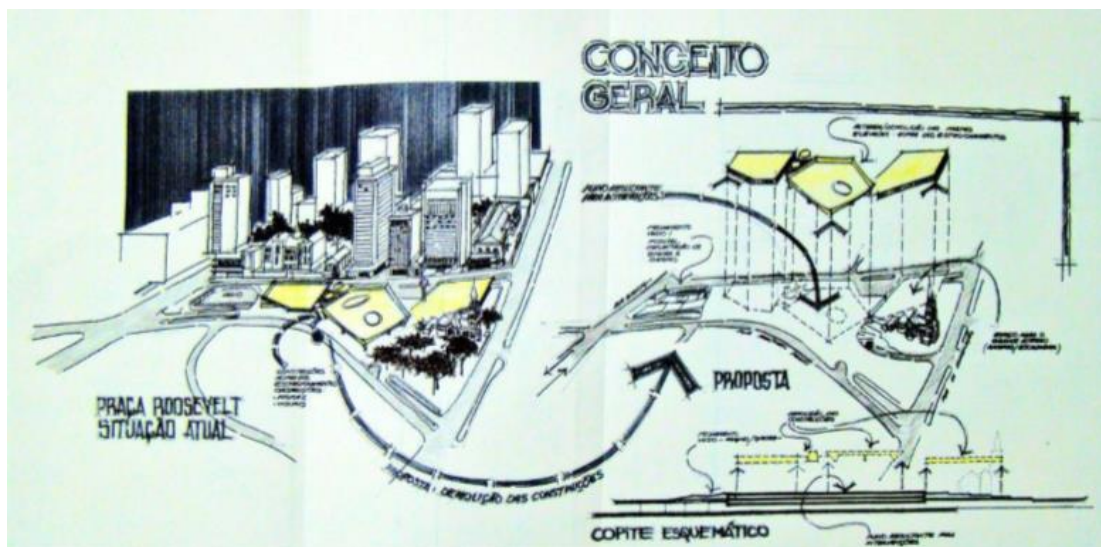
O ponto de partida para o ambiente projetual da Praça foi estabelecer um programa de necessidades de acordo com pesquisas locais com os usuários da Praça. O diagnóstico pode ser conferido por um relato do Arquiteto Rubens Reis em entrevista feita por Yamashita, 2013:

(...) tomou como base toda a experiência que nós tínhamos com relação ao contatos com a população, até algumas pesquisas feitas periodicamente na área e que sempre indicavam a necessidade de mais verde, de espaço aberto, de espaço sem bloqueios, com acessibilidade, a permanência de algumas atividades, como por exemplo, as floriculturas, que eram tradicionais, a permanência dos postos de polícia e da guarda metropolitana, a necessidade de um elemento dinamizador do espaço. (...) A necessidade de ter espaço para os animais nos moldes da Praça Buenos

Aíres e espaço aberto para as pessoas. Espaços contemplativos, de circulação e até eventualmente cooper (ENTREVISTA FEITA POR YAMASHITA, 2013, p. 149-150).

Das diversas diretrizes, a que teve grande destaque visual foi a demolição das lajes, sendo estas: laje de cobertura das instalações (batalhão da Polícia Militar, Base da Guarda Metropolitana e do Centro de Informação da Mulher) e as lajes dos estacionamentos (supermercado e da escola), verificando-se essas demolições de forma esquemática segundo a Figura 34.

Figura 34 - Praça Roosevelt antes das demolições em 2010.

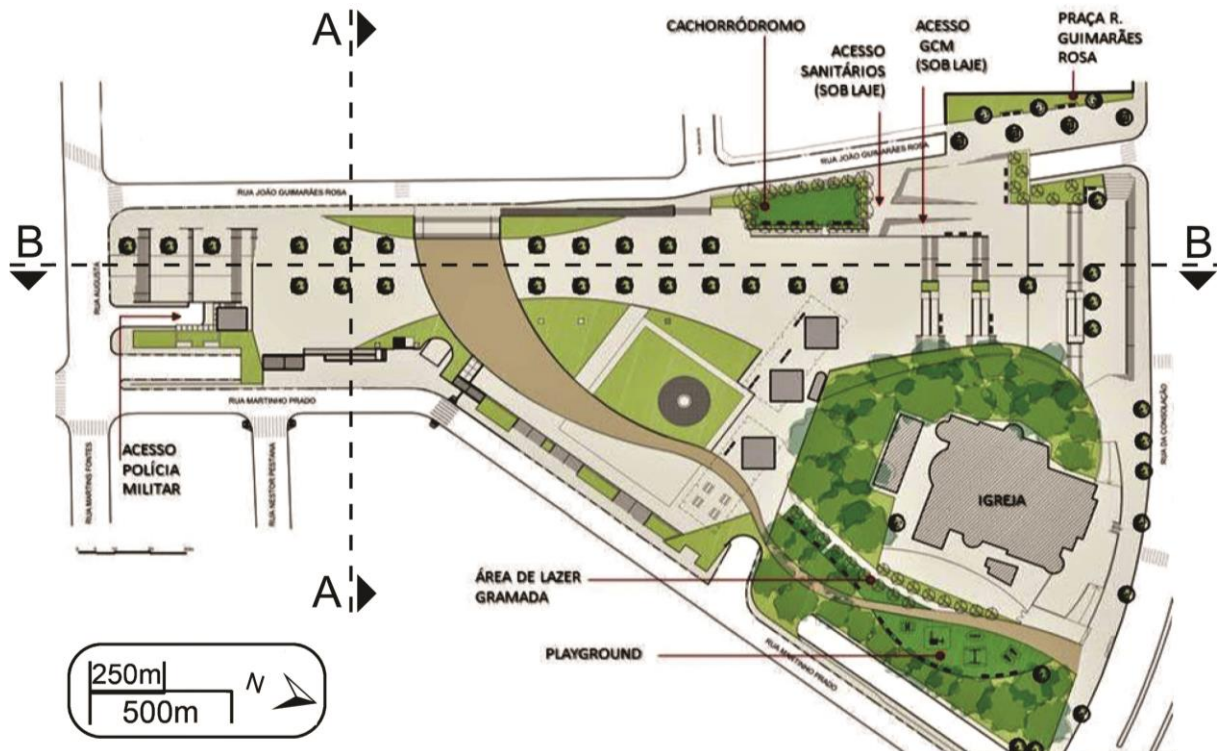


Fonte: Projeto de Financiamento Banco Interamericano de Desenvolvimento, abril de 2003, Biblioteca da SP Urbanismo. apud Yamashita, K.Y. 2013, pag. 151.

Outras propostas de diretrizes executadas foram: implantação de um novo conjunto de edificações para o uso da floricultura, que já existia na Praça, articulado por um pergolado (atualmente, nessas edificações encontram-se quiosques com serviços alimentícios); a construção da nova base da Polícia Militar e da Guarda Civil sob as escadarias das esplanadas da Rua Augusta; o cachorródromo na rua João Guimarães Rosa; o Playground ao lado da Igreja da Consolação e a inserção de um novo paisagismo, com o aproveitamento da estrutura demolida das lajes para o plantio de árvores.

Na figura 35 tem-se o resultado do Projeto de Reabilitação da Praça depois dos diversos ajustes e últimos acertos para dar início às obras em 2010.

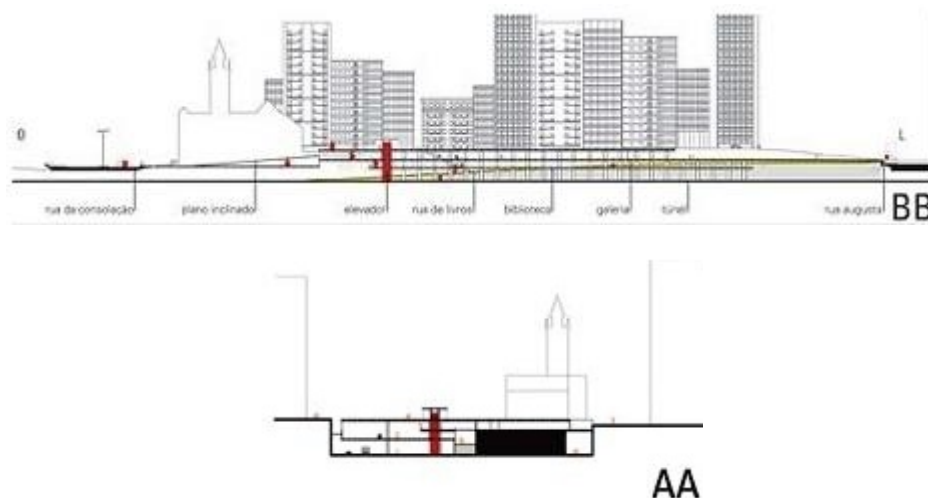
Figura 35 - Projeto da Praça Roosevelt em 2010



Fonte: Apresentação da SP Urbanismo. apud Yamashita, K.Y. 2013, pag. 168.

Na figura (36) são representados cortes da Praça Roosevelt, onde é possível identificar os desníveis, que são significativos pois vencem a altura do pavimento do estacionamento no subsolo, o gabarito de altura dos arranha céus contornando a praça com suas alturas variadas.

Figura 36 – Cortes da Praça Roosevelt



Fonte: Vitruvius, 2004, São Paulo, 2004. Girard L., Florence L. R., Vilela M. B., Acayaba M., Coloma P. D. e Dedecca P. G.

4.4.2 Ambiente físico da Praça Roosevelt

As obras da construção da Praça Roosevelt tiveram início em 2010, com a abertura de concorrência pública pela Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), de modo que o vencedor da licitação foi o Consórcio Paulitec/Cil, prevendo-se o término das obras para o ano de 2012. A sua inauguração, de fato, ocorreu em setembro de 2012, consoante (Figura 36).

Figura 36 - Projeto da Praça Roosevelt em 2010.



Fonte: YAMASHITA, K.Y. 2015, pag. 190.

Do ano de 2012, marcado pela inauguração do projeto de requalificação, até final de 2017, muita coisa mudou na Praça, que passou a ser mais utilizada pelos usuários. Moradores do entorno utilizam o espaço público com mais frequência nos períodos da manhã e da tarde, ao passo que jovens que vêm de outros bairros (inclusive de outras cidades) utilizam a Praça com maior ênfase no período noturno.

De outra banda, o número de usuários que utilizam a Praça nos dias de semana é pequeno se comparado ao que ocorre aos finais de semana. Verificam-se essas informações nos dados do Google Maps (figura 37), baseados nas visitas ao local.

Figura 37 - Gráfico com a relação da quantidade de usuários em horários distintos



Fonte: Dados Google Maps, acessado 14/03/2018

4.5.3 Elementos físicos nos lugares da Praça Roosevelt

Serão descritos os elementos físicos encontrados nos lugares da Praça Roosevelt, relatando suas características como materiais, formas, cores. Conforme a tabela 3 abaixo:

Tabela 3 - Elementos físicos nos lugares da Praça Roosevelt

Elemento	Características	Foto
Bancos	Os bancos se localizam nos ambientes centrais da Praça, (centro da <u>guarda</u> civil, centro da Praça, centro cachorródromo). O material é concreto na cor cinza e as formas são regulares (quadradas).	 Fonte: Guerini Filho 2018
Bancos e Mesas	Localizados nos ambientes dos quiosques, os bancos com as mesas são móveis, de madeira na cor natural. Nos formatos regulares (quadradas).	 Fonte: Guerini Filho 2018
Pergolados	As pérgolas se encontram no ambiente dos quiosques, as vigas são de madeira, na cor natural e os pilares são metálicos pintados na cor roxa. Ambos nos formatos regulares (quadrados).	 Fonte: Guerini Filho 2018
Quiosques	No próprio ambiente dos quiosques encontramos os mesmos com estruturas mistas metálicas e concreto armado nas cores naturais, com vidro e alvenaria como vedação, nos formatos regulares (quadrados)	 Fonte: Guerini Filho 2018

Vegetação (Grama)	As vegetações, no caso as gramas, se localizam predominantemente nos ambientes centrais da Praça, (centro da <u>guarda</u> civil, centro da Praça, centro cachorródromo). A forma segue os canteiros misturando elementos orgânicos com regulares.	
		Fonte: Autor (2018)
Vegetação (Árvores)	As árvores se localizam com predominância na igreja (que pega um pedaço nos quiosques) e no parque infantil, sendo de grande porte e	
		Fonte: Guerini Filho 2018
Lixeiras	Estão espalhadas por todos os lugares da Praça, feita em material metálico com pintura verde, tendo a sua forma circular com pequenos furos circulares em sua superfície lateral.	
		Fonte: Guerini Filho 2018
Postes de Iluminação.	Estão espalhadas por todos os lugares da Praça, feita em material metálico com pintura branca, tendo a forma da luminária um cone invertido furos circulares em sua superfície lateral.	
		Fonte: Guerini Filho 2018

Pisos Calçadas	Existente em todo o perímetro da Praça, executada em concreto desempenado liso na cor cinza.	 Fonte: Guerini Filho 2018
Pisos Internos	Existente na maioria da extensão da Praça, executada em concreto desempenado liso nas cores cinza e vermelho, seguindo formatos regulares e orgânicos.	 Fonte: Guerini Filho 2018
Escadas	Existem doze acessos por escadas na Praça Roosevelt, executada em concreto desempenado liso na cor cinza, em lances retos.	 Fonte: Guerini Filho 2018
Corrimãos	Existentes em todas as escadas, moldadas em aço e pintadas de verde, com seu formato e dimensões dentro dos padrões da NBR 9050.	 Fonte: Guerini Filho 2018

Pista de Skate	Localizado na própria pista de skate, a mesma contém rampas e volumes em concreto armado, pintados de verde, com formatos diversos e dinâmicos.	 Fonte: Guerini Filho 2018
Muro de Arrimo	Localizado no ambiente do parque infantil e em algumas escadas de acesso a Praça, tem a sua extensão e dimensões devido a altura do nível a ser vencido. Seu material é de concreto armado cinza.	 Fonte: Guerini Filho 2018
Guarda Corpo	Existentes em todas as grandes diferenças de níveis, moldadas em aço e pintadas de verde, com seu formato e dimensões dentro dos padrões da NBR 9050.	 Fonte: Guerini Filho 2018
Brinquedos	Localizados no ambiente do parque infantil, feitos em madeira com acessórios em aço, ambas na cor natural, com formatos diversos e dinâmicos.	 Fonte: Guerini Filho 2018

Rampa	Localizado no ambiente do parque infantil, tem a sua extensão e dimensões devido a altura do nível a ser vencido, de acordo com a NBR 9050. Seu material é de concreto armado cinza.	 Fonte: Autor (2018)
Sinalizadores	Localizados nos acessos da Praça Roosevelt, pilar feito em material metálico com pintura branca e a placa com o sinalizador é metálica pintada de marrom, formato regular (retangular).	 Fonte: Guerini Filho 2018
Bebedouros	Inexistente (depredado)	Inexistente
Sanitários	Acesso restrito	 Fonte: Moacyr Lopes Junior/Folhapress
Telefone Público	Inexistente	Inexistente

Fachadas (Edificações)	As fachadas de maior expressão (devido as funções, atividades e alturas) ficam Localizadas na Rua da Praça Roosevelt, com mescla de ocupação residencial e comercial, gabarito de altura elevado.	
		Fonte: Guerini Filho 2018

Fonte: Autor (2018)

Alguns pontos do projeto ainda não foram resolvidos, portanto, (não concluídos), como, por exemplo, o uso do estacionamento, sendo ainda que muito do que foi feito já se encontra degradado. Os bancos tinham um revestimento de madeira, mas foram retirados em razão do mal uso dos skatistas, que usam os bancos como elemento de manobras, de modo que, atualmente, encontram-se somente no concreto, lembrando que esses bancos foram idealizados sem a presença de encostos. A vegetação, por sua vez, está sem manutenção, as árvores não cresceram, muitos arbustos e plantas de pequeno porte foram arrancados, a grama está com mistura de espécies daninhas, contribuindo assim para a falta de conforto térmico na Praça. Muitas das lixeiras foram arrancadas e, as que estão presentes, encontram-se com marcas de vandalismo, ao passo que os sanitários estão inacessíveis e necessitam de reformas devido à degradação.

A iluminação é muito boa, sendo bem distribuída na maior parte da Praça, as calçadas externas estão parcialmente adequadas, com alguns pontos deficientes. Já os pisos internos, no geral, estão adequados, com piso de concreto liso e piso tátil instalado. O parque infantil está sem a forração de grama, com os brinquedos parcialmente degradados. Conta ainda com falta de manutenção e muita sujeira espalhada, (Figura 38).

Figura 38 - Exemplo do parque infantil - depois da requalificação e o estado atual



Fonte: Fotos de Marcos Calliari – 2012 e 2017.

Sabendo em que estado se encontram os espaços da Praça Roosevelt e seus elementos físicos, retomam-se as perguntas que representam o objetivo desta dissertação. Questiona-se, portanto, quais os elementos dos ambientes físico, social e simbólico e suas relações da paisagem cultural da Praça em centros históricos que interferem na percepção topofílica e topofóbica dos usuários. O Primeiro passo é esclarecer quais espaços são topofóbicos e quais são os topofílicos.

5. ANÁLISE DA PRAÇA ROOSEVELT

A Praça Roosevelt será analisada em duas etapas. A primeira será a análise da Praça Roosevelt com seu contexto e, a segunda, a análise da Praça Roosevelt com seus ambientes, iniciando com a identificação dos lugares topofóbicos e topofílicos da Praça, a análise das matrizes: físico-simbólica, socio-física e socio-simbólica da Praça Roosevelt, o mapa heurístico segundo os lugares topofílicos e topofóbicos e as sinergias, também, segundo lugares topofílicos e topofóbicos.

5.1 Análise da Praça Roosevelt com seu contexto

A Praça Roosevelt será analisada com seu contexto segundo as viabilidades urbana, cultural, ambiental e social.

5.1.1 Viabilidade urbana

Na proximidade da Praça Roosevelt encontram-se dois pontos de ônibus, tanto na Rua Consolação quanto na Rua Augusta, as estações de metrô, sendo três bem próximas da Praça, a estação da República, Anhangabaú e Higienópolis-Mackenzie. Mobilidade urbana, no sentido de transporte público, não falta nas proximidades da Praça, o que facilita seu acesso.

Têm-se ao redor da Praça diversos pontos de serviços alimentícios como: restaurantes, cafés e botecos, equipamentos fundamentais que complementam o uso do local. A dinâmica do uso da Praça em seu período noturno, relacionada aos pontos de alimentação, é semelhante a dos teatros. Com efeito, ambas se complementam e mantêm a vida da Praça ativa nas noites paulistanas. Segundo o questionário aplicado *in loco*, 34% dos usuários dizem desenvolver a atividade de comer e beber, assim como 35,5% frequentam, passam ou atravessam a Praça justificando os Bares, Botecos e Restaurantes, como podemos observar na (Figura 39).

Figura 39 - Bares na rua da Praça Roosevelt



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/espaco-dos-satyros-um/>

5.1.2 Viabilidade cultural

A Praça Roosevelt é muito conhecida pela sua relação com os grupos teatrais e, no período noturno, são os espetáculos que favorecem a vida no recinto, que ocorrem nos teatros localizados em sua parte lateral. Os teatros existentes na rua da Praça são: Espaço dos Satyros 1, vide (Figura 40), existente desde ano 2000, Espaço dos Satyros 2, espaço adquirido em 2005, Teatro do Ator, também desde 2005, Espaço dos Parlapatões, inaugurado em 2006 e o Minit teatro, inaugurado em 2009. Também existe a SP Escola de Teatro, do governo do Estado de São Paulo, inaugurada em 2009 (YAMASHITA, 2013).

Figura 40 - Teatro Satyros 1

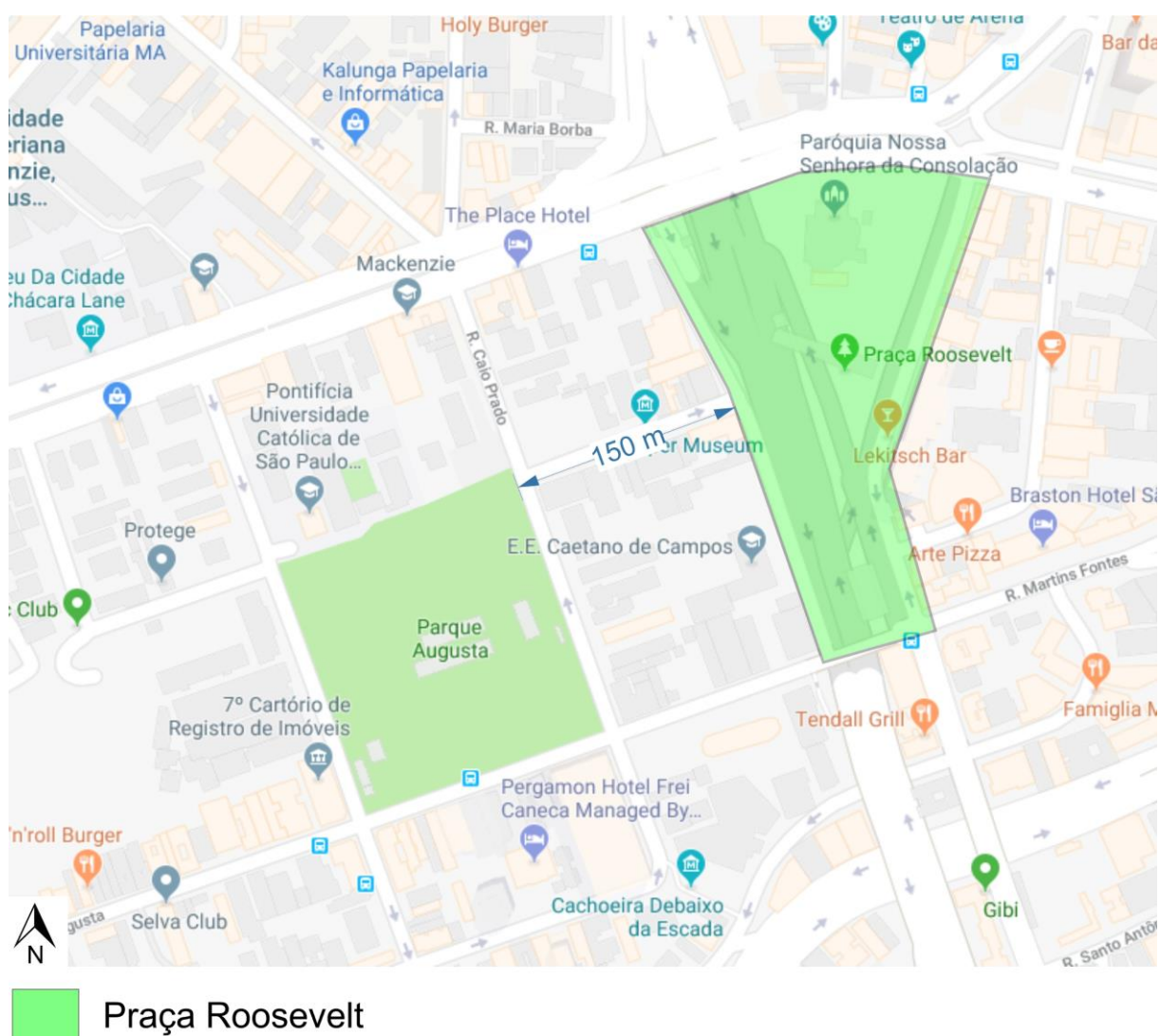


Fonte: Divulgação/ Facebook Satyros

5.1.3 Viabilidade ambiental

No distrito da República encontram-se diversas Praças e espaços de lazer, tais como a Praça da República, Largo Do Arouche, Vale Do Anhangabaú, Praça Ramos De Azevedo, Praça Da Bandeira, Largo Do Paissandú. A área verde mais próxima da Praça Roosevelt é o Parque Augusta, a 150 metros de distância (figura 41), locada na Rua Augusta, Consolação, a uma quadra a Praça. Segundo o Jornal Estadão, 2017, referida Praça está em fase de negociação (permuta) com a prefeitura para que esta execute um projeto de requalificação do parque.

Figura 41 - Relação Praça Roosevelt com parque Augusta



Fonte: Google Maps - Modificada pelo Autor (2018)

Levando em consideração o acesso dos moradores a esses espaços públicos, no caso áreas de lazer como Praças, parques entre outros, os autores Castello (2013), Pitts (2004) e Prinz (1986) consideram um raio de influência de 400m do destes pontos de lazer até as residências do bairro, setor ou comunidade, (Figura 42).

Figura 42 - Raios de influência entre áreas de lazer do Distrito república.



Fonte: Google Maps - Modificada pelo Autor (2018)

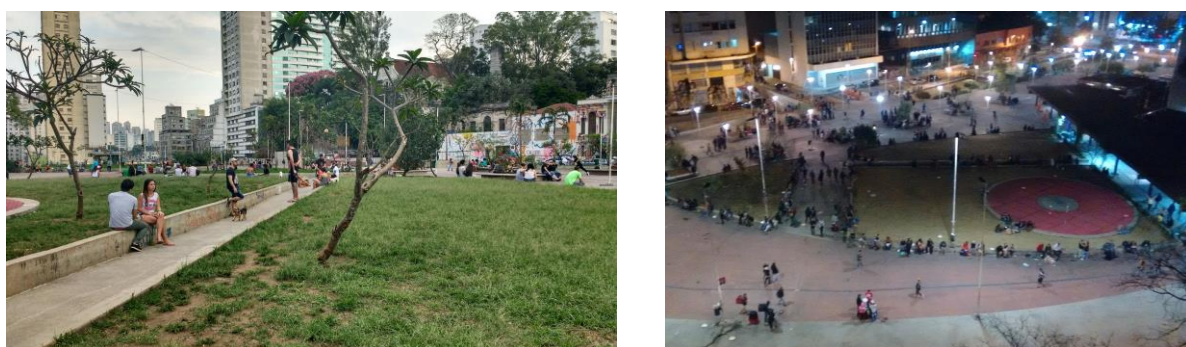
5.1.4 Viabilidade social

A Praça Roosevelt foi configurada para suprir as necessidades de lazer e esportes da população que mora no distrito, assim como dos distritos próximos. Os usos sociais praticados na Praça são diversos e, de acordo com o questionário aplicado na Praça (2018), as porcentagens de atividades sociais são: 8% para práticas esportivas, 21% para caminhada, 22% passeio com o cachorro, 65,5% para

conversar, 44,5 % para contemplar, 13% para sentar, 11% para descansar, 10% para tomar sol, 3% para ler e 34,5% para comer e beber.

Nos períodos da manhã e da tarde, os usuários costumam fazer caminhadas, passear com seus pets, conversar com amigos e vizinhos, tomar café nos quiosques, praticar esportes como skate, bicicleta e patins. Já no período noturno, os jovens usufruem da Praça através da convivência social, com música ao vivo, apresentações culturais efêmeras e gratuitas, estimuladas pelos teatros e bares existentes no entorno da Praça, vide figura 43.

Figura 43 - Usuários no período da manhã e no período noturno



Fonte: Foto da esquerda do autor 2017 - Foto da direita Hellen Vieira - agosto 2017

O que torna a Praça Roosevelt requalificada, um espaço simbólico dentro do contexto da cidade é o fato de reunir, em um mesmo espaço, a diversidade de culturas e a convivência entre estas. Apesar de haver reclamações desse público diversificado, a convivência entre as pessoas está presente, o que torna a Praça Roosevelt um espaço público ativo na maior parte do tempo. Colaciona-se, como exemplo, a figura 44, que retrata crianças e adultos em uma espécie de dinâmica com bambolês integrados a skatistas.

Figura 44 - Convivência no meio da diversidade



Fonte: Foto de Linda Waters – outubro de 2016.

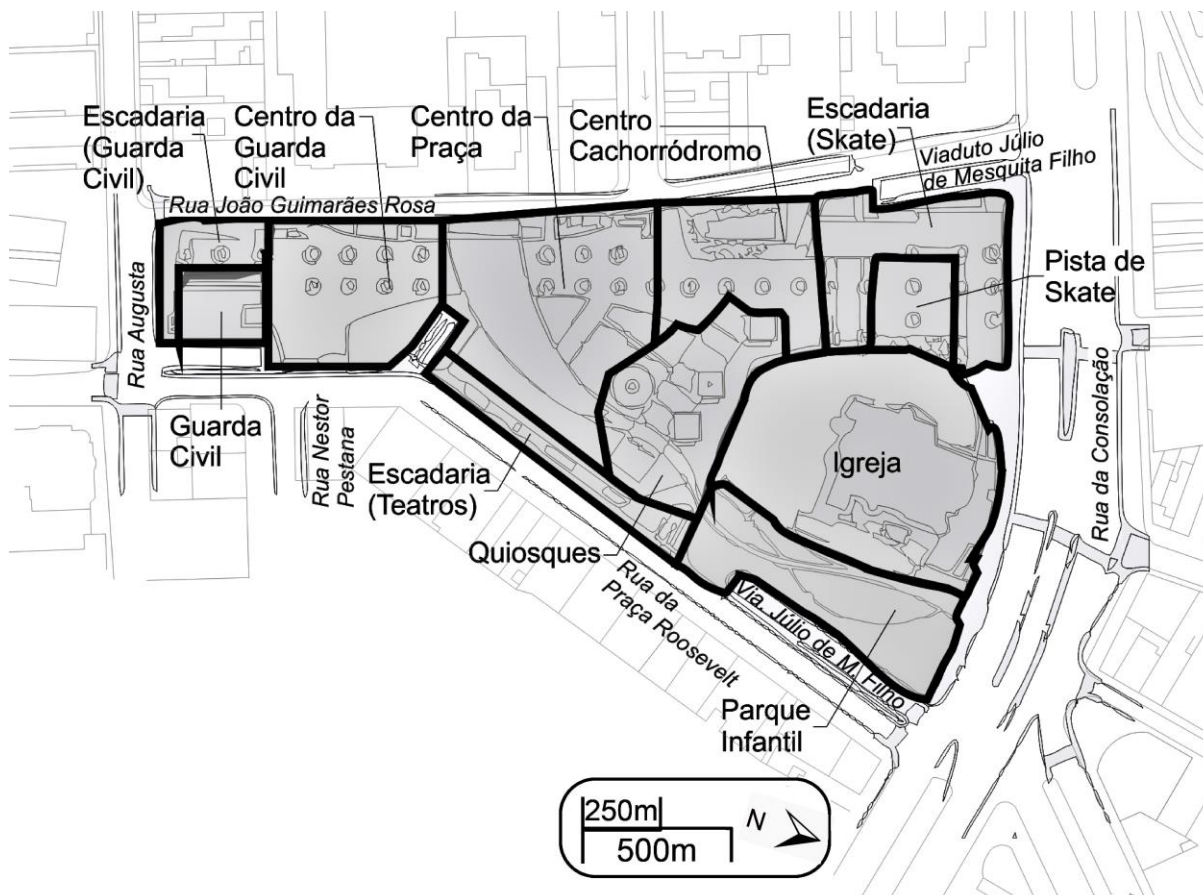
5.2 Análise da Praça Roosevelt

A Praça Roosevelt, a partir da identificação dos lugares topofílicos e topofóbicos, será analisada em três etapas. Primeiramente, será feita análise das relações entre seus ambientes (matrizes), ou seja, físico-simbólico, socio-físico e socio-simbólico. Depois, será feita análise do mapa heurístico, e por fim, serão analisadas as sinergias.

5.2.2 Lugares topofílicos e topofóbicos

Para identificar os lugares topofílicos e topofóbicos foram aplicados questionários na Praça Roosevelt, nos períodos manhã, tarde e noite, com perguntas pertinentes a percepção sensorial dos usuários com relação aos espaços da Praça. Assim, foram identificados 08 ambientes: parque infantil, quiosques, pista skate, escadaria (teatros), escadaria (guarda-civil), escadaria (skate), igreja, centro da Praça, centro (guarda civil) e centro cachorródromo, representados na figura 45.

Figura 45 - Espaços da Praça Roosevelt.

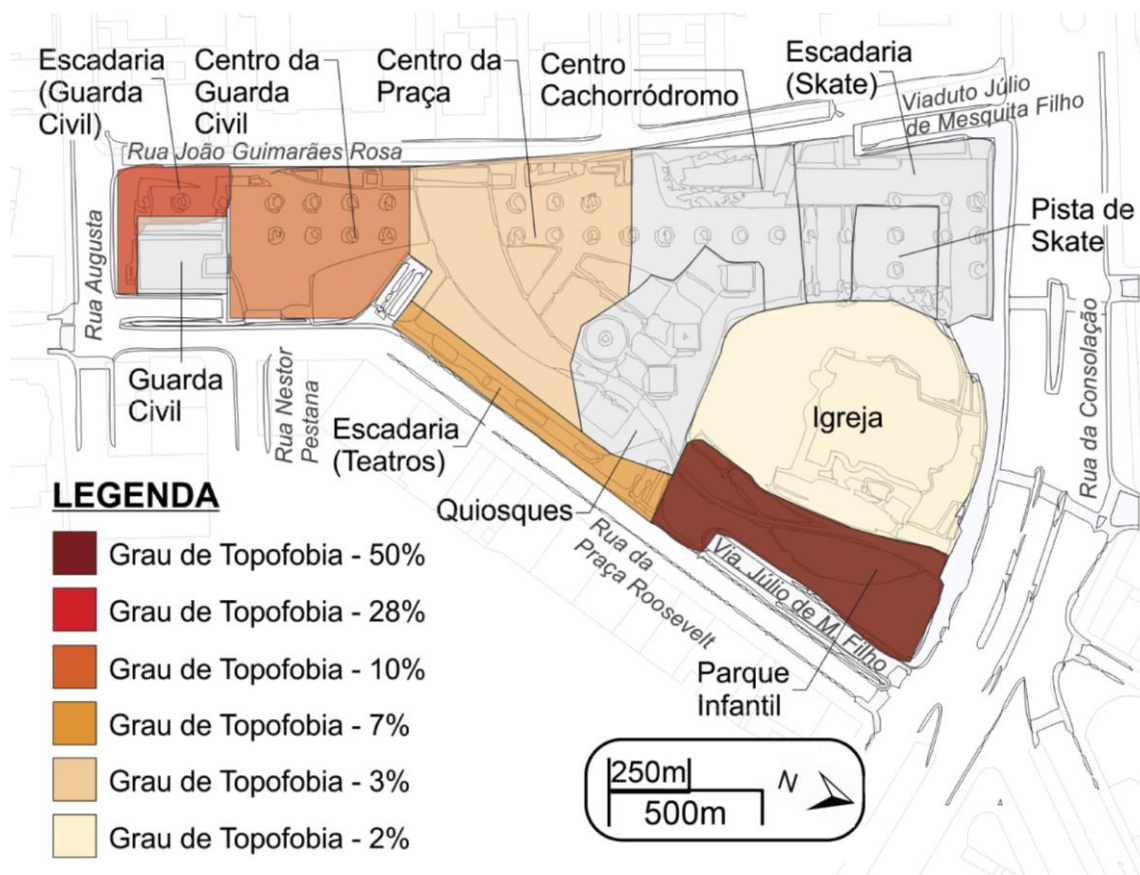


Fonte: Próprio Autor (2017)

5.2.1.1 Lugares topofóbicos

Em um universo de 90 entrevistados, 50% expressaram que o espaço mais topofóbica seria o **Parque infantil**, como mostra a Figura 46.

Figura 46 - Espaços Topofóbicas, Praça Roosevelt.



Fonte: Próprio Autor (2017)

Parque infantil: O parque infantil está inserido em um contexto atípico em relação ao restante da Praça, localizado na lateral da Igreja da Consolação, em um nível inferior com relação aos demais espaços da Praça, paralela um viaduto Júlio de Mesquita Filho, esquina com a rua consolação, ambas com grande fluxo de automóveis, gerando grande ruído em seu entorno. As fachadas, localizadas na rua da Praça Roosevelt, são comerciais, encostadas na linha de divisa do lote, caracterizado como fachada com pouca transparência.

O parque infantil conta com os seguintes elementos: brinquedos de madeira e ferro, já degradados pela falta de manutenção e vandalismo, piso de terra.

O espaço que hoje é o parque infantil, a princípio, era destinado para ser um local de convívios de cachorros, o chamado cachorródromo, podendo-se verificar essa informação com base nos estudos preliminares do projeto de requalificação da Praça. Não se sabe qual foi o motivo da mudança de localização. As atividades realizadas no local são: Venda e uso de drogas, Bebidas alcoólicas, Roubos, Desapropriação do espaço.

Além da alta porcentagem de tofobia definida pelos usuários, estes fizeram 03 comentários sobre o parque infantil ou playground: em relação à pergunta “o que você acha necessário melhorar na Praça Franklin Roosevelt?”, a resposta foi “ter playground adequado e melhorar a conservação”; em resposta à pergunta “sobre o que você menos gosta na Praça Franklin Roosevelt?”, respondeu-se que “O playground que está abandonado” e, em resposta à pergunta “há problemas na Praça Franklin Roosevelt? Se sim, quais?”, respondeu-se “Muitos. Manutenção do playground, limpeza, falta de banheiro público, falta de bebedouro.”

Segundo o questionário aplicado na Praça Roosevelt, 28% dos entrevistados expressam que a **Escadaria da Guarda Civil** representa um lugar topofóbico. A escadaria da guarda civil está localizada na ponta da Praça, do lado da Rua Augusta, que faz cruzamento entre as Ruas João Guimarães Rosa e Rua da Praça Roosevelt. Seu contexto é representado pelas ruas com alto fluxo de automóveis, muito prédios vazios, havendo somente fachadas de prédios, o prédio da guarda civil e de frente com uma ponte sobre o Viaduto.

Já no **Centro da Guarda Civil**, 10% relatam que existe tofobia. Seu entorno conta com uma área sem utilidade para a Praça, apenas com alguma vegetação e alguns bancos. Este centro serve apenas como espaço de passagem.

O espaço da **Escadaria dos Teatros** representa 7% dos apontamentos dos usuários com relação a tofobia. Em seu entorno há vários edifícios com usos para o comércio, teatros, bares, restaurantes, com funcionamento apenas na parte da noite, de manhã a rua fica com fachadas inativas.

O **Centro da Praça** representa 5% de espaço topofóbico pelos usuários entrevistados, que concebe o ponto central da Praça, utilizado como ponto de encontros, de passagens, e de eventuais atrações livres. Seu contexto apresenta todo o entorno da Praça, com transparência em sua visibilidade.

Por fim, 2% dos usuários apontaram o espaço da **Igreja** como topofóbica. A Igreja fica literalmente de costas para a Praça, próximo do parque infantil e não tem praticamente nenhuma integração com esta, cercada de gradis e árvores.

Abaixo (Figura 47) tem-se imagens que representam o espaço do **Parque Infantil** no dia-a-dia da Praça.

Figura 47 - Parque Infantil, Praça Roosevelt.

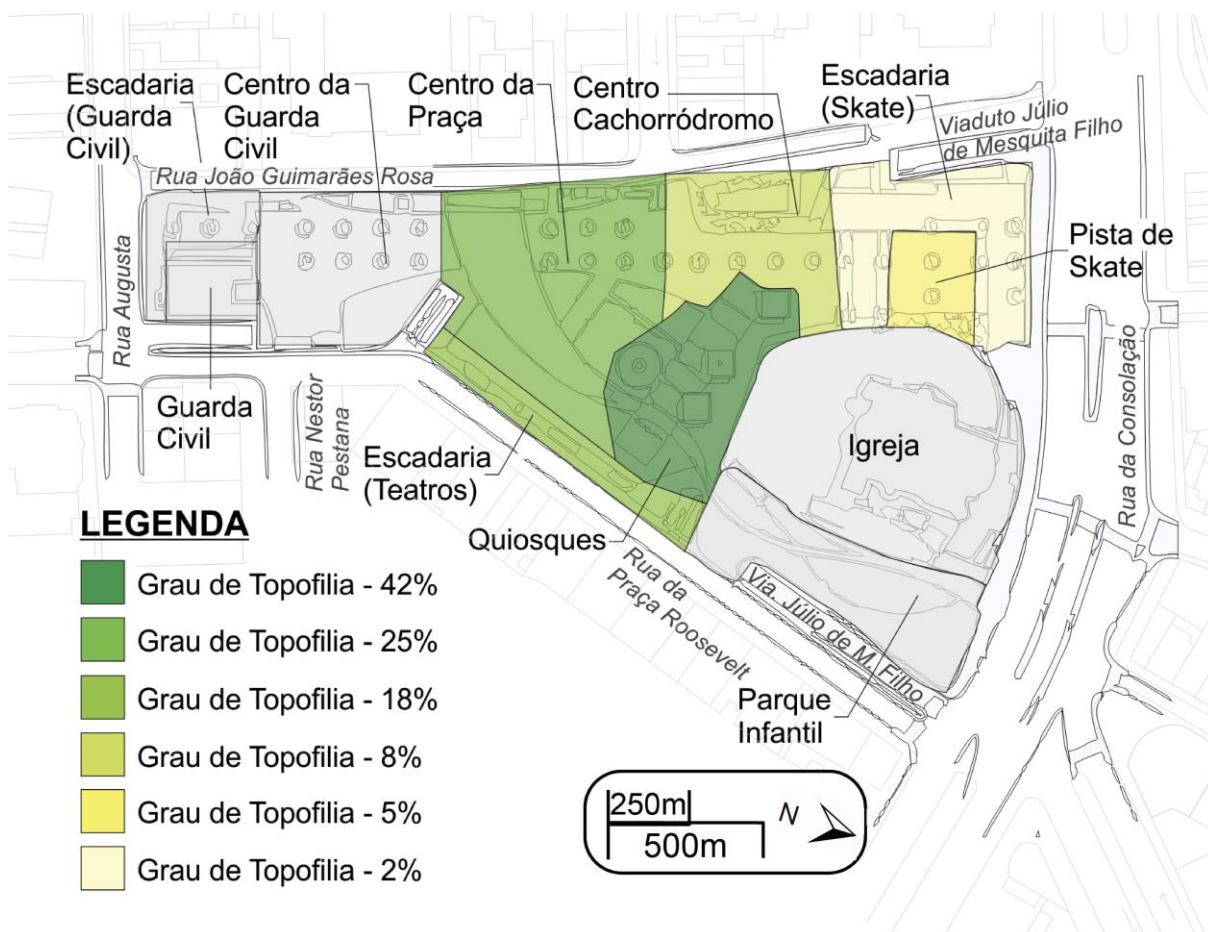


Fonte: Próprio Autor (2017)

5.2.1.2 Lugares topofílicos

Como lugares topofílicos foram identificados: quiosque, pista skate, escadaria da pista de skate, escadaria do teatro, centro da Praça e o centro cachorródromo (Figura 48).

Figura 48 - Espaços Topofílicos, Praça Roosevelt.



Fonte: Autor (2017)

Quiosques: Os Quiosques estão inseridos praticamente no centro da Praça Roosevelt, ao redor das escadarias, dos pátios centrais e de costas para a Igreja da Consolação. Seu contexto permite a visibilidade dos prédios em sua volta, suas fachadas e demais edificações em seu horizonte. Fixado em um local praticamente plano, permitindo a visibilidade da Praça como um todo.

Os elementos que compõem o ambiente dos quiosques são: os pergolados, com as pérgolas em madeira e os pilares metálicos, os próprios quiosques com maior parte em estrutura metálica, o piso de concreto com piso tátil destinado a

acessibilidade e alguns bancos para servirem os usuários que utilizam os serviços dos quiosques na parte da alimentação.

Os Quiosques, a princípio, estavam destinados a receber o comércio de floricultura, contudo, hoje recebem comércios alimentícios como cafés e salgados. Também estava planejada a inserção de duas unidades do quiosque, no entanto, executaram-se três, sendo um ocupado pela GCM; neste lugar são praticadas as atividades como: socialização, beber/comer, relacionamento entre amigos, permanência, passeio com os pets.

Um comentário feito no questionário aplicado foi sobre os quiosques, sendo a pergunta “que você mais gosta na Praça Franklin Roosevelt? Por quê?”, sobre a qual a resposta foi: “dos quiosques, da vista”.

Segundo o questionário aplicado na Praça Roosevelt, 25% dos entrevistados expressam que o **Centro da Praça**, representa um espaço topofílico, concebe o ponto central da Praça, utilizado como ponto de encontros, de passagens, e eventuais atrações livres. Seu contexto apresenta todo o entorno do recinto, com transparência em sua visibilidade.

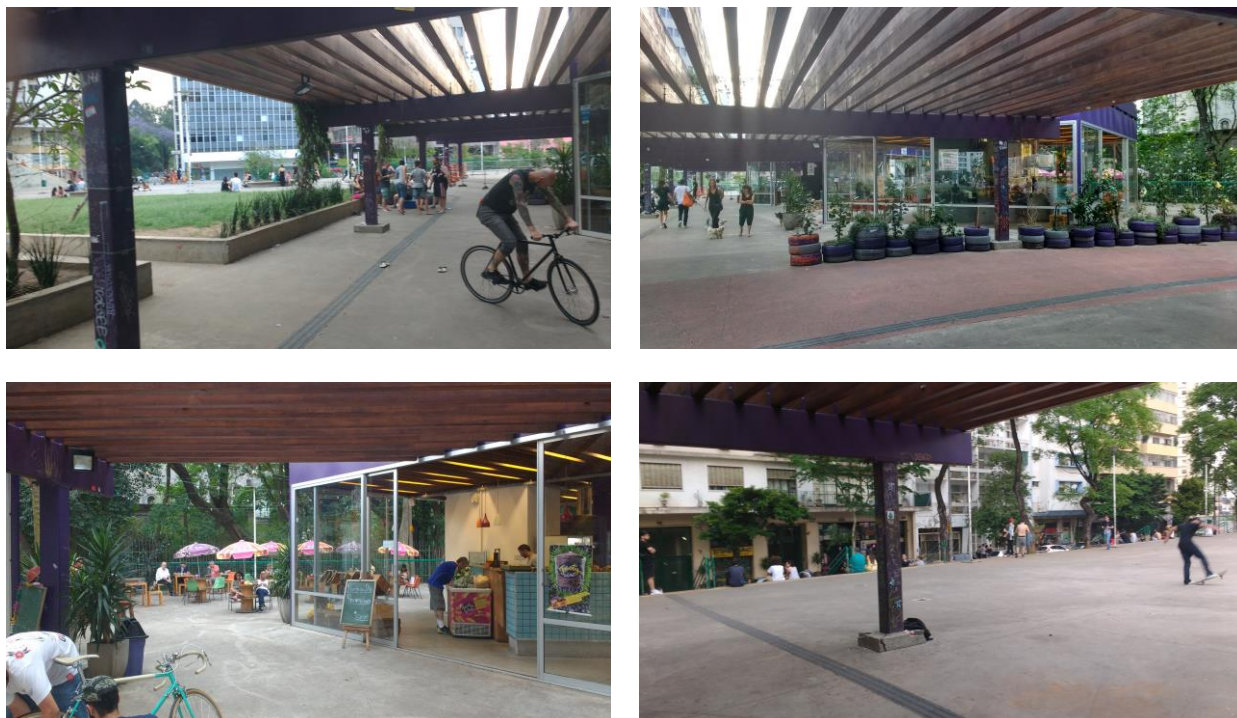
O Espaço da **Escadaria dos Teatros** representa 18% dos apontamentos dos usuários em relação a topofilia. Seu entorno conta com uma rua com fachadas, dotada de vários espaços de serviços e comércios, que são os teatros, bares e restaurantes, com funcionamento na parte da noite, de modo que muitos usuários tomam este espaço como lugar de convivência noturna.

Já no **Centro Cachorródromo**, 8% relatam que existe topofilia. Trata-se de um local bem próximo dos quiosques e seu contexto contém vistas para os espaços verdes e espaço de passagem, com vista transparente em seu entorno.

A **Pista de Skate** representa 5% e a **Escadaria do Skate** 2% de espaços topofílicos, segundo os usuários entrevistados, que concebem os pontos onde há equipamentos específicos para as manobras de skate, seus contextos visam a Igreja da Consolação como vizinha, gerando uma barreira visual e sombreamento em parte do dia, vista da paisagem urbana para o horizonte das vias do entorno e da rua consolação.

Abaixo na (Figura 49), veem-se imagens que representam o espaço dos Quiosques em uma manhã na Praça.

Figura 49 - Parque Infantil, Praça Roosevelt.



Fonte: Próprio Autor (2017)

5.3 Análise das matrizes físico-simbólica, socio-física e socio-simbólica da Praça Roosevelt

Sabendo-se quais são os lugares mais tofófilos e tofófobos, o próximo passodeste trabalho é elaborar as matrizes, fazendo os cruzamentos físico-simbólicos, sócio-físicos, e sócio-simbólicos. Essas matrizes servirão tanto para elaborar os mapas heurísticos de tofília e tofobia como as sinergias.

5.3.1 Matriz físico-simbólica

Na matriz físico-simbólica são relacionados os ambientes físicos com os aspectos simbólicos dos grupos sociais da Praça. Com base na matriz físico-simbólica identificamos que todos os grupos sociais, com exceção dos religiosos, relacionam-se com o Centro da Praça, sendo, assim, o ambiente mais democrático da Praça. Já os religiosos têm vínculo apenas com a igreja da Consolação, limitando suas atividades à missa. (Tabela 4).

Tabela 4 - Físico-simbólico

Físico-simbólico											
SIMBÓLICO \ FÍSICO											
	Quiosques	Pista de Skate	Centro da Praça	Escadaria Teatro	Parque Infantil	Guarda civil	Centro Guarda Civil	Escadaria Skate	Centro Cachorróromo	Igreja	Escadaria Guarda Civil
Skatistas	NR	R	R	R	NR	NR	NR	R	R	NR	NR
Religiosos	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	R	NR
Dono de pets	R	NR	R	NR	NR	NR	NR	NR	R	NR	NR
Vendedor de Drogas	NR	NR	R	R	R	NR	NR	R	NR	NR	NR
Morador de rua	NR	NR	R	NR	R	NR	R	R	R	NR	NR
Usuário de drogas	NR	NR	R	R	R	NR	R	R	NR	NR	NR
Teatro	R	NR	R	R	NR	NR	R	NR	NR	NR	NR
Jovens "Tribos"	R	NR	R	R	NR	NR	R	R	R	NR	R
Vendedores Ambulantes	NR	R	R	R	NR	NR	R	R	R	NR	R
Esportistas	R	R	R	NR	NR	NR	R	R	R	NR	NR
Pacientes de Terapia	R	NR	R	R	NR	NR	R	NR	NR	NR	NR
Amigos Grupos	R	NR	R	NR	NR	R	NR	NR	R	NR	NR
Moradores do Per. da Praça	R	NR	R	NR	NR	R	NR	NR	R	NR	NR

Relação: R = Tem Relação NR = Não tem relação

Fonte: Autor (2018)

5.3.2 Matriz socio-física

Na matriz socio-física são relacionados os lugares físicos com os aspectos sociais, para identificar as congruências ou incongruências de cada grupo social com o ambiente físico da Praça, ou seja, identificar se existe ou não concordância entre os ambientes físicos e sociais. O que chama a atenção nos resultados são: as missas só são realizadas na igreja, não encontrando nenhuma atividade rotineira a mais nos demais lugares da Praça. Também muitas atividades são realizadas no centro da Praça, revelando um lugar de múltiplos usos e de apropriação dos usuários. Apesar do Cachorródromo não ser um lugar para o fim que foi designado, muitas atividades são realizadas no local, mostrando que os usuários também se apropriam de lugares nas quais seus fins não foram bem-sucedidos (Tabela 5).

Tabela 5 - Sócio-físico

FÍSICO ATIVIDADES SOCIAIS	Sócio-físico										
	Quiosques	Pista de Skate	Centro da Praça	Escadaria Teatro	Parque Infantil	Guarda civil	Centro Guarda Civil	Escadaria Skate	Centro Cachorróromo	Igreja	Escadaria Guarda Civil
Andar de Skate	IC	C	C	IC	IC	IC	C	C	C	IC	C
Práticas esportivas	IC	C	C	IC	IC	IC	C	IC	C	IC	IC
Cultos	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	C	IC
Passeio	IC	IC	C	IC	IC	IC	C	IC	C	C	IC
Caminhada	IC	IC	C	IC	IC	C	C	IC	C	IC	IC
Ouvir Música	C	C	C	C	IC	IC	C	C	C	IC	C
Vender Drogas	IC	IC	IC	C	C	IC	IC	C	C	IC	IC
Roubo	IC	IC	C	C	C	IC	C	C	C	IC	C
Usar Drogas	IC	IC	C	C	C	IC	C	C	C	IC	C
Paquerar	C	IC	C	C	IC	IC	C	C	C	IC	C
Beber/Comer	C	IC	C	C	IC	IC	C	C	C	IC	C
Socializar	C	IC	C	C	IC	IC	C	C	C	IC	C
Segurança / Proteção	C	C	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C
Vender Produtos	C	IC	C	C	IC	IC	C	C	C	IC	C
Evangelhismo	IC	IC	C	C	IC	IC	C	C	C	IC	C
Terapia	C	IC	C	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC

Congruencias: C = Congruencia IC = Incongruencia

Fonte: Próprio Autor (2018)

5.3.3 Matriz socio-simbólica

Na matriz socio-simbólica são relacionados os reconhecimentos ou os não reconhecimentos entre os grupos sociais. Os resultados da matriz destacam que os religiosos e os moradores de rua são os grupos que menos se relacionam com os demais, isso devido ao isolamento social dos religiosos e ao isolamento social dos moradores de rua com os demais grupos. Os demais possuem reconhecimentos bem regulares entre si (Tabela 6).

Tabela 6 - Sócio-simbólico

Sócio-simbólico													
GRUPOS	Skatistas	Religiosos	Dono de pets	Vendedor de Drogas	Morador de rua	Usuário de drogas	Teatro	Jovens "Tribos"	Vendedores Ambulantes	Esportistas	Pacientes de Terapia	Amigos Grupos	Moradores do Per. da Praça
Skatistas	-	NR	NR	R	NR	R	NR	R	R	R	NR	NR	NR
Religiosos	NR	-	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	R	R
Dono de pets	NR	NR	-	NR	NR	NR	NR	NR	NR	R	R	R	R
Vendedor de Drogas	R	NR	NR	-	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR
Morador de rua	NR	NR	NR	R	-	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Usuário de drogas	R	NR	NR	R	R	-	R	R	NR	NR	NR	NR	NR
Teatro	NR	NR	NR	R	NR	R	-	R	R	NR	R	R	NR
Jovens "Tribos"	R	NR	NR	R	NR	R	R	-	R	NR	NR	R	NR
Vendedores Ambulantes	R	NR	NR	NR	NR	NR	R	R	-	R	R	R	R
Esportistas	R	NR	R	NR	NR	NR	NR	NR	R	-	NR	R	R
Pacientes de Terapia	NR	NR	R	NR	NR	NR	NR	NR	R	NR	-	R	R
Amigos Grupos	NR	R	R	NR	NR	NR	R	R	R	R	R	-	R
Moradores do Per. da Praça	NR	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	R	R	R	R	-

Correspondência: R = Reconhece o Grupo NR = Não Reconhece o Grupo

Fonte: Próprio Autor (2018)

5.4 Mapa heurístico

Com as matrizes são elaborados os mapas heurísticos da topofília e topofobia.

5.4.1 Mapa heurístico para topofolia

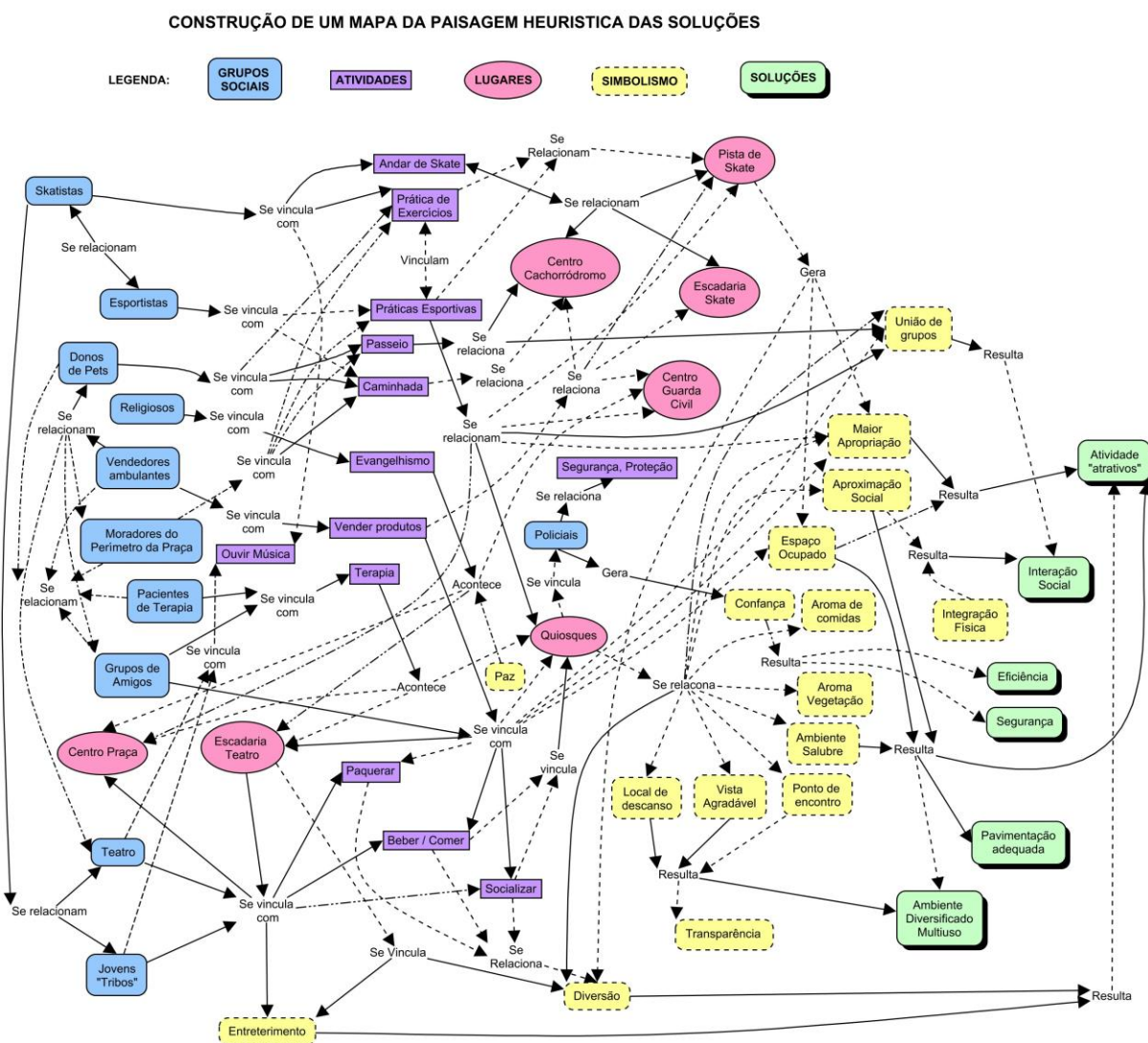
O mapa heurístico da paisagem cultural da Praça Roosevelt tem por finalidade investigar as relações, vínculos, resultados entre os grupos sociais, atividades, lugares, simbolismos e as soluções geradas; no caso, soluções topofílicas.

É possível verificar as relações entre os grupos sociais como: Skatistas com os esportistas, que no caso são grupos semelhantes. Também é notável a relação que o grupo dos vendedores ambulantes se relacionam com diversos grupos, devido o interesse comercial.

O Quiosque é o lugar mais topofílico da Praça Roosevelt, no mesmo ocorrem os diversos encontros dos grupos sociais como os Donos de Pets, Moradores ao redor da Praça, Encontro de amigos, Esportistas. O lugar do Quiosque é convidativo a estes grupos sociais, pois está no centro da Praça, oferece alimentação de boa qualidade, boa visibilidade ao seu redor, mesas e cadeiras para os usuários dos quiosques de serviços alimentícios. O lugar é um dos poucos que oferece sombreamento através dos pergolados, gerando local de permanência, conversas, descanso,

O mapa heurístico da topofilia mostra as relações maneira estruturada (todas as relações entre seus ambientes). As soluções encontradas foram: Múltiplas atividades como atrativos: não por ter diversas infraestruturas e sim uma maior apropriação dos usuários, como por exemplo, os esportistas usarem o centro para andar de patins, bicicleta, entre outros; Integração social: a Praça Roosevelt tem esta característica reconhecida, ela reuni diversos grupos sociais de diferentes estilos e gostos. eficiência na segurança: grande parte dos usuários se sentem seguros com a guarda municipal a sua volta. Pavimentação adequada (acessível): de fato, a Praça tem, na sua maioria, pavimentação adequada, com rampas acessíveis e piso tátil e Ambientes diversificados e multiusos: muito semelhante com a primeira solução, devido a referência dos teatros e restaurantes ao redor da Praça, muitos jovens se reúnem para conversar, paquerar, beber, comer, se divertirem como entretenimentos. (Figura 50).

Figura 50 - Mapa heurístico topofilico.



Fonte: Próprio autor 2018

5.4.2 Mapa heurístico da topofobia

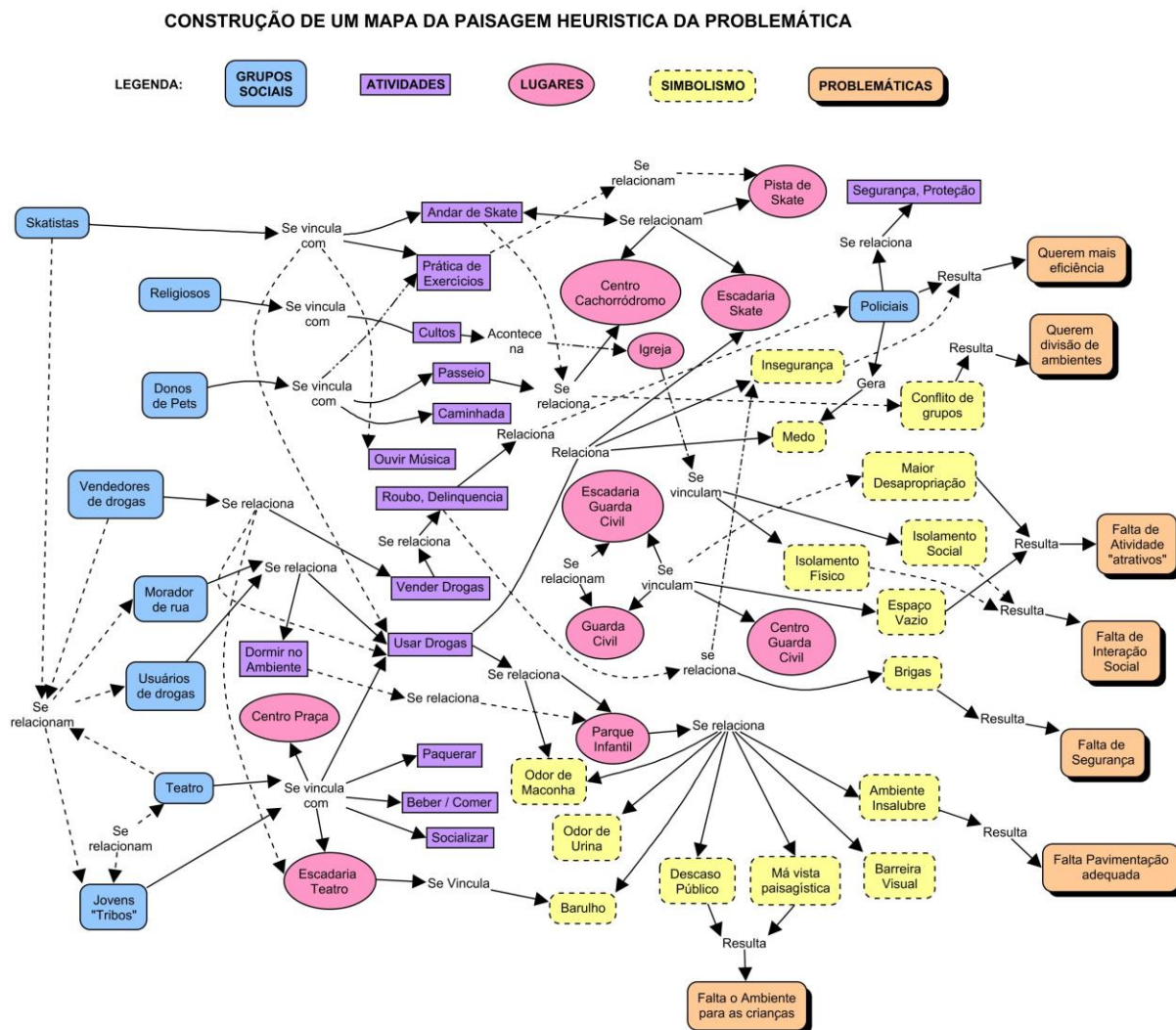
Com as matrizes elaboradas, a próxima etapa é elaborar o mapa heurístico topofóbico, a fim de investigar as relações, vínculos e resultados entre os grupos sociais; atividades, lugares, simbolismos e as soluções geradas, no caso, Problemáticas topofóbicas. (Figura 51).

Percebe-se que neste mapa não existem muitas relações entre os grupos sociais, o que é mais evidente é com o grupo dos religiosos, que não interagem com os demais grupos de usuários.

O lugar mais topofóbico é a Parque infantil, pois se encontra isolado da Praça, tanto espacialmente quanto o seu nível de altura, sua configuração é desprivilegiada, fica ao lado de um viaduto com trânsito e barulho constante, a falta de pavimentação adequada fez com que o parque infantil ficasse totalmente inutilizável para a sua finalidade, dando brecha para a apropriação inadequada como por exemplo, local de uso de drogas e bebidas, o que torna o lugar totalmente inseguro. Pode-se perceber que são fatores interdependentes que geram um local topofóbico quanto topofílico.

O mapa heurístico evidencia, de maneira estruturada, todas as relações de seus ambientes. Como o mapa é relativo à topofobia dos lugares na Praça, as problemáticas encontradas foram: usuários buscando mais eficiência da polícia; alguns usuários apontaram a falta de eficiência da polícia, mesmo ela estando presente, resultando na falta de segurança. Divisão dos espaços; no caso entre os moradores do perímetro da Praça com os skatistas, os mesmos não se relacionam e criticam um ao outro pelo uso inapropriado dos espaços. Alguns lugares com Falta de atrativos e atividades; apesar do uso frequente dos usuários, os mesmos sentem a falta de mais infraestruturas, como por exemplo, elementos esportivos. Falta de integração social por parte da igreja; a igreja está totalmente isolada da Praça por vegetação e gradis, a mesma da as costas para a Praça literalmente e Ausência de pavimentação no parque infantil; no princípio o que era grama, atualmente, devido a falta de manutenção, está em terra crua, trazendo a falta de um lugar apropriado e salubre para crianças.

Figura 51 - Mapa heurístico topofóbico.



Fonte: Próprio autor 2018

5.5 Sinergia

As relações sinérgicas ocorrem por meio da afinidade entre os elementos dos ambientes físicos, sociais e simbólicos. As sinergias são elaboradas para topofilia e topofobia.

5.5.1 Sinergia topofísica

As sinergias topofílicas são as associações de dois ou três elementos entre os ambientes físicos, sociais ou simbólicos nos lugares da Praça Roosevelt.

Cada relação sinérgica tem uma porcentagem de possibilidade de interferência na percepção topofílica dos usuários, podendo ser: a sinergia tripla (66,6% - 100%), sinergia dupla (33,3% - 66,6%) e uma sinergia (0% - 33,3%). A presente pesquisa pretende focar e aprofundar a atenção nas sinergias triplas, pois são elas que revelam o código genético do lugar analisado, baseado nos ambientes físico, social e simbólico.

Os lugares com sinergia tripla são: quiosques, centro da Praça, centro do guarda civil, pista de Skate, escadaria Skate e escadaria do Teatro. (Tabela 7); os quais serão explicados segundo as relações dos ambientes físicos, sociais e simbólicos na sequência, no item 6.6.1.

Tabela 7 - Sinergias Topofílicas

TABELA DE SINERGIAS TOPOFÍLICAS										
LUGARES										
Guarda Civil	Escadaria (Guar. Civil)	Centro (Guarda Civil)	Centro Praça	Escadaria (Teatro)	Cento Cachorródromo	Quiosque	Igreja	Parque Infantil	Pista Skate	Escadaria Skate
										Sinergia Única - 0% - 33,3%
										Sinergia dupla - 33,3% - 66,6%
										Sinergia tripla - 66,6% - 100%
										Elementos Físicos
										Bancos
										Bancos e Mesas
										Pergolados
										Quiosques
										Veg. (Grama)
										Veg. (Árvores)
										Lixeiras
										Postes de Ilumin.
										Pisos Calçadas
										Pisos Internos
										Escada
										Corrimão
										Pista Skate
										Telefone Público
										Guarda Corpo
										Sanitários
										Rampa
										Sinalizadores
										Bebedouros
										Fachadas (Edif.)
										Elementos Sociais
										Permanência
										Socialização
										Prática Esportiva
										Passeio PETS
										Caminhada
										Andar de Skate
										Ouvir Música
										Paquerar
										Uso institucional
										Beber / Comer
										Evangelismo
										Vender Produtos
										Terapia
										Leitura
										Elementos Simbólicos
										Ambiente Salubre
										Maior Apropriação
										Entretenimento
										Sombreamento
										Descanso
										Diversão
										Transparência
										Segurança
										Paisagem
										Acessibilidade
										Aroma Agradável
										Aroma de Veg.
										Paz
										União de grupos

Fonte: Próprio Autor (2018)

5.5.2 Sinergia topofóbica

As sinergias topofóbicas são associações de dois ou três elementos entre os ambientes físicos, sociais ou simbólicos dos lugares topofóbico da Praça Roosevelt.

Cada relação sinérgica tem uma porcentagem de possibilidade de interferência na percepção topofóbica dos usuários, podendo ser: a sinergia tripla (66,6% - 100%), sinergia dupla (33,3% - 66,6%) e uma sinergia (0% - 33,3%). Esta pesquisa pretende focar e aprofundar a atenção nas sinergias triplas, pois são elas que revelam o código genético do lugar analisado, baseado nos ambientes físico, social e simbólico.

Os lugares com sinergia tripla são: Parque Infantil, Centro da Praça, Centro do guarda civil, Pista de Skate, Escadaria Skate e Escadaria do Teatro (Tabela 8); os quais serão explicados segundo as relações dos ambientes físicos, sociais e simbólicos na sequência, no item 6.6.2.

Tabela 8 - Sinergias Topofóbicas

LUGARES										TABELA DE SINERGIAS TOPOFÓBICAS			
Guarda Civil	Escadaria (Guard. Civil)	Centro (Guarda Civil)	Centro Praça	Escadaria (Teatro)	Centro Cachorródromo	Quiosque	Igreja	Parque Infantil	Pista Skate	Escadaria Skate	Sinergia - 0% - 33,3%	Sinergia dupla - 33,3% - 66,6%	Sinergia tripla - 66,6% - 100%

5.6 Elementos dos ambientes físico, social e simbólicos dos lugares da Praça Roosevelt que influenciam na percepção

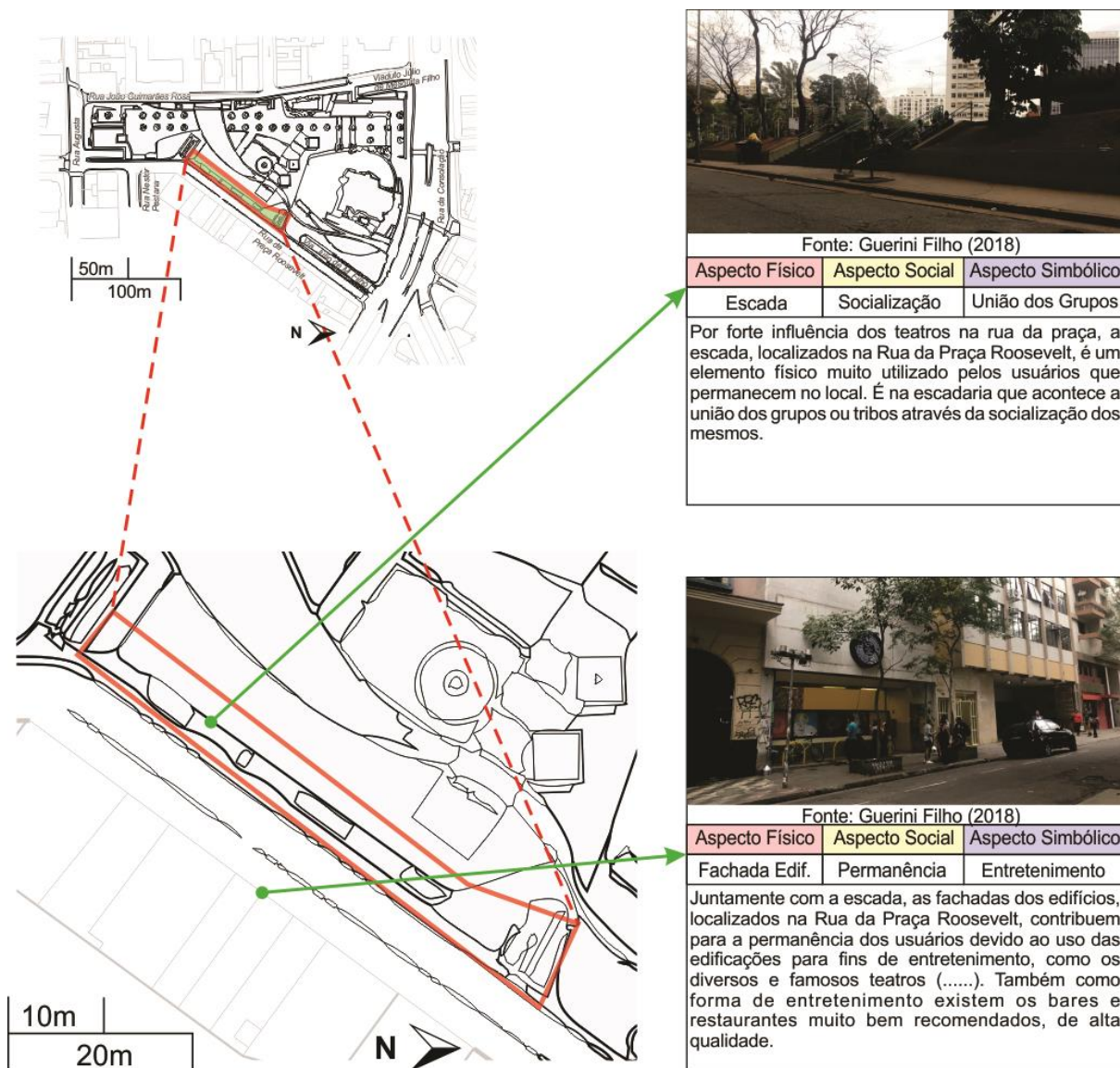
Analisando as sinergias, as matrizes e os mapas heurísticos, pode-se identificar quais elementos dos ambientes físico, social e simbólico (sinergia tripla) da paisagem cultural da Praça em centros históricos interferem na percepção toposfílica e toposfóbica dos usuários.

5.6.1 Elementos dos ambientes físico, social e simbólicos dos lugares da Praça Roosevelt que influenciam na percepção toposfílica

Os lugares com sinergia tripla são: **Quiosques, Centro da Praça, Centro do guarda civil, Pista de Skate, Escadaria Skate e Escadaria do Teatro**. Cada lugar será analisado individualmente, apontando-se sua localização, os elementos dos ambientes físico, social e simbólico, as relações socio-físico, físico-simbólico, socio-simbólico e os locais de cada sinergia tripla.

5.6.1.1 Escadaria do Teatro

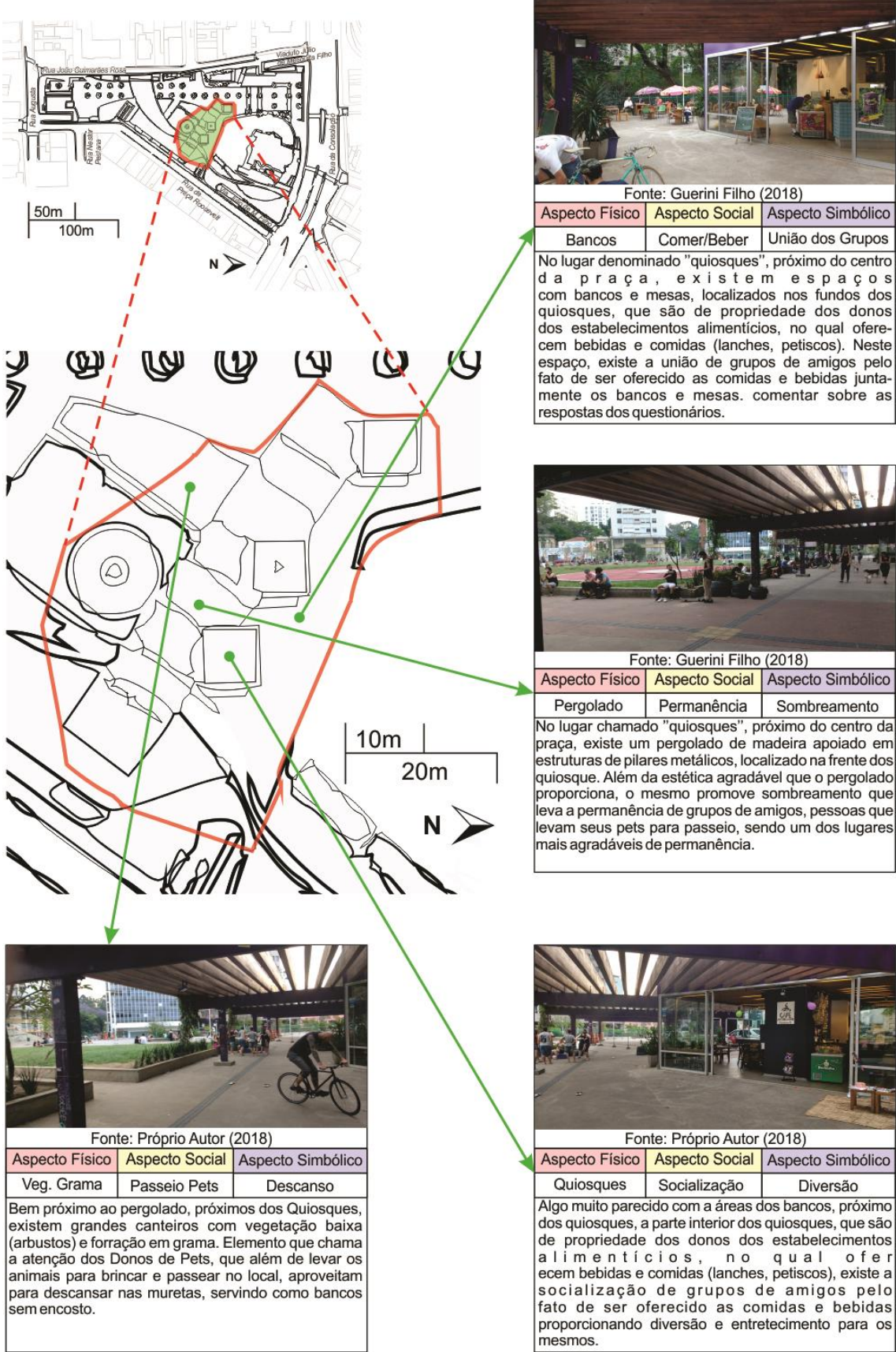
Figura 52 - Lugar Escadaria dos Teatros - Topofilia



Fonte: autor 2018

5.6.1.2 Quiosque

Figura 53 - Lugar dos Quiosques - Topofilia



Fonte: autor 2018

5.6.1.3 Centro da Praça

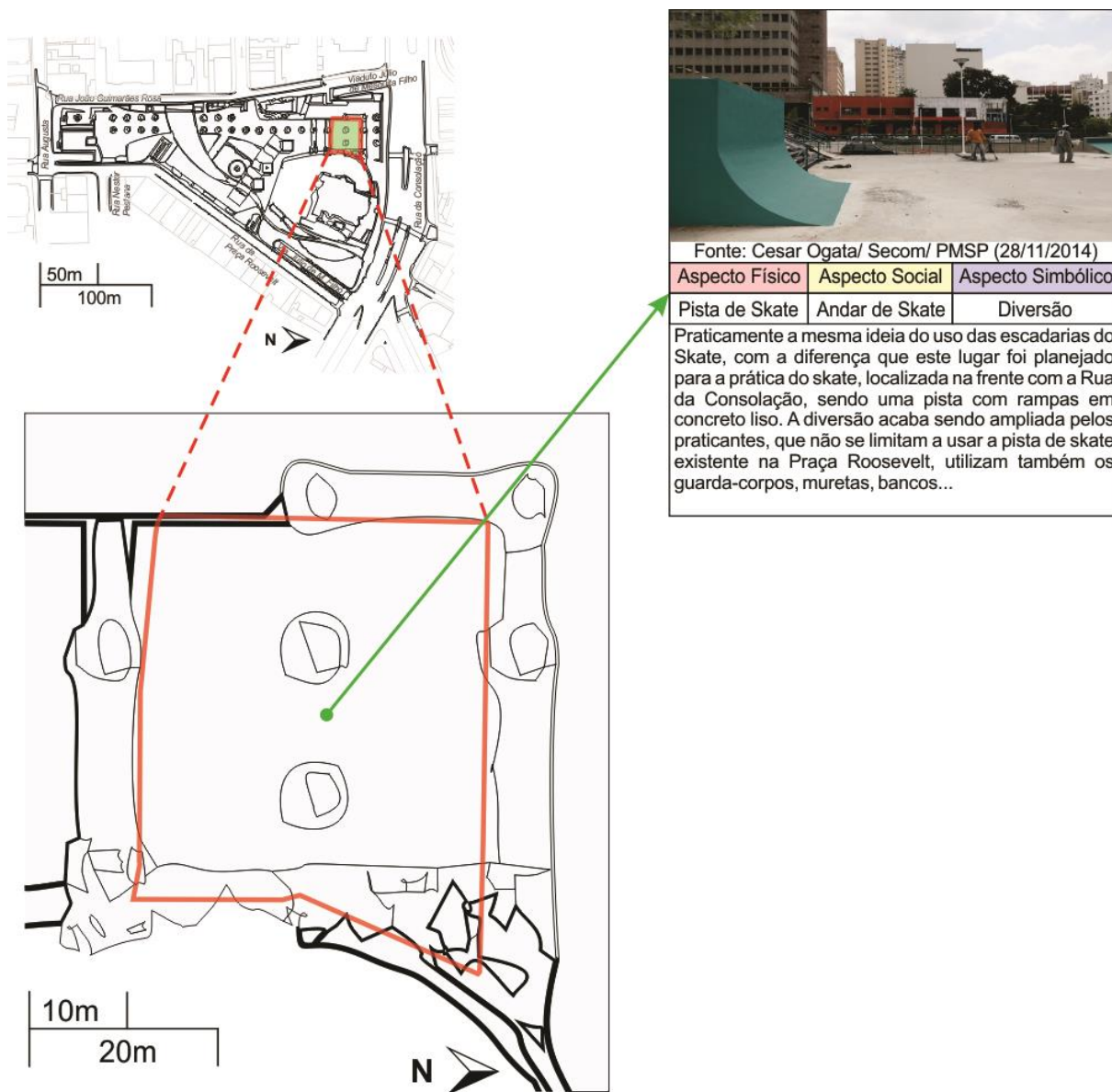
Figura 54 - Lugar Centro da Praça - Topofilia



Fonte: autor 2018

5.6.1.4 Pista de Skate

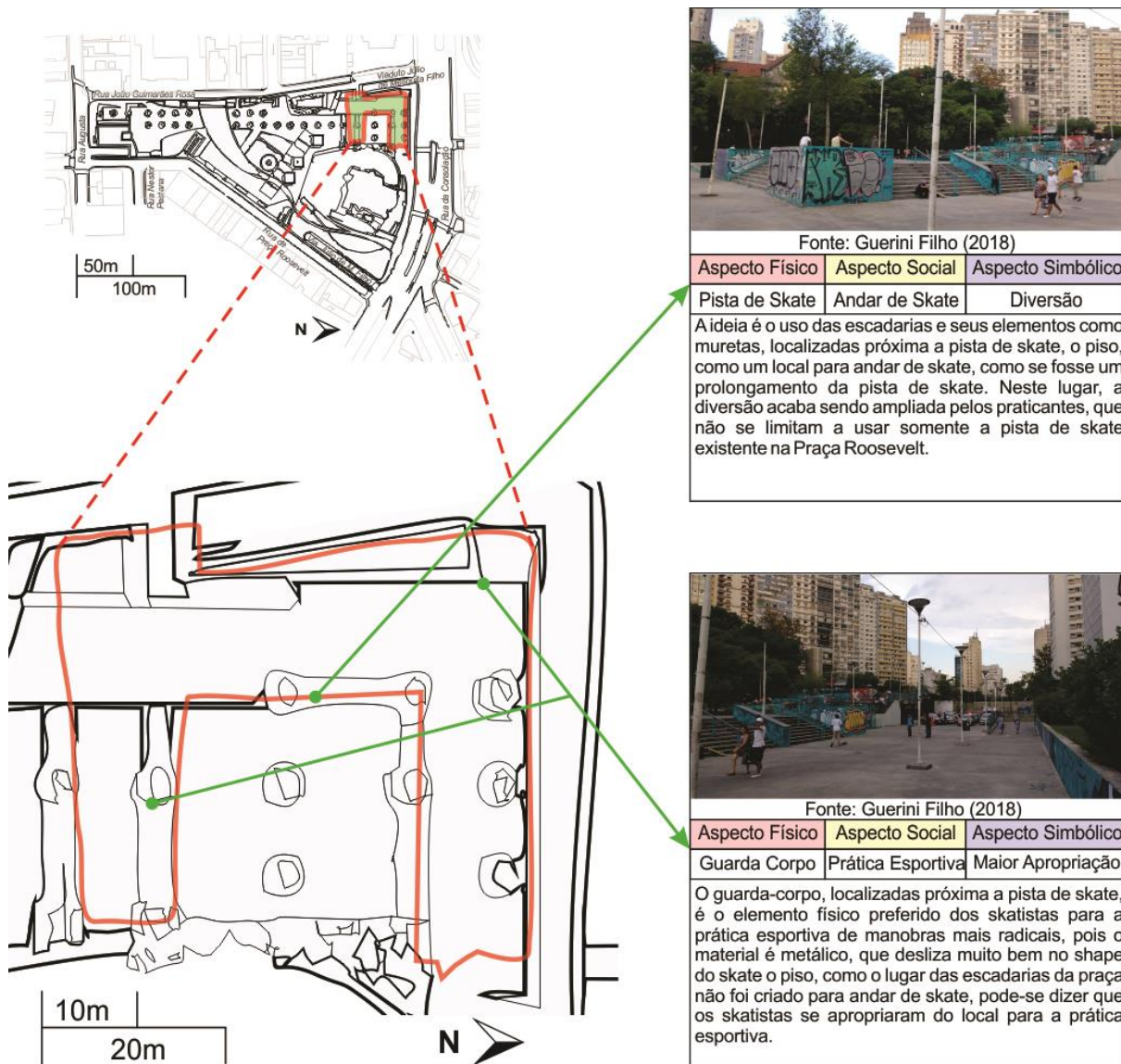
Figura 55 - Lugar Pista de Skate - Topofilia



Fonte: autor 2018

5.6.1.5 Escadaria Skate

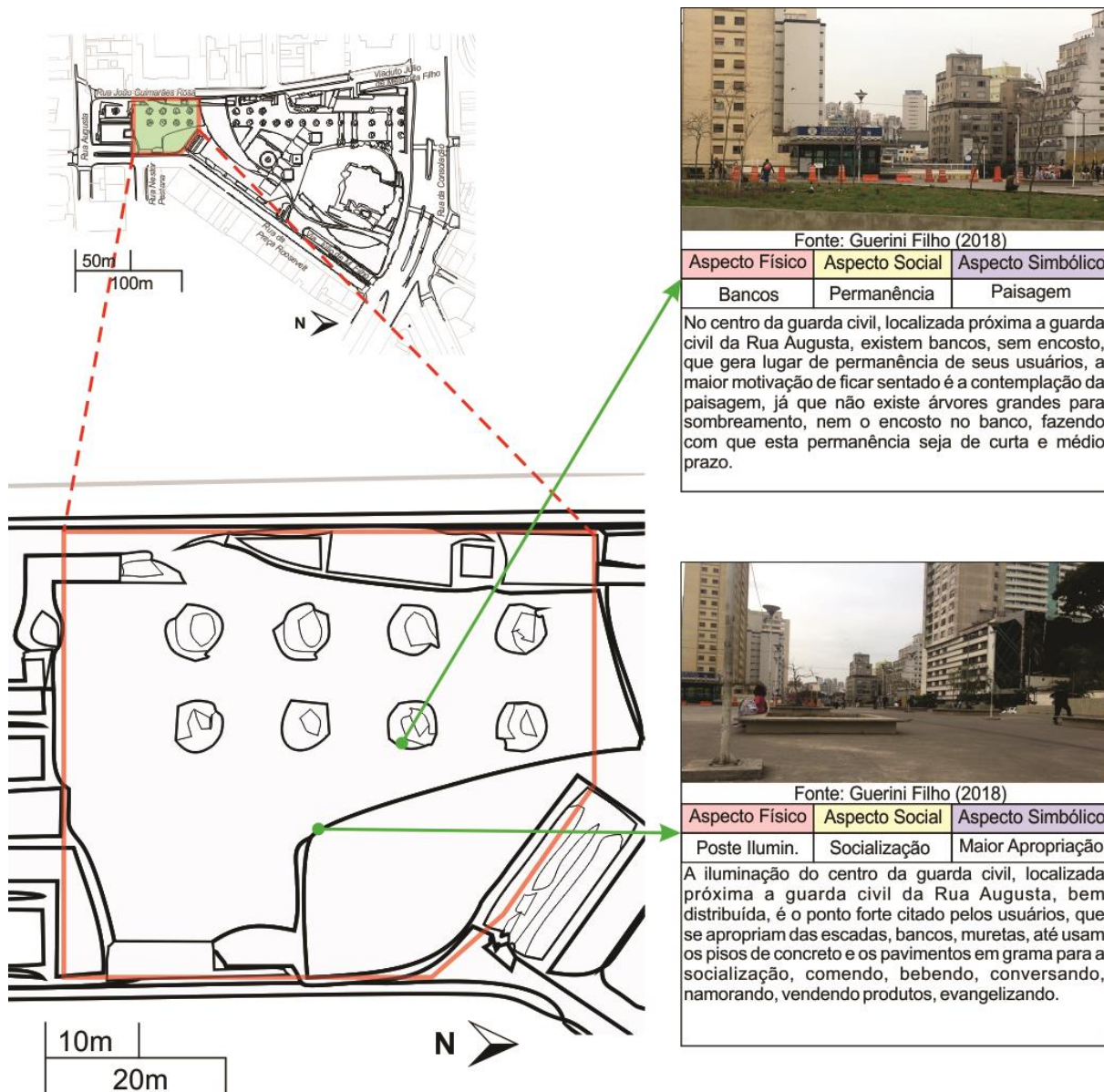
Figura 56 - Escadaria Skate - Topofilia



Fonte: autor 2018

5.6.1.6 Centro da Guarda Civil

Figura 57 - Centro da Guarda Civil - Topofilia



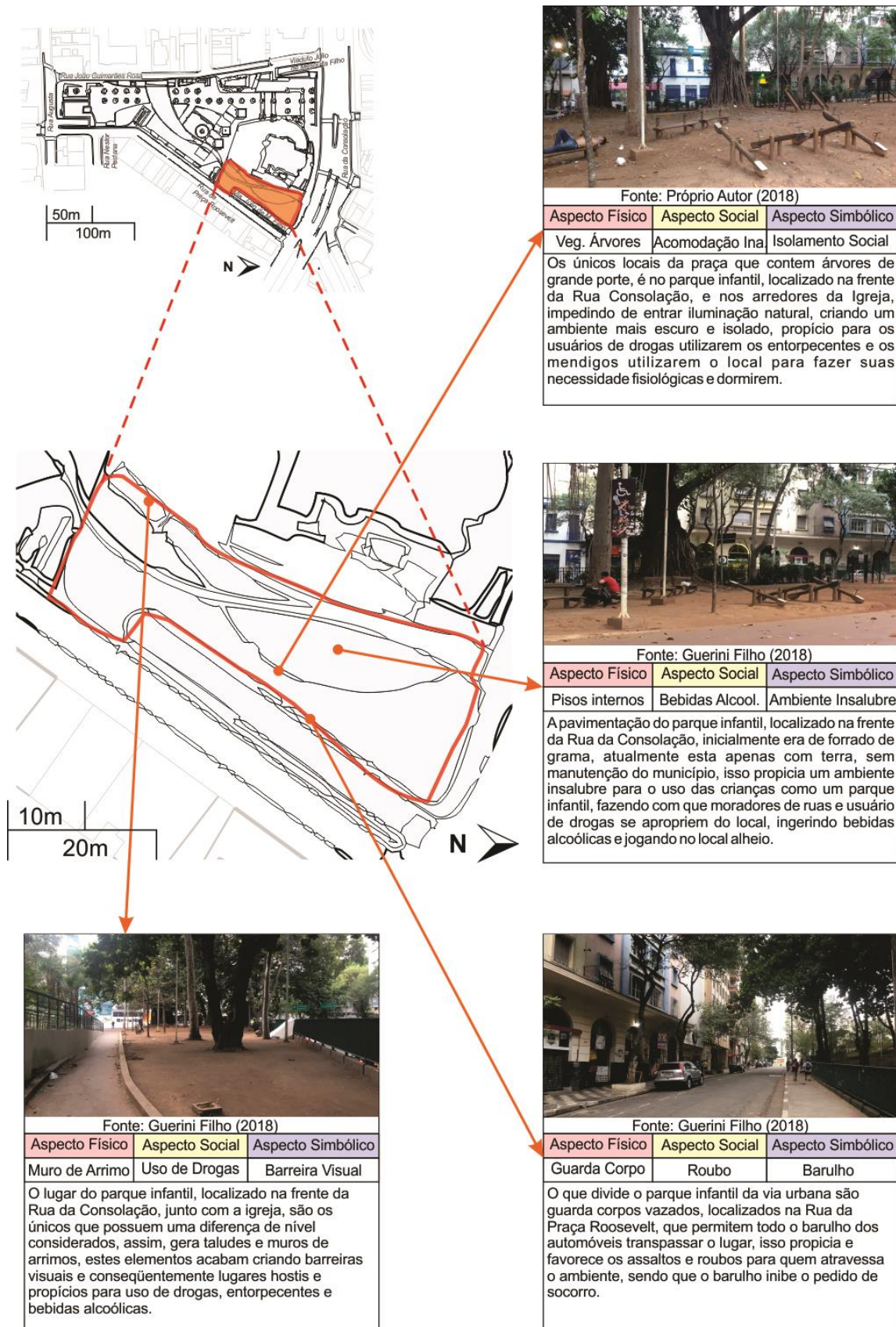
Fonte: autor 2018

5.6.2 Elementos dos ambientes físico, social e simbólicos dos lugares da Praça Roosevelt que influenciam na percepção topofóbica

Os lugares com sinergia tripla são: **Parque infantil, Centro da Praça, Centro do guarda civil, Pista de Skate, Escadaria Skate e Escadaria do Teatro**. Cada lugar será analisado individualmente, apontando-se sua localização, os elementos dos ambientes físico, social e simbólico, as relações socio-físico, físico-simbólico, socio-simbólico e os locais de cada sinergia tripla.

5.6.2.1 Parque infantil

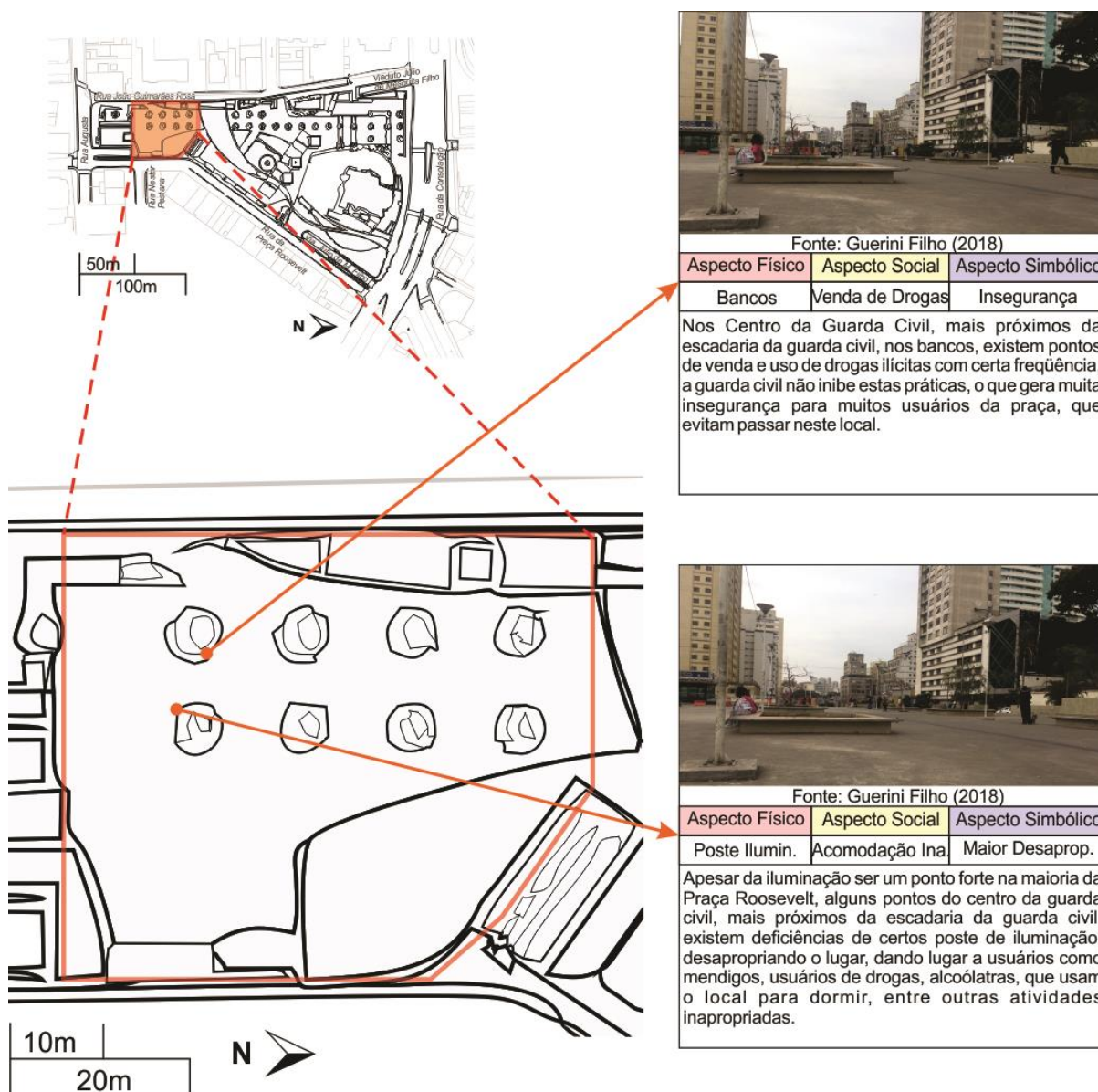
Figura 58 - Lugar Parque infantil - Topofobia



Fonte: autor 2018

5.6.2.2 Centro da Guarda Civil

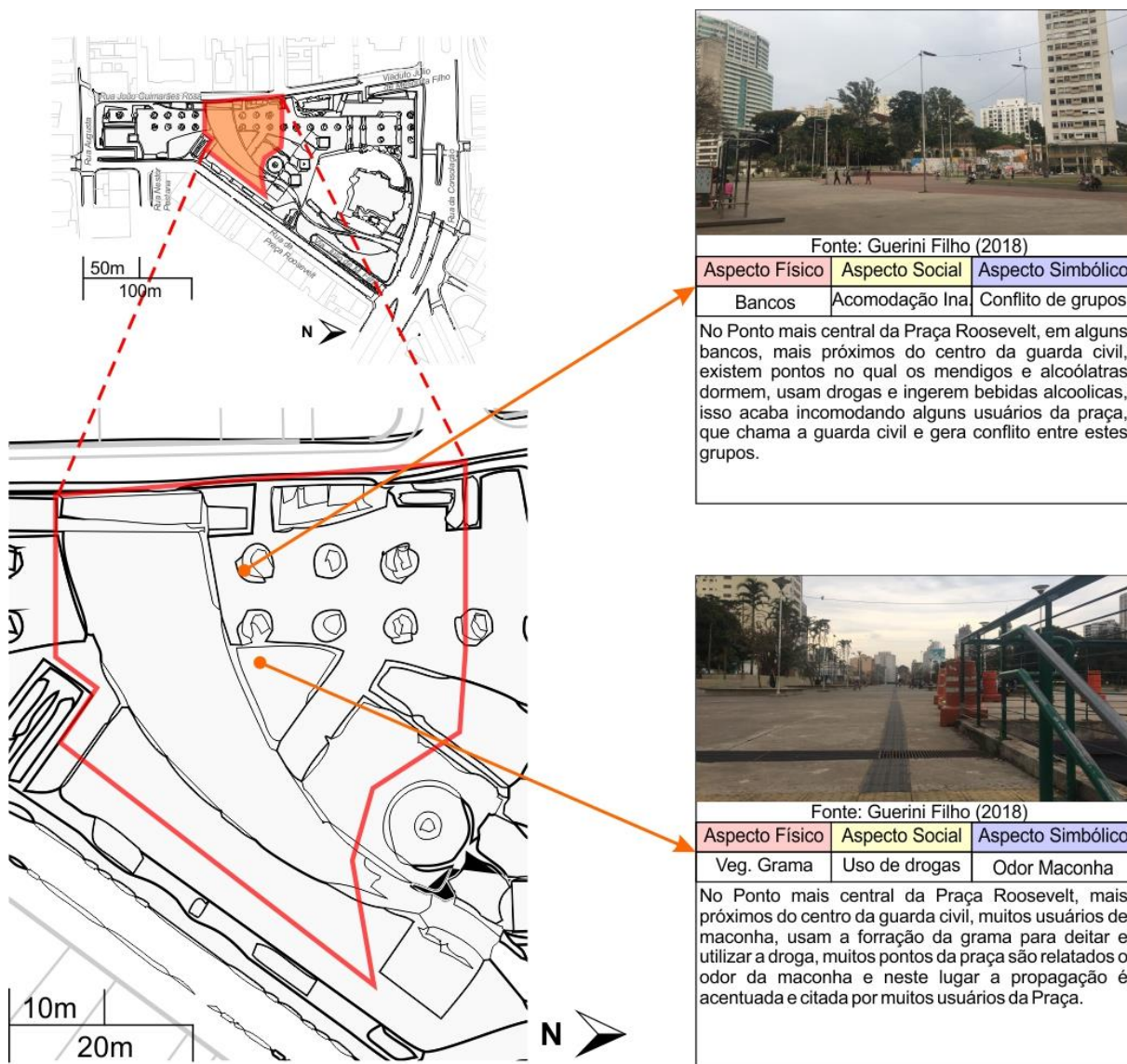
Figura 59 - Lugar Centro da Guarda-Civil - Topofobia



Fonte: autor 2018

5.6.2.3 Centro da Praça

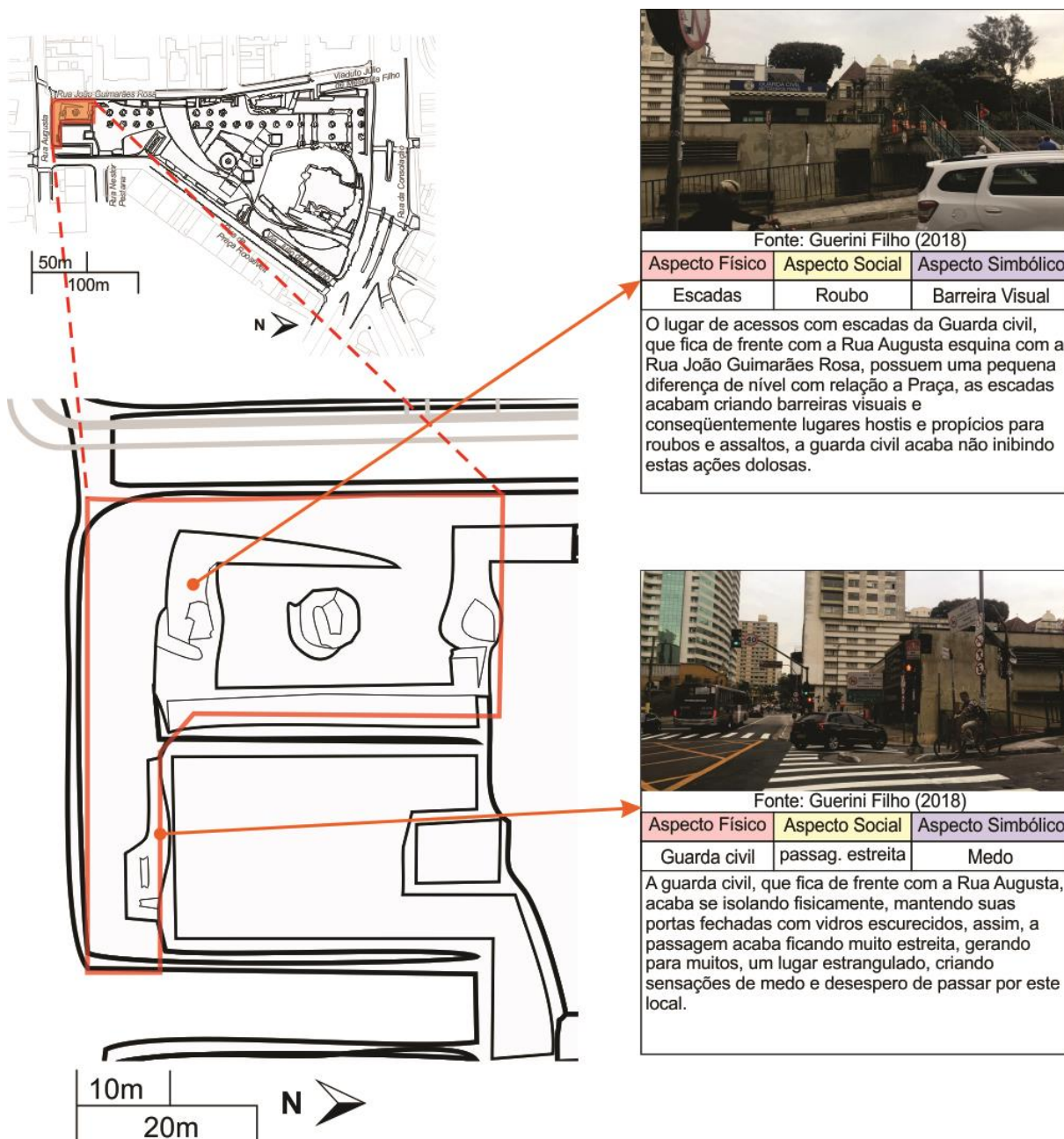
Figura 60 - Lugar Centro da Praça - Topofobia



Fonte: autor 2018

5.6.2.4 Escadaria da Guarda Civil

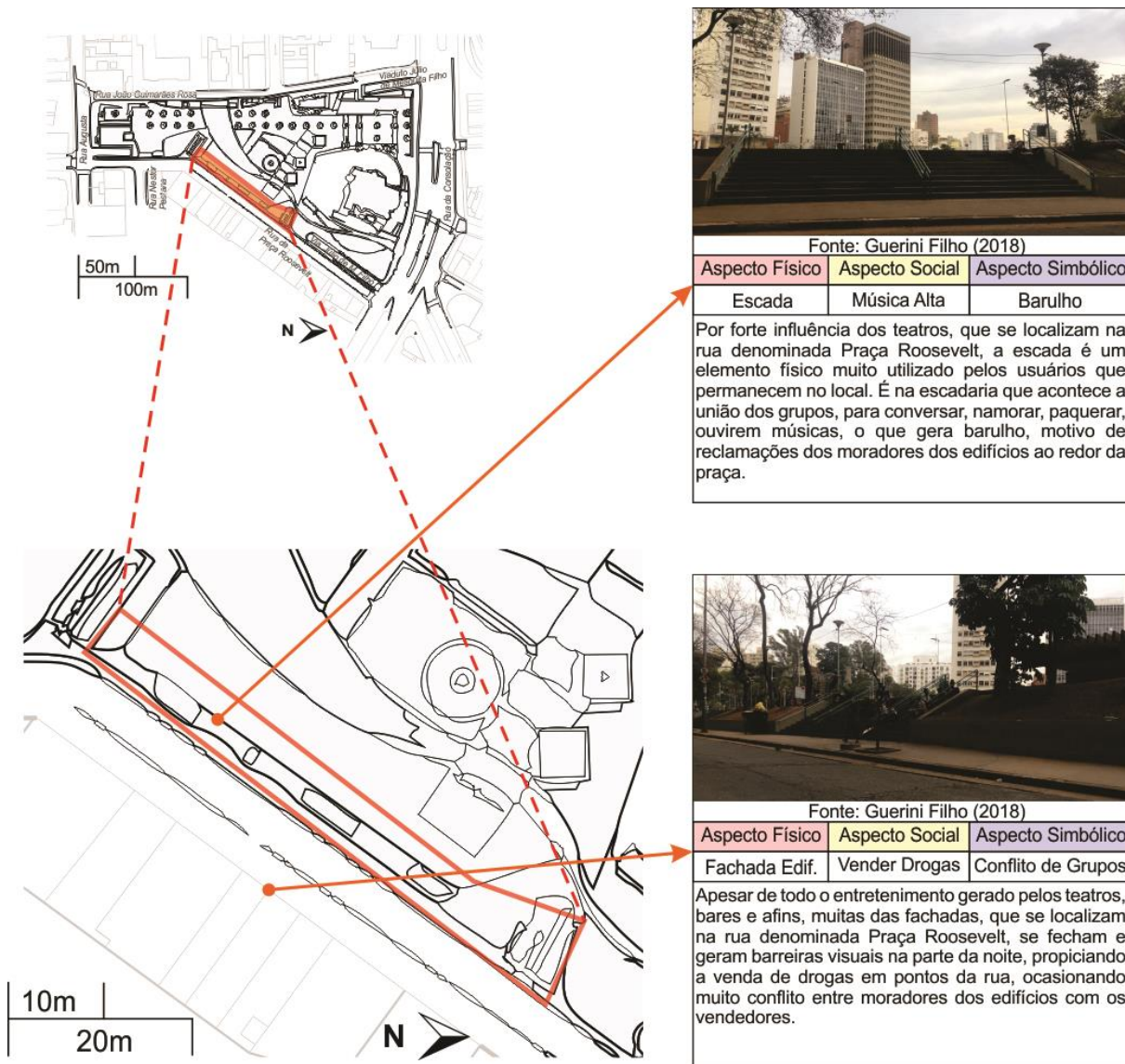
Figura 61 - Lugar Escadaria da Guarda-Civil - Topofobia



Fonte: autor 2018

5.6.2.5 Escadaria dos Teatros

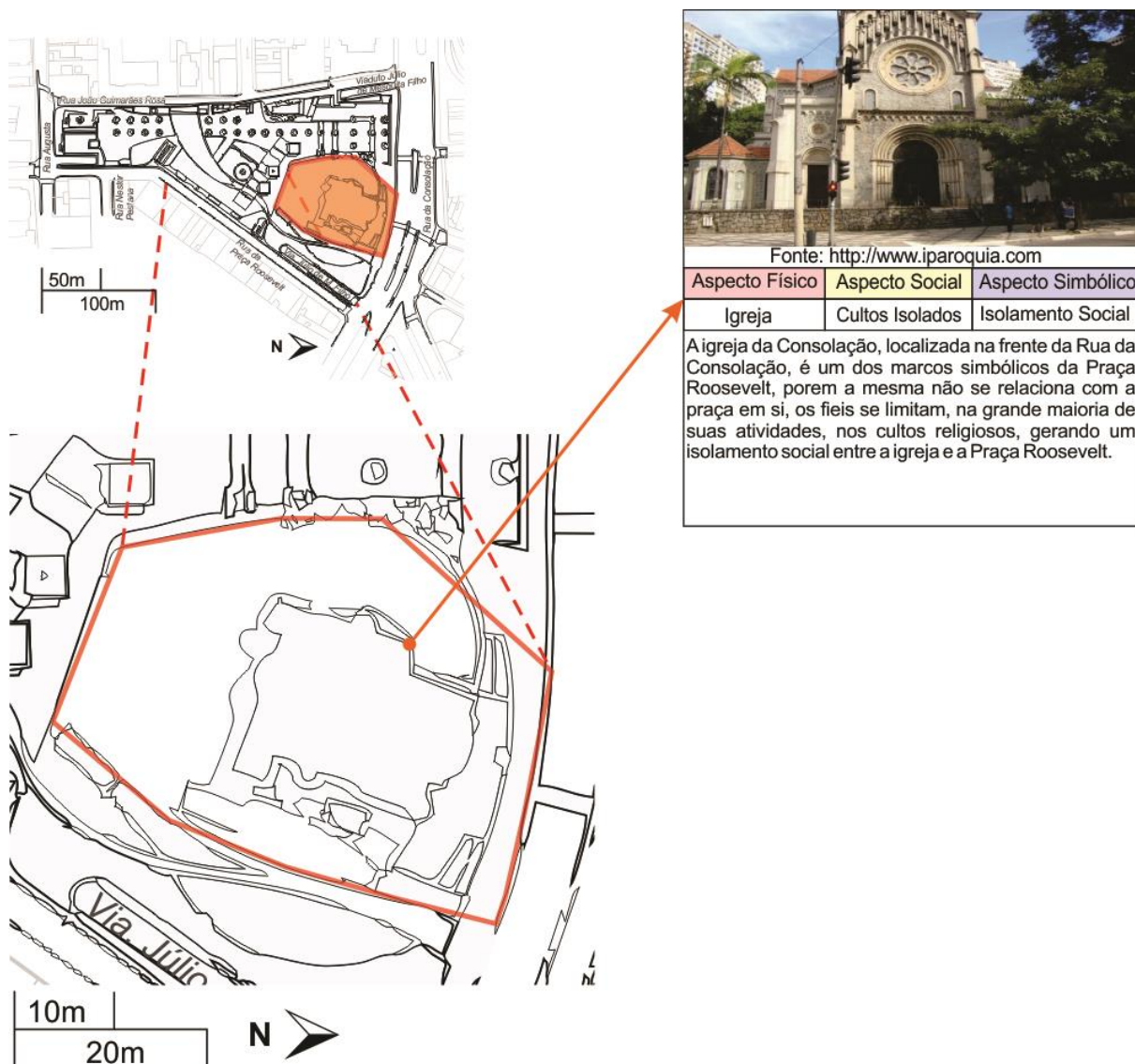
Figura 62 - Lugar Escadaria dos Teatros - Topofobia



Fonte: autor 2018

5.2.2.6 Igreja da Consolação

Figura 63 - Igreja da Consolação - Topofobia



Fonte: autor 2018

5.7 Relação dos ambientes físico, social e simbólico dos quatro cronotopos, da gênese, 1967, degradação e atual Praça Roosevelt

Importa conhecer quais ambientes físicos, sociais e simbólicos se mantiveram-se ou mudaram ao longo das intervenções realizadas na Praça Roosevelt; isso pode levar a descobrir a força motora do lugar, ou seja, sua inteligibilidade. Tabela 9.

Tabela 9 - Relação dos ambientes Físicos, Sociais e Simbólicos com os Quatro Cronotópos da Praça Franklin Roosevelt.

Cronotopo	Gêneses da Praça Roosevelt (Décadas 50 e 60)	Praça Roosevelt (1967)	Degradação da Praça Roosevelt	Requalificação da Praça Roosevelt (2012)
Imagem				
Fontes	Revista Acrópole, n. 379, 1970.	revista Acrópole, n.380, 1970	Raphael Falavigna, site terra.com.br	Prefeitura de São Paulo
GRUPOS SOCIAIS				
Skatistas	Ausência	Ausência	Presença	Presença
Religiosos	Presença	Presença	Presença	Presença
Dono de pets	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Vem. de Drogas	Ausência	Presença	Presença	Presença
Morador de rua	Ausência	Presença	Presença	Presença
Uso. de drogas	Ausência	Presença	Presença	Presença
Teatro	Ausência	Presença	Presença	Presença
Jovens "Tribos"	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Vend. Ambulante.	Presença	Presença	Presença	Presença
Esportistas	Ausência	Presença	Presença	Presença
Pac. de Terapia	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Amigos Grupos	Ausência	Presença	Ausência	Presença
Moradores. do Per. da Praça	Presença	Presença	Presença	Presença
ATIVIDADES REALIZADAS				
Andar de Skate	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Práticas esport.	Ausência	Presença	Ausência	Presença
Cultos	Presença	Presença	Presença	Presença
Passeio	Ausência	Presença	Ausência	Presença
Caminhada	Ausência	Presença	Ausência	Presença

Ouvir Música	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Vender Drogas	Ausência	Presença	Presença	Presença
Roubo	Ausência	Presença	Presença	Presença
Usar Drogas	Ausência	Presença	Presença	Presença
Paquerar	Ausência	Presença	Ausência	Presença
Beber/Comer	Presença	Presença	Presença	Presença
Socializar	Presença	Presença	Ausência	Presença
Seg. / Proteção	Ausência	Ausência	Ausência	Ausência
Vender Produtos	Presença	Presença	Presença	Presença
Evangelismo	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Terapia	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
AMBIENTES FÍSICOS				
Quiosques	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Centro da Praça	Ausência	Presença	Presença	Presença
Pista de Skate	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Guarda Civil	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Escadaria (G. C.)	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Centro (Gua. C.)	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Esc. (Teatro)	Ausência	Presença	Presença	Presença
Centro Cachorr.	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Igreja	Presença	Presença	Presença	Presença
Parque Infantil	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Escadaria Skate	Ausência	Ausência	Ausência	Presença
Estacionamento	Presença	Presença	Presença	Presença

Fonte: Próprio Autor (2018)

Analisando-se a tabela acima, dos quatro cronotopos citados, os ambientes físico, social e simbólico que tiveram presença em todos os cronotopos são a presença dos religiosos, dos vendedores ambulantes e dos moradores ao redor da Praça. As atividades realizadas são: os cultos religiosos, comer/beber e a venda de produtos. No ambiente físico estão a igreja e o estacionamento.

Desde a gênese do local da Praça, os elementos que sempre estiveram presentes e identificam sua vocação tratam-se da **igreja**, como marco simbólico já existente antes da Praça ser construída, mantendo até os dias de hoje as atividades religiosas e a união dos grupos de membros ou fieis, muitos dos quais são

moradores dos arredores do local da Praça Roosevelt e do **estacionamento**, como necessidade no ápice do uso do automóvel e na criação de viadutos, minhocões na cidade de São Paulo em 1970. Apesar de estar em desuso atualmente, seu ambiente físico mantém-se, porém, necessita ser reativado, sendo isso um pedido dos usuários, baseado nos questionários aplicados. Mesmo **os quiosques** não sendo presentes em todos o cronotopos, a sua ideia de barraca de feira se faz atualizada as atividades de venda de produtos diversos, tais como comidas e bebidas, assim como os vendedores ambulantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre os espaços públicos, no caso as Praças, buscando entender os seus lugares, através dos ambientes físicos, sociais e simbólicos, as relações socio-físicas, físico-simbólicas, socio-simbólicas, suas sinergias, foi de fato uma experiência muito produtiva, que trouxe uma bagagem de experiência pessoal tremenda. Entender como funciona o organismo vivo de uma Praça é uma tarefa complexa, e o método do urbanismo dialógico foi essencial para entender, analisar e atingir aos objetivos da pesquisa; saber quais são os elementos físicos, sociais e simbólicos que interferem na percepção topofílica e topofóbica da paisagem cultural da Praça Franklin Roosevelt.

Primeiramente foram respondidos os objetivos específicos da pesquisa, tais como: saber quais são os lugares e quais os graus de topofilia e topofobia na Praça Roosevelt. As respostas foram geradas através de questionários aplicados in loco, sendo que foi através das respostas que foram delimitados os lugares e seus graus de topofilia e topofobia. Os usuários relataram que o lugar mais topofílico da Praça está na região dos **Quiosques** (42%), e, a seguir: **Centro da Praça** (25%), **Escadaria dos Teatros** (18%), **Centro Cachorródromo** (8%), **Pista de Skate** (5%) e a **Escadaria do Skate** (2%). Já o lugar mais topofóbico relatado pelos usuários foi o **Parque infantil** (50%), e, a seguir: **Escadaria da guarda civil** (28%), **Centro da Guarda Civil** (10%), **Escadaria dos Teatros** (7%), **Centro da Praça** (5%) **Igreja** (2%). Constatou-se que os usuários tiveram mais facilidade em apontar lugares topofílicos e mais dificuldade de marcar lugares topofóbicos; isso porque as pessoas conhecem melhor os lugares que possuem mais afinidade; “transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (Tuan, 1983, pag.6).

No cronotopo atual, onde foi feita a requalificação da Praça Roosevelt, através das análises dos elementos dos ambientes físicos, sociais e simbólicos, das relações socio-físico, físico-simbólico e socio-simbólico e das sinergias, foi sendo possível identificar quais elementos dos ambientes físico, social e simbólico interferem na percepção topofílica e topofóbica da paisagem cultural da Praça Franklin Roosevelt.

O lugar topofílico dos **Quiosques** compreende os elementos físicos, sociais e simbólicos e suas relações. são respectivamente: os bancos, propícios para o

descanso, que servem de apoio para a ato de comer/beber e isso torna o ambiente convidativo para a união dos grupos sociais. O pergolado, além de trazer estética e uma divisão espacial, traz a permanência dos usuários e grupos sociais como os donos de pets para o descanso e aproveitar o sombreamento que o pergolado gera. Os próprios Quiosques, como atrativos de alimentação se relaciona com a socialização entre os diversos grupos sociais: donos de pets, moradores, amigos, terapia e a vegetação “grama” com passeio com os pets, com o descanso de usuários, a visão agradável de uma paisagem verde, o cheiro de grama no ambiente.

O **Parquinho infantil**, sendo um “não lugar” segundo a citação de Marc Augé “O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão” (AUGÉ, 1994, p. 95.) possui os seguintes elementos topofóbicos (físicos, sociais e simbólicos), respectivamente: vegetação “árvores” acabam gerando sombra em excesso e sujeira (pois o piso é de terra, inapropriado e dificultado a limpeza como manutenção) relacionando com a desapropriação do espaço, local inapropriado para permanência “dormir”, o que acaba gerando um isolamento social dos seus usuários, que são os moradores de ruas, os usuários de drogas e bebidas alcoólicas; os pisos internos “terra” gera ambiente insalubre, o que acaba resultando em falta de manutenção e muito lixo como garrafas de bebidas alcoólicas jogadas, cigarros no chão, entre outros; o guarda-corpo gera um espaço como uma barreira fechada, mais o fato do grande barulho dos automóveis no viaduto ao lado o que favorece ainda mais os assaltos na Praça e o muro de arrimo que gera uma barreira visual isolando o espaço, favorecendo com uso de drogas e entorpecentes.

Alguns lugares são tanto topofílicos quanto topofóbicos; significa dizer que na Praça existem diversos grupos sociais com culturas diversificadas, que usam a Praça em períodos e horários distintos. Apesar da Praça ser um ponto de encontro de diversidades culturais, ainda existem divergências entre grupos sociais distintos. Como por exemplo, os jovens e suas “tribos” classificam a escadaria dos teatros como um lugar topofílico, com diversão, entretenimento, união de grupos e afins; diferentemente dos moradores dos prédios do bairro, que se localizam também na rua onde ficam os teatros, que ao quais relacionam a escadaria dos teatros a um lugar topofóbico, com barulho, uso de drogas, desrespeito e afins. O mesmo acontece com os skatistas e os moradores dos prédios ao redor da Praça, como por

exemplo, os skatistas classificam a pista de skate, a escadaria do skate e o centro da Praça como um lugar topofílico, também com diversão, entretenimento, união de grupos e afins, diferente dos moradores dos do redor da Praça, que relacionam estes lugares como topofóbicos por desrespeitarem o próximo, andando de skate fora do limite da pista de skate, assim como o barulho do skate. Estes exemplos mostram que, mesmo depois da intervenção na Praça, através de sua requalificação, ainda existem conflitos e divergência dos moradores próximos à Praça com alguns usuários “grupos sociais” desta, identificando-se problemas sociais e culturais relacionados a respeito, limites e preconceitos.

Com os resultados da pesquisa foi possível analisar e identificar o código genético dos quatro cronotopos da Praça. O primeiro, ainda não existia a Praça, mas apenas a Igreja da Consolação e um espaço amplo e vazio; o segundo consubstancia-se na construção da Praça Roosevelt; o terceiro, relacionando à degradação desta e, por fim, a requalificação da Praça. Dentro dos quatro cronotopos, permaneceu como ambiente físico foi a **Igreja da Consolação**, mantendo ao longo da história a sua simbologia e estética juntamente com as missas, como atividade social e os membros “fieis” como grupos sociais. O **Estacionamento** foi o grande marco no primeiro cronotopo e foi aos poucos diminuindo a sua importância com o passar do tempo, sendo alterado seu espaço físico para o subsolo nos demais cronotopos, ainda utilizado no segundo e terceiro cronotopo, no quarto ele se encontra desativado, mas continua presente, sendo utilizado pela polícia e guarda municipal. Os **Quiosques**, elemento que permaneceu como força motora da topofilia, gerando lugar como ponto de encontros, de permanência dos usuários, que se encontram no presente cronotopo, representam as feiras com barracas e tendas no primeiro, segundo e terceiro cronotopo, mantendo as atividades de venda de produtos alimentícios, atraindo o usuário para comer, beber e fazer compras. Este resultado confirma que é possível encontrar o código genético do lugar tanto nos cronotopos passados quanto no cronotopo atual.

Baseando-se no aprofundamento deste estudo, é possível estabelecer diretrizes para melhorar os lugares topofóbicos da Praça Roosevelt. Com relação ao parque infantil, pelo fato desta estar muito próxima a vias com elevado fluxo de veículos que emitem sons em excesso, bem como pelo fato do parque estar em um nível mais abaixo da Praça, o ideal seria realocar o parque para um local mais

seguro, com mais visibilidade, além de aplicar uma pavimentação adequada para crianças usarem o parque como lugar de divertimento. Outra proposta seria o uso de bancos para os pais permanecerem próximos aos seus filhos com conforto, o que geraria maior permanência no lugar.

A igreja deveria estar mais aberta à Praça, sem gradis, com espaços onde a comunidade se relacionasse com os ambientes do local.

Os problemas das escadarias do skate e do teatro são relacionados com seus usos indevidos em determinados períodos do dia. Vê-se como solução a aplicação de placas com identidade visual para trazer a consciência dos usuários a respeitarem os seus espaços. A pista de skate é também pequena para o número de usuários, de modo que seriam necessários mais equipamentos esportivos para evitar a extrapolação do espaço.

A Praça conta com duas edificações de uso institucional, relacionadas à segurança, o que leva a um exagero que muitas vezes se torna ineficaz; o ideal seria setORIZAR as funções de segurança de forma a tornar-se mais eficiente.

Outro ponto importante para a melhoria da Praça relaciona-se ao contexto do seu acesso ao Distrito da República (perímetro e entorno). A acessibilidade deve garantir boa pavimentação, segurança e conforto para os usuários, visando à proximidade aos pontos de ônibus adequados, estação de metrô e estacionamentos particulares.

Para melhoria da sua segurança na Praça, seu o espaço público da Praça deve incentivar atividades 24 horas e estar localizado próximo a estas, citando-se como exemplos restaurantes, cafés, residências, entre outros, além de contar, na proximidade, com equipamentos de postos de saúde e cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, S. **Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Senac, 2008.

ANGELIS, B.L.D. **A Praça no contexto das cidades - o caso de Maringá/PR**. São Paulo, 2000. Tese Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

ARANTES, O. B. F.; VAINER, C. B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 9050/2015: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015.

_____. **NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2011. 11 p.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTALINE V. **Espaços Livres Públicos: O caso das Praças do Metrô de São Paulo**. Pós-R. Prog. Pós-Grad. Arquit. Urb. FAUUSP. São Paulo v.1. n.1 dez. 1990. Brasília, IPHAN, 1995.1999.2004.

CASTRO, E. B. S. F. **Genocídio Velado. Trajetória Da EFNOB e Perspectivas para o Patrimônio Industrial Ferroviário**. Dissertação de Mestrado, UNESP. 2016.

CASTELLO, I. R.. **Equipamentos Urbanos, Grupos Hierárquicos, Parâmetros de Localização e Características Gerais**. 2013.

CHING, F. D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. [4. tiragem]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
Construção Civil, TT/PCC/17).

COUTINHO, Carlos Nelson. **Contra-corrente: ensaios sobre democracia e socialismo**. São Paulo, Cortez, 2000.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DE ANGELIS, B. L. D.; DE ANGELIS NETO, Generoso; CASTRO, R. M. de. **“Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de Praças no Brasil”**. In: Revista Engenharia Civil UM. Nº. 20, p. 57-70. Guimarães, 2004. ediciones UPC, 2000.

FERREIRA, J. C. M. **Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso do espaço público**. São Paulo, 2009.

FRÚGOLI JR., H. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/Edusp/Fapesp, 2000.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **La Humanización del Espacio Urbano**. Barcelona: Editorial Reverté, 2017.

GOVERNO DA ITÁLIA. **Carta de Restauro, 1972**. In: IPHAN: Cartas Patrimoniais. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, p. 147-169.

HADDAD, F. **Agenda 2016 Programa de metas de São Paulo**, São Paulo, 2016

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Cartas Patrimoniais**. 3º ed. rev. aum. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cartas Patrimoniais.

_____. Carta do Restauro. 1972

_____. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Iphan, 2000.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 1980, p.10

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 1983, p.16)

KASSAB, G. **Agenda 2012 programa de metas de São Paulo**, São Paulo, 2012

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3ª ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2004.

LIMA, M. R. C. **Percepção Visual Aplicada à Arquitetura e à Iluminação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

LIMA, P. D. B., **A Excelência em Gestão Pública: a trajetória e a estratégia do GESPÚBLICA**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MARTINS, J. C. **Habitação Social em Centros Urbanos Consolidados: Análise Dialógica desde o Percurso do Projeto ao Uso Social: São Paulo (Brasil) e Roma (Itália)**. Dissertação de Mestrado, UNESP. 2016.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MARCILDO, M. L. **A Cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850**. São Paulo: Pioneira.1973.

MARTINS, J. C., **Edifício-Praça: elemento gerador de espaço público** - Lisboa: [s.n.], 2015. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. 1990.

MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos: EDUSP, 1980.

MENESES, U. B. T. de. **A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 34, 1992, p. 22.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUNTAÑOLA, J. **A paisagem cultural como paisagem dialógica: uma arquitetura para o futuro**. In: Revista Lusofona de Arquitetura e Educação. Sem ano.

_____. **La arquitectura como acción dialógica**. In: Revista Architectonics. Mind, land & society. Barcelona: Edicions UPC, 2007.

_____. **Topogénesis. Fundamentos de una nueva arquitectura**. Barcelona: Edicions UPC, 2000.

_____. **Arquitectura, modernidad y conocimiento**. In: Revista Architectonics. Mind, land & society. Barcelona: Edicions UPC, 2002.

_____. **Hacia una aproximación dialógica a la arquitectura contemporánea**. In: Revista Architectonics, Mind, Land & Society. Arquitectura y dialogia. Barcelona: Edición UPC, n. 13, mayo de 2006.

PAMPANA, A. E. **Arquitetura Contemporânea em Contextos Históricos, uma Relação Dialógica: A Praça das Artes em São Paulo**. Dissertação de Mestrado, UNESP, 2017.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**; tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre, 2011.

PITTS, Arian. **Planning and Design Strategies for Sustainability and Profit**. Oxford: Elsevier/architectural Press, 2004.

PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2001.

PRINZ, Dieter. **Planificación y Configuración Urbana**. 3. ed. Naucalpan, México: Litoarte, 1986.

RAPOPORT, A. **Cultura, Arquitectura y Diseño**. In: Revista Architectonics. Mind, Land & Society. Barcelona: UPC, n. 5, Reimpresión: 2009.

_____ **The meaning of the built environment. A nonverbal communication approach.** Tucson: The University of Arizona Press, 1990.

REIS, A. T. da L.; LAY, M. C. D. Avaliação da qualidade de projetos - uma abordagem perceptiva e cognitiva. In: **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.6, n.3, p. 21- 34. jul./set. 2006.

RIBEIRO, L. C. Q.; CARDOSO, A. L. (Orgs.). **Reforma Urbana e Gestão Democrática: promessas e desafios do Estatuto da Cidade.** 2003

RICOEUR, P. Arquitectura y narratividad. **Revista Architectonics. Mind, Land & Society.** Arquitectura y Hermenéutica, Barcelona: UPC, n. 4, p. 9-29, 2003.

ROGERS, R.; GUMUCHDJIAN, P. **Cidades para um pequeno planeta.** Barcelona: Gustavo Gili. 2001.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** Martins Fontes: São Paulo, 1995.

SALCEDO, R. F. B. Arquitetura e percepção. In: **Revista Hipótese**, v. 2, série 2016

_____ **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil).** São Paulo, Editora Unesp, 2007.

SALCEDO, R. F.B; CHAMMA, P. V. C; MARTINS, J. C; PAMPANA, A. Arquitetura Dialógica no Contexto do Centro Histórico: o Método. PASCHOARELLI, L. C. e SALCEDO, R. F. B. (Org.). **Interação: panorama das pesquisas em Design, Arquitetura e Urbanismo.** Bauru: Canal 6, 2015.

SÃO PAULO (Município). **Lei n. 16.212, de 10 de junho de 2015.** Dispõe sobre a gestão participativa das Praças do município de São Paulo, e dá outras providências. Diário Oficial da Cidade de São Paulo. São Paulo, SP, p. 1, 11 jun. 2015.

SÃO PAULO (SP). **PREFEITURA. 2014.** Disponível em: <http://www.cidadedesapaulo.com>. Acesso em: jan. 2018.

SEBRAE. **Programa Nacional do Desenvolvimento do Varejo 2016-2018.** Disponível em: www.pndv.org.br. Acessado em 04 de abril de 2018.

SEIXAS, J. **A cidade na encruzilhada.** Repensar a cidade e a sua política. Porto, Edições Afrontamento.2013

SILVA, D. R. **Midiatização da Praça Roosevelt: Espaço urbano, skate, conflito e novas tecnologias da comunicação.** Dissertação (Dissertação em comunicação) – Universidade de Brasília, Faculdade De Comunicação Programa De Pós-Graduação. Brasília. 2015.

SILVA, H. M. B. **Observatório do Uso do Solo e da Gestão Fundiária do Centro de São Paulo.** São Paulo: LABHAB, 2006.

TUAN, Y.F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. Universidade de São Paulo.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

YAMASHITA, **Praça Roosevelt, centro de São Paulo: intervenções urbanas e práticas culturais contemporâneas**. Dissertação de Mestrado. USP. 2013.

ZÁRATE, Marcelo. Urbanismo Ambiental Hermenêutico. **Revista Architectonics. Mind, Land & Society**. Barcelona: UPC, n. 28, 2015.

_____. El lugar urbano como estrategia de conocimiento proyectual em urbanismo. **Revista Architectonics. Mind, Land & Society**. Hacia un urbanismo alternativo. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya – UPC, No. 19-20, 2010.

_____. **Perspectivas cognoscitivas y proyectuales posibles para un urbanismo ambiental alternativo**. Indagación en el problema metodológico de un conocimiento holista y una aproximación especialista desde un enfoque sociofísico al desarrollo sustentable. 2001, p. 239-480. Tesis doctoral. Departamento de Proyectos de Arquitectura, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidad Politécnica de Cataluña, España. Disponível em . Acesso em 13 fev. 2016.

_____. **Urbanismo ambiental. La construcción de una perspectiva cognoscitiva alternativa**. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015b.

ZMITROWICZ, W.; Angelis Neto, G. **Infra-estrutura urbana**. São Paulo: Edusp, 1997 (Texto Técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de

ZUCKER, P. **Town and square: from the agora to the village green**. New York: Columbia Press, 1970.

Pesquisas em Sites:

A VIDA NO CENTRO. Disponível em: <http://avidanocentro.com.br/cidades/confira-fotos-e-conheca-a-historia-da-se-o-marco-zero-de-sao-paulo/> - acessado em 14/11/2017. acesso em outubro de 2017.

BRASIL. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro, 6 dez. 1937. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 2 nov. 2011.

CARTA DE ATENAS, 1933 in IPHAN: Cartas Patrimoniais. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/>> acesso em: 06 jan. 2014.

CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em:
<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/a-cidade-de-sao-paulo> - acessado em abril de 2018.

GOOGLE MAPS. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/>> acesso em fevereiro de 2017.

GEOSAMPA, MAPA DIGITAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: Disponível em:
 <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#>

INFORMATIVO, ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL. Disponível em:
<http://www.arquiamigos.org.br/info/info04>. acessado em 18/11/2017.

IBGE, Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS. Disponível em:
 <<http://www.IBGE.com.br> >acesso em 12 abr. 2017

MANIFESTO DE ANSTERDÃ, 1975 in IPHAN: Cartas Patrimoniais. Disponível em:
 <<http://portal.iphan.gov.br/portal/>> acesso em: 06 dez. 2015

MAPA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SÃO PAULO
 <<http://www.sppatrimonio.com.br/#!/loc=-23.547897386798226,-46.64743423461913,15&full=true>>

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Disponível em:
 <www.capital.sp.gov.br> acesso em 12 marco 2017>

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/infraestrutura/sp_obras/arquivos/praca_roosevelt_2.pdf acesso em abril de 2017>

_____ Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/gestao/fonac/sao_paulo/). acesso em maio de 2018>

_____ São Paulo: História - 24/08/2012 Acesso em 15 de abril de 2017.
 Disponível em:
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/gestao/fonac/sao_paulo/

_____ http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/legislacao/planos_regionais/index.php?p=1901

RECOMENDAÇÃO DE NAIRÓBI, 1976 in IPHAN: Cartas Patrimoniais. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/portal/>> acesso em: 25 out. 2016.

SUBPREFEITURA SÉ: Disponível em:
 <www.prefeitura.sp.gov.br> acesso em 06 jan 2016

SECRETARIA DA CULTURA: Disponível em:
www.cultura.sp.gov.br acesso em 10 de fev. 2017

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DE SÃO PAULO: Disponível em :
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/planejamento/zoneamento/0001/parte_II/se/q_04.pdf> acesso em 10 jan 2017

SÃO PAULO ANTIGA: Disponível em:
<www.saopauloantiga.com.br> acesso em 14 de março 2017

UNESCO, Recomendações relativas à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea, 1976. In IPHAN. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/portal/>> acesso em 07 jan. 2017

VIVA O CENTRO. Disponível em :
<www.vivaocentro.com.br> acesso em 05 fev de 2018

VCSP, visite o centro de São Paulo. Disponível em:
<http://visitecentrodesaopaulo.com.br/>

VITRUVIOS, REVISTA DIGITAL. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas>.

ANEXOS

Anexo A - Formulário - Levantamento do Ambiente Físico e Avaliação Qualitativa da Praça, Equipamentos e Estruturas Existentes Realizada Pelo Pesquisador.

Nome da Praça: Frankling Roosevelt	Área Terreno: 28.852,14 m ²	QUANTIDADE DE ACESSOS NA PRAÇA: <u>10</u>
Nome Popular: Praça Roosevelt	Área Construída: 3.672 m ²	DATA DA AVALIAÇÃO: <u>12 / 10 / 2017</u>

FORMA GEOMÉTRICA:	RETANGULAR	CIRCULAR	OVAL	TRIANGULAR	OUTRA:
					Poligonal
TRAMA URBANA:	SISTEMA RETANGULAR	SISTEMA RADIAL	SISTEMA TRIANGULAR	OUTRA:	
			x		
TIPOLOGIA:	PRAÇA DE IGREJA	DESCASO E/OU RECREAÇÃO	CIRCULAÇÃO	SIGNIFICADO VISUAL	
	x	x			
TOPOGRAFIA:	PLANA	DECLIVE	LADEIRA	PLATÔS	
				x	
TRAÇADO DAS CALÇADAS/CAMINHOS:	LINEAR	CURVO	RADIAL	SEGUIMENTO	
	x				

EQUIPAMENTOS/ ESTRUTURAS	PRESENTE		QUANT.	MATERIAL	ESTADO DE CONSERVAÇÃO (AVALIAÇÃO REALIZADA PELO PESQUISADOR)				
	SIM	NÃO			ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM	PÉSSIMO
Bancos	x		28	Concreto	-	-	x	-	-
ILUMINAÇÃO	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alta	x		35	Metálico	-	x	-	-	-
Média	x		20	Metálico	-	x	-	-	-
Baixa		x	-	-	-	-	-	-	-
Lixeiras	x		32	Metálico	-	-	x	-	-
Placas	x		11	Metálico	-	x	-	-	-
Postes	x		16	Metálico	-	x	-	-	-
Sanitários		x	2	-	-	-	-	-	-
Telefone público		x	-	-	-	-	-	-	-
Bebedouros		x	2	-	-	-	-	-	-
Palco/coreto		x	-	-	-	-	-	-	-
Obra de arte/ Monumento		x	-	-	-	-	-	-	-
Espelho d'água/ chafariz		x	-	-	-	-	-	-	-
Estacionamento	x		1	Concreto	-	-	-	x	-
Ponto de ônibus	x		2	-	-	-	-	x	-
Ponto de táxi	x		1	-	-	-	-	x	-
Quadra esportiva		x	-	-	-	-	-	-	-
Mesas para jogos		x	-	-	-	-	-	-	-
Parque infantil	x		1	Terra	-	-	-	-	x
Banca de revista		x	-	-	-	-	-	-	-
Quiosque de alimentação e/ou	x		3	Metálica, madeira e	x	-	-	-	-

similar				vidro					
Identificação/ comunicação visual	x	-	15	Metálica	-	-	-	-	-
Edificação institucional	x	-	2	Metálica, madeira e vidro	-	X	-	-	-
Templo religioso	x	-	1	Concreto	X	-	-	-	-
Pisos internos	x	-	-	Concreto	-	X	-	-	-
Calçadas	x	-	-	Concreto	-	-	X	-	-
Equipamentos para exercícios físicos	-	x	-	-	-	-	-	-	-
VEGETAÇÃO	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gramas	x	-	-	-	-	-	X	-	-
Arbustos	x	-	92	-	-	-	-	X	-
Árvores Pequenas	x	-	21	-	-	-	-	X	-
Árvores Médias	X	-	68	-	-	-	-	X	-
Árvores Grandes	X	-	53	-	-	-	-	X	-
Forrações	-	X	-	-	-	-	-	-	-
Palmeiras	X	-	22	-	-	-	X	-	-
Paisagismo	X	-	-	-	-	-	-	X	-
Localização		-	-	-	-	-	-	-	-
Conservação/ limpeza	x	-	-	-	-	-	-	-	X
Segurança	X	-	-	-	-	-	X	-	-
Conforto ambiental	-	X	-	-	-	-	X	-	-
Traçado dos caminhos	X	-	-	-	-	X	-	-	-
Caminhos	x	-	-	-	-	x	-	-	-

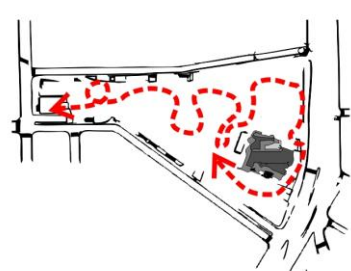
Fonte: adaptado de DE ANGELIS et al., 2004.

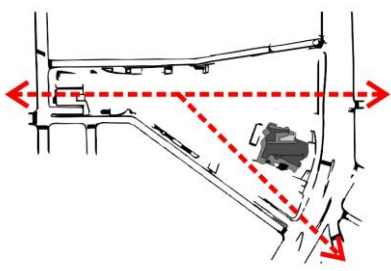
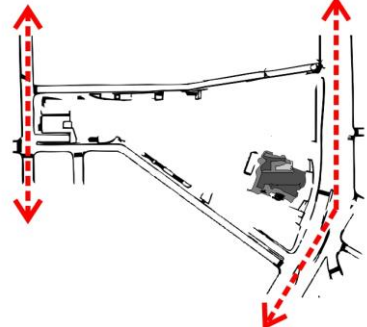
Anexo B - Questionário - Levantamento Físico, Social e Simbólico - Pesquisa de Opinião

- DATA DA PESQUISA: __/__/__		- HORÁRIO/PERÍODO: _____			
Nº _____	IDADE: _____		GENERO:	M	F

RESIDE NO BAIRRO CONSOLAÇÃO?	SIM	NÃO	SE NÃO, EM QUE BAIRRO MORA?			
			R: _____			
NÍVEL DE INSTRUÇÃO:	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO	ENSINO SUPERIOR	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO
OCUPAÇÃO:	TRABALHADOR	ESTUDANTE	DONA DE CASA	APOSENTADO	DESEMPREGADO	EMPRESARIO:

- 1- EM MÉDIA, QUANTAS HORAS VOCÊ TRABALHA POR SEMANA? _____
- 2- EM MÉDIA, QUANTO TEMPO VOCÊ DEDICA AO LAZER POR SEMANA? _____
- 3- NOS SEUS DIAS DE FOLGA, NA MAIOR PARTE DAS VEZES, VOCÊ: ☐ FICA EM CASA
☐ SAI DE CASA
- 4- QUAIS LUGARES (ATÉ 3) VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR NOS SEUS DIAS DE FOLGA?
- ☐ CAMPO ☒ CINEMA ☐ CLUBE ☐ PARQUE ☐ PRAÇA ☐ SHOPPING
- ☐ CASA DE PARENTES E/OU AMIGOS ☒ OUTRO: _____
- 5- SOBRE A PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT VOCÊ:

A) FREQUENTA A PRAÇA: SIM () NÃO () - POR QUÊ? R: _____ _____	
---	---

B) ATRAVESSA PELA PRAÇA: SIM () NÃO () - POR QUÊ? R: _____ _____	
B) PASSA PELA PRAÇA: SIM () NÃO () - POR QUÊ? R: _____ _____	

OBS: SE A RESPOSTA FOR “NÃO” NO ITEM “A”, PASSAR PARA A PERGUNTA “11”.

1- QUAL, OU QUAIS DIAS DA SEMANA VOCÊ FREQUENTA À PRAÇA?

☐ DURANTE A SEMANA ☐ SÁBADOS ☐ DOMINGOS ☐ FERIADOS

3- EM QUE PERÍODO VOCÊ FREQUENTA COM MAIS FREQUÊNCIA À PRAÇA?

☐ MANHÃ ☐ TARDE ☐ NOITE

4- EM MÉDIA, QUAL É O SEU TEMPO DE PERMANÊNCIA NA PRAÇA?

☐ 1 HORA ☐ 2 HORAS ☐ 3 HORAS ☐ MAIS QUE 3 HORAS

5- QUAIS ATIVIDADES VOCE DESENVOLVE NA PRAÇA?

☐ TOMAR SOL ☐ DESCANSAR ☐ CAMINHAR ☐ PRATICAR ESPORTES ☐ LER ☐ SENTAR

☐ LEVAR CRIANÇA/FILHO PARA BRINCAR ☐ CONTEMPLAR ☐ OUTROS: _____

6- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE VER REFERENTE A PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT? PORQUE?

R: _____

7- O QUE VOCÊ MENOS GOSTA DE VER REFERENTE A PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT? PORQUE?

R: _____

8- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE OUVIR REFERENTE A PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT? PORQUE?

R: _____

9- O QUE VOCÊ MENOS GOSTA DE OUVIR REFERENTE A PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT? PORQUE?

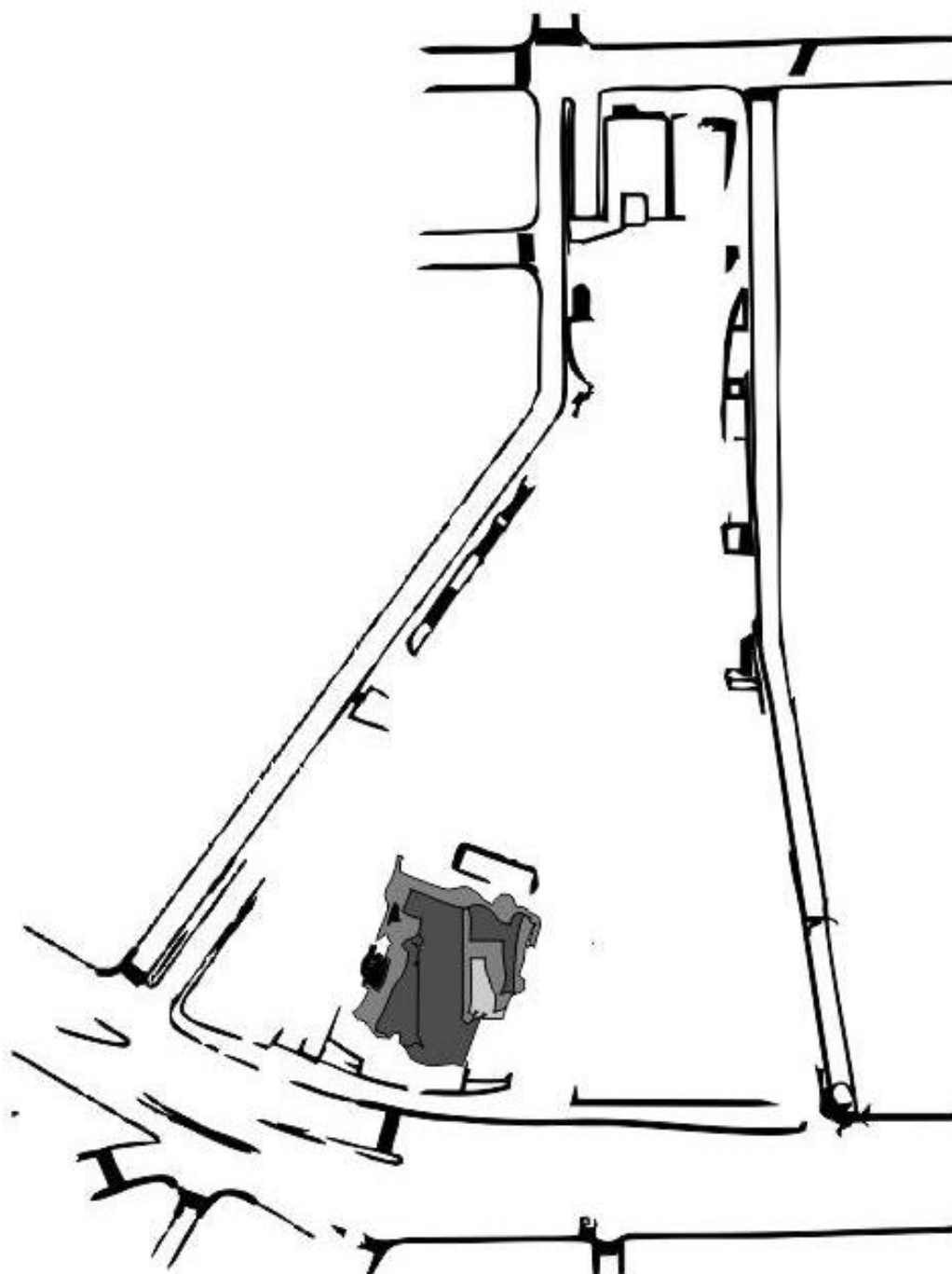
- R: _____
- 10- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT? PORQUE?
- R: _____
- 11- O QUE VOCÊ MENOS GOSTA NA PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT? PORQUE?
- R: _____
- 12- VOCE SENTE ALGUM AROMA/CHEIRO ESPECIFICO (PREDOMINANTE) NA PRAÇA? ☐ FICA ☐ SAI DE CASA
QUAL? _____ É AGRADÁVEL? ☐ SIM ☐ NÃO
- 13- VOCÊ SENTE VONTADE DE COMER/BEBER/SE ALIMENTAR NA PRAÇA? ☐ SIM ☐ NÃO
O QUE? _____
- 14- QUANDO VOCÊ ESCUTA A PALAVRA PRAÇA ROSEVELT, O QUE VEM NA SUA CABEÇA?
- R: _____
- 15- QUAL A SENSACÃO DE FREQUENTAR/ATRAVESSAR/PASSAR NA PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT?
- R: _____
- 16- HÁ PROBLEMAS NA PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT? SE SIM QUAIS?
- R: _____
- 17- O QUE VOCÊ ACHA NECESSÁRIO MELHORAR NA PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT?
- R: _____
- 18- QUAL É SUA OPINIÃO SOBRE A PRAÇA FRANKLING ROOSEVELT?
- R: _____
- 19- COM RELAÇÃO AS EDIFICAÇÕES ENVOLTA DA PRAÇA ROSEVELT, QUAIS CONSIDERA AGRADÁVEIS, POR QUE?
- R: _____
- 20- COM RELAÇÃO AS EDIFICAÇÕES ENVOLTA DA PRAÇA ROSEVELT, QUAIS NÃO CONSIDERA DESAGRADÁVEIS, POR QUE?
- R: _____

Anexo C - Avaliação Qualitativa da Praça, Equipamentos e Estruturas Existentes Realizada pelo Usuário.

EQUIPAMENTOS/ESTRUTURAS	NOTA (AVALIAÇÃO REALIZADA PELO USUÁRIO)				
	ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM	PÉSSIMO
Bancos					
Iluminação					
Lixeiras					
Sanitários					
Telefone público					
Bebedouros					
Palco/coreto					
Obra de arte/Monumento					
Espelho d'água/chafariz					
Estacionamento					
Ponto de ônibus					
Ponto de táxi					
Quadra esportiva					
Mesas para jogos					
Parque infantil					
Banca de revista					
Quiosque de alimentação e/ou similar					
Edificação institucional					
Templo religioso					
Pisos internos					
Calçadas					
Equipamentos para exercícios físicos					
Vegetação					
Conservação/limpeza					
Segurança					
Conforto ambiental					
Caminhos					

Fonte: adaptado de DE ANGELIS et al., 2004.

Anexo D - Mapa Para Apontamento e Justificativas de Locais que Geram Topofilia e Topofobia.



Fonte: Próprio Autor, 2017.